

---

VIENNA.

IMPERIAL E REAL TYPOGRAPHIA. 1864.

---

Li

# A CONFEDERAÇÃO

DOS

## TAMOYOS.

POEMA

POR

D. J. G. DE MAGALHAENS.

SEGUNDA EDIÇÃO. REVISTA, CORRECTA E ACRESCENTADA PELO AUCTOR.



RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER

RUA DO OUVIDOR N.º 69.

1864.



44425 AA  
1948

B869.1

M.188.3400

1869

20-5

M. J. G.  
25-V-48

3

A SUA MAJESTADE

O SENHOR D. PEDRO II.

**IMPERADOR CONSTITUCIONAL**

E

DEFENSOR PERPETUO

DO

BRASIL.

Senhor!

Não é um simples motivo de particular gratidão por especiaes favores devidos à Vossa Magestade Imperial, e sim um sentimento mais patriótico de profunda admiração, e elevado reconhecimento pela prosperidade do nosso paiz, devida à sabedoria, justiça e amor às instituições livres, que tão altamente brilham no Throno na Augusta Pessoa de Vossa Magestade Imperial; é este nobre sentimento que me inspira

a idéa de offerecer e dedicar á Vossa  
Majestade Imperial este meu trabalho  
litterario, como um tributo espontaneo  
de um subdito fiel ao melhor dos Mo-  
narchas.

Vossa Majestade Imperial deseja  
ser amado pelas suas virtudes publicas  
e privadas, que tanto edificam: e o Bra-  
sil todo o ama, e o admira.

Si os bens materiaes, que crescem  
todos os dias entre nós, assás apregoam  
a solitudine de Vossa Majestade em  
promovel-os, muito mais apregoam a  
sabedoria do seu governo os bens moraes  
e politicos de que gozamos, e pelos quaes  
velhas nações da Europa ainda hoje der-  
ramam rios de sangue.

A instrucção publica propagada e protegida, a completa liberdade da imprensa, a independencia da tribuna, a tolerancia dos cultos, os publicos empregos franqueados a todas as capacidades e talentos; o desentravamento do commercio; todos estes grandes bens, e os que d'elles necessariamente se derivam, ahi estão para apresentar o Brasil como uma nação constituida segundo a dignidade da natureza humana, e conforme os dictames da esclarecida razão e da boa politica, e dar ao mesmo tempo de Vossa Magestade Imperial ao mundo a idea de um Principe perfeito, todo empenhado em promover o bem do seu povo.

Taes sendo os justos motivos  
da minha gratidão, ninguém poderá  
taxar-me de lisonjeiro.

Digne-Se Vossa Magestade Im-  
perial aceitar a minha offerta, e aco-  
lher Benigo os meus ardentes votos pela  
vida e prosperidade de Vossa Magestade  
Imperial.

Beija as sagradas mãos de Vossa  
Magestade Imperial o

De Vossa Magestade Imperial

*Subdito fiel e reverente*

Domingos José Gonsalves de Magalhaens.

## ADVERTENCIA

SOBRE ESTA NOVA EDIÇÃO.

A honra não esperada que S. M. Imperial o Senhor D. Pedro II se dignou fazer a este poema, mandando-o imprimir á sua custa, em uma bella edição; os louvores, e ainda mesmo a critica benevola com que o acolheram os litteratos nacionaes, e alguns estrangeiros,\*) impozeram-mé o rigoroso dever de revistar a minha obra, e expurgal-a das incorrecções e faltas que se occultaram por assim dizer no meu manuscripto, e melhor appareceram pela regularidade e limpeza dos typos depois que a vi impressa.

Muitos desses erros e descuidos, além dos typographicos, têl-os-ia eu reparado durante o trabalho da impressão e revisão das provas, como fazem

\*) Os mui distinctos Litteratos D. João Guttierrez, Riccardo Ceroni, Ferdinand Wolf. J. Soares de Azevedo, e Innocencio Francisco da Silva, que honraram este poema com primorosas Analyses e Noticias. O auctor penhorado por tanta benevolencia, aqui lhes offerece as expressões do seu profundo reconhecimento.

todos os que dão ao prelo seus escriptos, si a primeira edição se não fizesse tão longe dos meus olhos, de modo que os incumbidos d'ella nem sequer poderam consultar-me em caso de duvida.

Revendo o meu livro com mais vagar, não limitei o meu reparo sómente aos erros de linguagem, ás imperfeições do estylo, e ás asperezas, ou froxidão de alguns versos mal torneados, na impaciencia de concluir um longo trabalho, tantas vezes interrompido por outros; muitos acrescentei em varios logares que pareciam estar pedindo mais qualquer rétoque e realce, ou maior desenvolvimento; sendo que alguns dos addicionados existiam na confusão do primeiro autographo, e foram omitidos por descuido, quando, em vespéras de uma longa viagem, apressadamente o passei a limpo. E com todas estas numerosas emendas e acrescentamentos sairá esta edição muito melhorada, e tal como desejo que fique, e sirva de norma a qualquer outra que por ventura se haja de fazer para o futuro, si alguém se lembrar disso.

Diceram alguns criticos dos mais benevolos, e credores de todas as satisfações, que devêra o auctor ter preferido a oitava-rima na composição deste poema. Seja-me permittido aqui responder, que talvez me não fosse isso mais difficil do que escrevel-o em versos soltos. Ao menos nunca achei maior

embaraço, antes maior facilidade, quando metrificando outras muitas obras, julgei conveniente rimar os meus versos e dividil-os em estancias regulares. A rima facilita a versificação e lhe encobre os defeitos; e dado uma vez o compasso das estancias, amolda-se o pensamento sem mais trabalho. Mas razões tive para em uma longa composição desta natureza não escravisar o desenvolvimento das idéas a um compasso uniforme, e á monótona zoadá de repetidas syllabas consoantes.

Os nossos poetas tragicos julgaram o zumzum das rimas incompativel com a gravidade do dialogo tragico; e com effeito, a perfeita expressão dos affectos, a vehemencia das paixões, e a propriedade da linguagem excluem tanto essa machinal divisão de períodos iguaes, como esse pueril chocalho de consoantes repetidos e contados, que bem assentam nas composições facetas, lyricas, e monologas; e ainda assim variam ás vezes os poetas a medida das estrophes para evitar a fastidiosa uniformidade.

A repetição dos mesmos sons, que dá graça em certos logares, é ridicula em outros, e prolongada, torna-se insupportavel e soporifica, como o seria a musica que não variasse de compasso e de notas; e jamais compensa em um poema heroico o damno que causa á inergia do estylo, á gravidade do pensamento, á variedade das pausas, á naturalidade

#### XIV

da linguagem, á viveza do dialogo, á liberdade na escolha da expressão, e á mais conveniente collocação das palavras; o que tudo se sacrifica á monotonia da rima e á symetria das estancias, que não dão belleza alguma.

O poema epico, encerrando em sí todos os generos de poesia, e sendo a composição mais longa e difficil do espirito humano, exaltado pela inspiração, devera talvez adoptar todas as fórmas poeticas, para melhor exprimir a parte heroica, a lyrica, a tragica, a didactica, a discriptiva e a dialogica; mas prevalecendo em quasi todas as Nações de origem latina o emprego exclusivo do hendecasyllabo na epopéa, como o mais energico, e o mais susceptivel de variar de cadencia, sem ser preciso alterar a simplicidade da fórma, para que submettel-o ao compasso uniforme de periodos iguaes, e ligal-o com essa barbara toada das ultimas syllabas consoantes?

Si Camões e Tasso, cedendo ao gosto do seu tempo, adoptaram a oitava-rima em suas sublimes epopéas, á imitação de Boiardo e Ariosto que antes a empregaram em seus poemas heroe-comicos, onde ella assenta, não é isso razão para que se conformem os modernos a tal exemplo. Porque não preferiram os dous epicos a terça-rima de Dante? Sem duvida porque essas estancias pausadas e curtas, que obrigam o pensamento a circumscrever-se, e a

parar de tres em tres versos, tem um compasso funebre e lento de quem triste caminha meditando, e ouve o echo da sua voz resoar nas obobadas do claustro, ou por entre os cyprestes do cemiterio; e por isso convem ao estylo sentencioso e grave da elegia.

A oitava-rima, composta de dous quartetos ligados, terminando pela rima-parelha, de todas a mais retumbante, e a mais insupportavel, si bem offereça mais largo espaço ás descripções, constrange com tudo o pensamento, como em um leito de Procrusta, ora a estirar-se, ora a encolher-se fóra de proposito, e a estalar sempre methodicamente por duas pancadas consoantes; o que tem alguma cousa de comico; e por isso mais adequada ás composições satyricas, e burlescas, em que o poeta, não tendo em mira a verdade, e a bella natureza, procura com brinquedos de palavras, e exagerações alegrar o estylo, e provocar o riso.

Não ha pensamento sublime, nem lance pathetico, nem grito de dôr que toque o coração com a graça attenuante do consoante.

Á majestade da epopéa, como á seriedade da tragediasó convêm o hendecasyllabo livre da facecia da rima, e do compasso monótono de periodos iguaes; a fim de que possa o poeta em tão longa

## XVI

digressão variar o estylo e as pausas, segundo as necessidades do pensamento e do canto.

Não se sustenta o poema epico pela rima; não precisa d'ella o sonoro hendecasyllabo portuguez, nem a nossa lingua tão Latina. Dura, pobre e pouco malleavel em comparação á nossa é a lingua ingleza; entretanto Milton, que privado da vista, mui apurado havia de ter o ouvido, como exaltada tinha a mente, e enriquecida a memoria, não julgou acertado rimar o seu Paraiso Perdido; nem por essa falta de consoantes, que é mais uma prova do seu bom gosto, deixa o seu immortal poema de ser lido e admirado, antes por isso o louva Chateaubriand, seu glorioso traductor. Já não fallo dos antigos, que não conheciam essa invenção dos Arabes, transportada nos seculos barbaros da sua dominação na Europa para a poesia das Nações modernas. Como uma onomatopéa não duvidei empregar a rima, quando o julguei conveniente, sem fazel-a estralar no fim do verso. E muitas vezes mais trabalho tive em evitar a rima, do que o teria em achal-a.

Taes foram as razões que me aconselharam a preferir aqui o verso sôlto.

A CONFEDERAÇÃO  
DOS TAMOYOS.

---

CANTO PRIMEIRO.

## ARGUMENTO.

Invocação ao sol e aos Genios dos bosques do Brasil. — Primazia desta parte d'America. — O Amazonas e o Paraná. — Nada é comparavel ás bellezas desta natureza virgem. — Seus Indigenas. — Perseguição contra elles. — Aimbire, o mais audaz dos chefes Tamoyos, confedera todas aquellas tribus contra os Portuguezes. — Para esse fim vai elle procurar Pindobuçú, e o acha dando sepultura a um filho. — Lança Aimbire uma pedra sobre essa sepultura, que encerra talvez o cadaver de um amigo, e recordando-se do tempo da sua infancia, saúda a terra em que nascêo, e á que volta depois de longa ausencia. — Pindobuçú o reconhece, e lhe diz que o morto é Comorim seu filho. — Lamenta Aimbire a perda do companheiro da sua infancia. — Conta-lhe Pindobuçú como fôra o filho mortalmente ferido defendendo sua irmã Iguassú, atacada por alguns Portuguezes, dos quaes tres ou quatro foram mortos na lucta. — Jura Aimbire vingar a morte do amigo; e aproveita a occasião para ligar aquella tribu contra os Portuguezes.

## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

### CANTO PRIMEIRO.

Oh sol, astro propicio, que abrilhantas  
Do criado universo altos prodigios;  
Que aos bosques dás verdor, doçura aos fructos,  
E os pétalos das flores vario esmaltas!  
Oh sol, vital principio, que na terra  
O tenro germe da semente aqueces,  
E o fecundas co'os teus benignos raios:  
Luzeiro perennal, nume adorado  
Dos innocentes filhos da Natura,  
Que mal seu Criador, seu Deos conhecem!  
Oh sol, accende-me hoje a mente ousada,  
Que azas desprende em mais erguidos vôos.

Vós, solitarios Genios dos desertos  
Do meu patrio Brasil, nunca invocados  
Té-qui por nenhum vate, a cujas vozes  
Doçura deram do Carióca as aguas; (1)  
Genios, que outr'ora com choroso accento  
Suspiros repetistes lamentosos  
De tantas malfadadas tribus de Indios,  
Que viram do Europêo n'ávida espada  
O sangue gotejar dos caros filhos;  
Gratas inspirações prestai-me, oh Genios,  
Que aviventem o amor do patrio ninho.  
Dos Tamoyos o intrepido ardimento,  
Tão fatal á colonia portugueza,  
Do olvido sorvedor hoje exhumemos:  
Na mente bafejai-me imagens que ornem  
Dos filhos dos sertões a sorte adversa.

Das Americas plagas venturosas,  
Que ás mais plagas do mundo nada invejam,  
Ufana-se o Brasil como a primeira.  
Formosa é sempre aqui a Natureza,

Eterna a primavera, o outono eterno.  
Em leitos diamantinos pura lympha  
Em correntes caudaes seus campos rega.  
Innumeras, pujantes catadupas,  
Voz dando á solidão, em crystaes curvos  
De rochedos alpestres se despenham;  
E de horrendo estridor pejando os ermos,  
De valle em valle, entre asperas fraguras,  
Onde atroam tambem gritos das feras,  
Das serpes os sibilos, e os trinados  
Dos passaros, e a voz dos roucos ventos,  
Viva orchestra parece a Natureza,  
Que a grandeza de Deos sublime exalta!

Balisa natural ao Norte avulta  
O das aguas gigante caudaloso,  
Que pela terra alarga-se vastissimo;  
Do Oceano rival, ou rei dos ríos,  
Si é que o nome de rei o não abate;  
Pois mais que o rei supera em pompa e brilho,  
No solio á multidão em torno curva,

Supera o Amazonas na grandeza  
A quantos ríos ha grandes no mundo!  
O Kiang, o Nilo, o Volga, o Mississípe,  
Inda que n'um só leito se ajunctassem,  
Com elle emparelhar não poderiam!  
Ao lado seu direito, e ao esquerdo lado,  
Mil feudatarios ríos veem pagar-lhe  
Tributo perennal de suas aguas.  
Resupino gigante se afigura,  
Qual outro Briarêo, mas verdadeiro,  
Que estende os braços para arcar a terra!  
Pujante assim no Atlantico se entranha,  
Ante sí repellindo o argenteo salso,  
Como si já na terra não coubera,  
Ou como de inundal-a receioso,  
Si mais longo, e mais lento a discorresse!  
O Amazonas co'o Oceano enfurecido  
Lucta renhida trava interminavel,  
Para roubar-lhe o leito; e ronca, e espuma,  
Qual no lago, enlaçada a cauda a um tronco,  
Feroz sucuriúba hórrida ronca (2)  
Quando sente mover-se á flôr das aguas

Lontra ligeira, ou anta descuidada,  
E inchando as fauces, a cabeça eleva,  
Os queixos escancara, a lingua sóta,  
Para de uma só vez tragar o amphibio.  
Tal no pleito co'o Oceano o Amazonas,  
Para sorvel-o, a larga foz medonha  
Legoas abre setenta! A ingente lingua  
Estende de tres vezes trinta milhas,  
Como uma longa espada, que se embebe  
Ao través do Atlantico iracundo,  
Que gemendo recúa no arremesso,  
E em montes alquebrado o dorso enruga.  
Armas que joga ao mar são grossos troncos  
Arrancados na furia, são pedaços  
De esbroadas montanhas que elle mina.  
Ao inchar do seu corpo desmedido,  
Quando se lhe antepõe o mar alçado,  
Seus gritos são trovões tão horrorosos,  
Que alli parece submergir-se o mundo;  
E equorea, espessa nuvem se levanta,  
Como uma chuva contra o céo erguida,  
Reflectindo do sol os sete raios,

Em repetidos arcos iriados.  
Tal o conquistador, que co'os despojos  
Dos reis desthronisados se opulenta,  
Ou co'os tributos dos vencidos povos,  
Em pé firme no carro do combate,  
Envolto n'uma nuvem de poeira,  
Na frente vai levando debandada  
Ingente alluvião de imigas hostes,  
E ante as portas de bronze do castello  
Nova victoria alterca porfiosa.

Da opposta parte, não tão majestoso,  
Mas grande em sí, o Paraná se alonga  
Da serra Mantiqueira, que se eleva  
Sobre aurifero solo, e cava, e afunda  
Largo sulco nas terras que devassa;  
Como escorregadiça, argentea estrada,  
Obra sem par das mãos da Natureza,  
Em prol dos filhos seus circumvisinhos.  
No trajecto veloz se assenhoreia  
De pingues, numerosos affluentes,  
Té no Prata perder-se, ou dar-lhe origem.

Nesta vasta extensão do Eden terrestre  
Se ostenta o céu tão lindo, e tão sereno,  
Como os olhos da virgem, cuja mente  
Erma está de amorosos dessocegos;  
Tão crystallino e azul, como um zimbório  
De inteiriça turqueza, ou de saphira.  
Os ares tão nectareos, como o aroma  
Que no dia nupcial o ardente esposo  
Nos puros labios frê da virgem noiva,  
Co'as primicias de amor, beijos suaves!  
E tão leda e garbosa a Natureza,  
Qual de almo riso salpicadas faces  
De mãe terna, expandida entre os filhinhos,  
Que innocentes meiguices lhe tributam.

Oh vós da Grecia deleitosos campos,  
Onde o Alphêo e o Eurotas serpenteam,  
E em cujas margens Dryades habitam!  
Montes, que dais abrigo em vossos topos,  
De loureiros á sombra, ás castas Musas;  
Vós não assoberbais a majestade  
Destes montes brasilios, destes bosques!

Desdenha este sumptuoso Paraiso  
As sonhadas ficções da mente humana;  
Malignos Faunos, pudibundas Nymphas  
Nestas virgens florestas não vagueam:  
Grande como sahio das mãos do Eterno,  
A Natureza é tudo, e excede ao homem,  
Que ha de bem cedo emparelhar com ella!  
Oh placido remanso!.. Aqui a mente  
Repousa, e se deleita em contemplal-o;  
E no intimo d'alma, que se espraia,  
Resôa de seu Deos a voz cadente,  
Como resôa em bosques de palmeiras  
Vago sopro das auras matutinas.

Raças mil de homens livres, sem cultura,  
Cuja origem té hoje ignora o mundo,  
Estes sertões outr'ora povoaram,  
Antes que a industria e as artes, transplantadas  
Pelas mãos do Europêo, aqui mudassem  
Brutas pedras e troncos em cidades.  
Mas quanto, oh Parahyba, quanto sangue

De innocentes Indígenas primeiro  
Tuas aguas tingio, regou teus campos!

Tu só, Religião sublime e sancta  
Do Deos por nosso amor martyrisado,  
Tu só consolador oleo verteste  
Nos ulcerados corações dos Indios.  
Tu só com mão piedosa as almas cordas  
Da harpa mysteriosa revolvendo,  
Milagrosos accentos extrahiste,  
Que os filhos dos desertos encantaram,  
E á tua grei os foram attrahindo.  
Si as maravilhas tuas cantar posso,  
Meu estro fortifica, aquece-o, anima-o  
Co'uma brasa do teu sacro thuribulo.

Oh! e porque tão frio, tão amargo  
Pranto verteis, meus olhos magoados?  
Tanto dos Indios vos contrista a sorte,  
Ou dos nossos maiores a dureza  
Com que á escravidão os reduziram?  
A escravidão! oh céos! Quando no mundo

Para sempre será tal crime extincto?  
Mãos foram nossos pais para com elles.  
Torpe ambição, nefaria crueldade  
Os esforços mil vezes deslustraram  
Dos primeiros colonos lusitanos,  
Que o amor do aureo metal, e feios crimes  
A estas virgens plagas conduziram.

Não, dos canhões não foi o echo estrondoso  
Que ao Indio impoz terror; nem mesmo a morte;  
Que mortes e trovões terror não causam  
Aos filhos dos sertões, á guerra affeitos,  
Que livres deslizavam vida errante.  
Foi sim o captiveiro, algemas foram,  
Que alguns, ora colonos, de seus pulsos  
Aos pulsos dos Indígenas passaram;  
Alguns ora colonos, mas que outr'ora  
Em Lisia réos infames se opprimiam  
De empestadas prisões nos subterraneos.

Como preza a andorinha a liberdade,  
E por instincto sõe cantar errante,

Errante fabricar ligeiros ninhos,  
E si é no aéreo carcere encerrada,  
Triste pende a cabeça, encolhe as azas,  
Cala o trinado que soltava livre,  
Rejeita tenue grão, suspira e morre:  
Não menos estes filhos das florestas  
Errante vida, e liberdade estimam.  
Ora aqui, ora alli erguem choupanas,  
E onde frondosas arvores estendem  
Pejados ramos de gostosos fructos,  
Ahi é seu paiz, ahi se abrigam.

„Toda esta terra é nossa, e nunca falta  
Terra para os mortaes. O passarinho  
Que nos ares nascêo, nos ares vôa,  
E nem n'um tronco só seu ninho tece;  
Embora sobre a terra o tronco firme,  
Supporte a chuva, e o sol, e o vento, e o raio;  
Não tem membros o tronco que o transportem.  
Mas nós, homens, a quem Tupan dêo tudo,  
Nós, que livres nascémos nestes bosques,  
Porque cobardes, sem luctar, escravos

Nos faremos agora do estrangeiro?“  
Deste geito discorrem os selvagens.

Depois que as praias, e os sertões brasilios,  
Ribombando o trovão da artilheria,  
Repetiram taes sons — tudo isto é nosso,  
Viram-se os Indios sob o peso curvos  
De asperrimos trabalhos, como brutos,  
Que os Portuguezes brutos os julgavam,  
Cantando ao som do látego incessante,  
Mas cantico de dôr, com voz de escravo.

Não mais, grótas, não mais em vós soava  
O canto do homem livre! — A liberdade  
Trocado havia em lucto as brancas vestes,  
E só tristes gemidos exhalava;  
Como o guará, que perde as alvas pennas <sup>(3)</sup>  
E novas, porém negras, só lhe crescem;  
E de tão lindo que era, e tão garboso,  
Adejando ligeiro á flôr do lago,  
Co'o róstro ora ferindo-o, e contemplando

Sua imagem no meio de mil orbes,  
Que iam delineando as moveis aguas;  
Ora curvando a aquatica vergontea  
Co'o peso de seu corpo, qual esbelta  
Virgem, que em bamba corda se embalança;  
Ora emfim alongando o airoso collo  
Como uma flauta eburnea, a voz soltava;  
De tão lindo que elle era, se transforma  
Em passaro funéreo, e fugitivo  
Geme, como carpindo a perda sua,  
E nem ousa mostrar-se envergonhado;  
Até que o lucto em purpura se muda  
Co'as novas plumas que lhe crescem rubras.

Assim fugiste, oh cara liberdade,  
De lucto envolta; e só com sangue agora  
Te é dado o triumphar! — Ai, pobres Indios!  
Uns faziam gemer a virgem terra  
Com repetidos golpes das enxadas;  
Outros nos densos mattos mutilavam  
Arabutans, jacarandás, graúnas,  
E os bosques rebramavam co'as pancadas

Resoantes dos machados: -- parecia  
Que de dôr se carpíam, por se verem  
Roçados pelas mãos de homens escravos,  
Pela primeira vez; homens que outr'ora  
Livres á sombra sua se acoutavam.  
Outros emfim das abas das montanhas,  
Sobre os despidos hombros já callosos,  
Os lavrados esteios carregavam,  
Que deviam erguer nascentes villas,  
Para commodo só de impios senhores.

Ainda tudo não é! Mesmo no centro  
De incognitos sertões o Luso armado,  
Como da destruição o infrene genio,  
Levava o captiveiro, o horror, o estrago,  
O incendio e a morte ás Tabas indianas. (4)  
Homens justos, apóstolos de Christo,  
Anchieta e seus irmãos, em vão bradavam  
Contra tão fera usança, e ruim costume:  
Conselhos de dever, de honra, que valem  
Para almas encharcadas na cubiça?

Aimbire, o mais audaz entre os Tamoyos,  
Meditava projectos de vingança  
Contra a Lusa colonia Vicentina,  
Donde incessante mal aos Indios vinha.  
De sertão em sertão, de taba em taba  
Andava elle incansavel incitando  
As tribus dos Tamoyos á revolta.  
Já tinha percorrido as fertes plagas  
Que banha o Pirahy, e o Parahybuna;  
Tinha já costeado a dextra margem  
Do longo, caudaloso Parahyba;  
E atravessado os campos e as montanhas  
Que entre o Guandú e o Macahé se estendem.  
Por toda parte amigos encontrára,  
Promptos, como elle, para a grande empresa,  
E todos de vingança sequiosos;  
Que o presente cruel se lhes mostrava,  
E o futuro peor; terrivel tudo.  
O Indio verboso, e de subtil engenho,  
Por afanosos trances amestrado,  
Inda mais inflammando-lhes o odio,  
Para a commum vingança os colligava.

Só lhe faltava o braço, e a experiencia  
Do ancião Pindobucú, chefe afamado  
De numerosa taba; a elle corre,  
Sóbe ao alto da Gavia, onde elle habita,  
E o encontra, oh dôr, em funebre apparato  
Dando o eterno repouso a um caro filho.

Já o cadaver dentro da igaçaba, <sup>(5)</sup>  
Na postura imitando o tenro feto  
Todo encolhido no materno seio,  
Com as guerreiras armas de que usára,  
Tinha sido enterrado em funda cova.  
De Comorim o irmão, e os companheiros  
Com lentos passos, as cabeças curvas,  
E os olhos para o chão, em pranto envoltos,  
Já sobre a sepultura vão lançando  
Toscas pedras em tosko monumento.  
O Cacique, assentado juncto á cova,  
Pousa a sinistra mão sobre a cabeça  
Da filha, que soluça em seus joelhos,  
De carpir e chorar exhausta e muda;  
E co'a dextra apertando a propria fronte,

No funéreo moimento absorto attenta,  
E como que sua alma além vagueia,  
Deixando o corpo alli, frio cadaver.

Aimbire chega, e pára; olha, examina  
Perspicaz essa scena luctuosa.  
Bate-lhe o coração; fallar receia.  
Ao ver o velho assim, e ao lado a filha,  
Parece adivinhar... Toma uma pedra  
E a leva á sepultura! e á voz magoada  
Assim dêo expansão:

— Em paz descança,  
Guerreiro illustre, cujo nome ignoro;  
Mas és Tamoyo, e amigos meus te choram;  
Bravo devias ser, e a todos caro.  
Aqui teus ossos jazerão illesos  
Sobre este monte, que me vio pequeno,  
Após meu pai, andar sahís caçando,  
Tão lindos que eu co'as pennas me enfeitava.  
Lá diviso a Tijuca tão saudosa,  
Cujas aguas bebi; n'ellas banhei-me.

Alli, naquelle morro, onde se eleva  
O Corcovado pincaro ventoso,  
Doce e manso desliza-se o Carióca,  
A cujas margens minha mãe cantava  
Tão mestos cantos, que eu chorando ouvia,  
E ainda chóro co'a lembrança d'elles...  
Quantas vezes naquella escura varzea,  
Onde o Catête saltitante corre,  
Ouvindo o sabiá, e o gaturamo,  
Que exhalam melodias deleitosas,  
Dormí, sonhei, aromas respirando  
Com esses ares puros que dão vida!  
Alli a baixo o Comorim se alarga, <sup>(6)</sup>  
Onde eu pescava tantas vezes, tantas...  
Caros todos me são estes logares,  
Todos me estão lembrando a minha infancia!  
Terras em que eu nasci, como sois bellas!  
Como és formoso, oh céo do Guanabára,  
Mais azul do que as pennas da ararûna!  
E a vós retorno, e vos saúdo em frente  
De uma recente, pranteada campá,  
De quem, não sei; talvez de algum amigo!"

Mal a voz — Comorim — soou ao velho,  
Subito elle estremece; olha, procura  
Reconhecer o incognito guerreiro  
Que tal nome soltou. A voz lhe escuta;  
Mede-o todo; e depois que elle se cala:  
„Aimbire! não és tu?“

— Sim, sou Aimbire,  
Filho de Cairuçu, teu velho amigo.“  
E o Cacique, lançando-se em seus braços,  
O aperta contra o peito; encara-o, e chora,  
E de novo o aperta uma e mais vezes.

„Aimbire! tu aqui!.. Ah, quem te dice,  
Como soubeste que eu perdi meu filho,  
Teu amigo da infancia, o meu querido,  
O meu bom Comorim?..

— Que! pois é elle?  
Elle?.. o meu Comorim?.. é elle o morto  
Que alli jaz?.. Comorim! como morreste?  
Tu tão moço, tão bravo, e tão robusto?..  
Quem um putumujú te não julgára, (7)  
Em força, em duração, como em belleza?

Que raio te ferio antes de tempo?  
Que mão pôde tocar-te?.. Ah! quem segura  
A vida pôde ter, vendo-te morto?  
Eu não sabia, ah, não... Quando cuidava  
Poder hoje apertar-te nestes braços,  
Contar-te minha vida, meus trabalhos,  
Meus longos soffrimentos e desgraças,  
Venho pôr uma pedra em teu moimento!..  
Oh companheiro meu nos tenros jogos  
Dessa idade feliz, que brilha, e acaba,  
Como a flôr da urumbeba, após deixando  
Feio tronco, escabroso, e todo espinhos!..  
Quantas vezes amigos apostámos  
Quem mais certo mandaria a flecha  
O passaro ferir, alto pairando!  
Quem mais veloz nadando, ou já correndo,  
Primeiro chegaria ao dado termo.  
Ou quem mais agil, pendurado a um galho,  
Para o galho fronteiro se arrojára...  
Como eu gostava de brincar contigo!..  
E perdi-te! e não mais ver-te-hão meus olhos  
Entre os guerreiros da tamoya tribu!

Como subindo alegre esta montanha,  
Tão cheio de prazer e de esperanças,  
Pensando tanto em ti, que vivo eu cria,  
Não palpitou-me o coração presago,  
Nem ouvi murmurar por entre o bosque  
O echo de nenhum Maraguigana, (8)  
Que este golpe fatal me anunciasse?...“  
Ah, depois que os trovões de estranhas gentes  
A paz destas florestas perturbaram,  
Mudos estão os genios protectores,  
Contra nós irritados, que as soffremos,  
Ou profugos talvez vingança esperem...  
Tu tambem, Comorim, de nós fugiste!  
Ai! quanto custa a perda de um amigo,  
De um bravo como tu!.. E eu inda vivo!...“  
Assim dizendo, sobre o peito anciado  
Os braços encruzou, curvando a fronte.

O pai, a filha, o irmão, os Indios todos  
Enternecidos choram, vendo Aimbire,  
E ouvindo-o deplorar do amigo a morte.  
Queixas, lamentações longas soaram.

„Mas emfim, dice o velho, é tempo, oh filhos,  
De deixar em descanso a quem não vive.  
Pois que Aimbire aqui chega afadigado,  
De bem longe talvez, que se passaram  
Tantos sóes sem noticias termos d'elle,  
Vamos dar-lhe agasalho, e algum repouso.“

— Não, dice Aimbire, não: quero primeiro  
Que em torno destas pedras assentados  
Me contes si em combate, ou de que modo  
O bravo Comorim perdêo a vida.“

„Ai! exclama o Cacique, nenhum homem  
Morrêo ainda por mais nobre causa!  
Era meu filho!.. E como morreria  
Senão luctando tão audaz guerreiro!

„Apenas ha tres sóes que uns Emboabas, <sup>(9)</sup>  
Dos que talvez na Bertióga habitam,  
Naquella praia em baixo appareceram.  
Comorim e Iguassú tambem andavam  
Nesse dia fatal por lá caçando.

Quem podia prever um mal tão grande?  
Emquanto n'um momento, não cuidadoso,  
Pelo bosque meu filho se entranhára,  
Após um caitutú que lhe fugia,  
Sua irmã, que aqui vês, linda e garbosa,  
Que vence o sahiué na gentileza,  
E excede o sabiá no meigo canto,  
Cantando andava só toda entretida  
A colher uns ingás pela restinga.  
Para mim os colhia: é seu costume  
Sempre que sai algum signal trazer-me  
Que mesmo a passear de mim se lembra;  
Da terna mãe herdou graças e extremos,  
E no amor filial ninguem a iguala.  
Aquelles mãos a viram, tão sózinha,  
E assim que a viram, cubiçando-a logo,  
Quizeram agarral-a. Ella, gritando,  
Coitada, como a rôla perseguida,  
No matto se enternou. Após correram,  
Cercando-a, quaes jaguáras esfaimadas;  
Mas ella, pelo irmão chamando sempre,  
Rompendo as bastas, enleizadas ramas,

Mais ligeira do que elles lhes fugia.  
Um mais audaz já quasi a segurava,  
Quando o meu Comorim apparecendo,  
Já com o arco entesado, e a flecha no alvo,  
Com prompta morte atravessou-lhe o peito.  
Outro, que vinha após, co' o braço alçado  
Para lhe disparar troante bala,  
Varado o braço, alli cahio bramando.  
Era a ultima flecha ; e já meu filho  
Daquelle inutil braço ía arrancal-a,  
E mandal-a de novo a outro ousado,  
Que vira mais além por entre os ramos,  
Quando dous por detraz o aferraram,  
E seus punhaes nas costas lhe embeberam.  
Comorim, mesmo assim preso e ferido,  
Curvou-se um pouco, e subito saltando,  
O corpo sacudio, e os rijos braços,  
E por terra atirou os dous contrarios :  
Como ligeiro e forte era meu filho!  
E agarrando-os depois pelos cabellos,  
Dêo co'a cabeça de um contra a do outro,  
Que batendo quebraram-se estalando,

Como estalam batendo as sapucaias!  
Nenhum mais se mostrou; os mais fugiram.  
Entretanto Iguassú vinha gritando,  
Até que ao longe vio alguns Tamoyos,  
Que a seus gritos pungentes acudiram,  
E sabendo do caso, sem demora  
Seguindo-a, foram dar prompto soccorro  
Ao seu valente irmão. Porém, oh magoa!  
Já longe do logar da feroz lucta  
O acharam quasi exangue e semi-morto.  
Assim o filho aos hombros me trouxeram;  
Assim nos braços o tomei chorando...  
Ah, meu filho! parece que o estou vendo!  
Que não fiz eu para estancar-lhe o sangue,  
Que das largas feridas se escoava!  
Elle, sem exhalar um só suspiro,  
A dôr vencendo, desdenhando a morte,  
Com voz segura, posto que já debil,  
Pôde contar-me o que narrado tenho.  
Ninguem o vio gemer: senão que o digam?  
Calou-se um pouco, e respirou com força;  
Era a ultima vez que respirava!

E todo contrahindo-se: — Vingança! —  
Dice, e morrêo... E alli cahi sobre elle!...  
Creio que muitos os malvados eram,  
Porque os mortos no bosque não se acharam,  
E no mar vio-se ao longe uma canôa  
Grande, cheia e veloz, que ía fugindo,  
No forçado remar mostrando o medo.  
Em vão alguns dos nossos a acossaram;  
Tarde foram, e a noite protegêo-a.“

Mal que o velho acabou, Aimbire exclama:  
— Para quando guardais essa vingança  
Que pedio Comorim no extremo arranco?  
Quando dareis repouso a essa alma afflicta?  
Não ouvís sua voz surgir da cova,  
E de novo bradar: — Vingança, amigos?!“

„Sabes (Parabuçú pergunta irado)  
Sabes tu onde estão os companheiros  
Dos vís, que meu irmão assassinaram?  
Dize onde elles estão, onde se escondem,  
Que a vingança pedida tirar quero.“

Irónico e terrível brada Aimbire:  
„Onde estão? E o perguntas? Pois não sabes  
Onde estão os ferozes Portuguezes,  
Que nos roubam os filhos e as mulheres,  
E matam nossos pais, irmãos e amigos?  
Não sabes onde estão esses ingratos,  
Que tomam nossa terra, e nos perseguem,  
E nos caçam, e a escravos nos reduzem,  
E ímpios o fogo em nossos bosques lançam,  
Tudo assolando, e reduzindo a cinzas?..  
Stão em Piratininga, em Bertióga,  
Onde Tibiriçá, opprobrio nosso,  
Os Carijós e os Guayanás os servem!  
Lá stão elles tranquillos, meditando  
Em roubos, guerras, mortes e exterminio.  
Lá stão elles pensando de que modo  
Sem demora virão desaffrontar-se,  
E prear Iguassú, que lhes fugira!..  
Pois bem, eu tambem penso em extinguil-os.  
Serás vingado, Comorim! eu juro  
Por teu sangue innocente derramado;  
Por minha mãe, que os vís assassinaram;

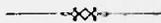
Por meu pai, que morrêo no captiveiro;  
Pela linda Iguassú, que defendeste,  
E que eu defenderei de hoje em diante  
Como irmão, si quizer, ou como esoso,  
Si ella e Pindobucú me não desprezam!  
Juro por este céo, por estes ares,  
Por tudo quanto vejo, e pela lua  
Que tomo em testemunha, e que me escuta;  
Juro que hei de cabal vingar-te a morte,  
Até que a tua voz me grite — basta!...  
Ah! tu me vês, tu me ouves; foi tua alma  
Que do corpo ao sair, lá foi chamar-me,  
Para te vir carpir, e prometter-te  
Desaffrontar teu pai, honrar teu nome,  
E livrar tua irmã das cruas garras  
Dessa gente feroz; e eu t'ó prometto.  
Não me chamaste em vão! nem descuidado  
Me foste achar, — mas aprestando a guerra,  
Que incessante me absorve o pensamento.

„Tamoyos, que me ouvís, tudo está prompto;  
Todos estes sertões estão armados,

E esperam só por vós. Eia, aprestai-vos  
Para a digna de nós grande vingança,  
Que a vida e a liberdade nos segure.  
Não ha prazer que ao da vindita iguale.  
Comorim não quer lagrimas, quer sangue!  
Não quer tristeza, quer furor e guerra!  
Armai-vos para a guerra sanguinosa,  
Que eu aviso vou dar ás tabas todas  
Que vós sereis connosco. Prometteis-me?  
Quereis ser livres de uma vez e sempre?“

— Sim, promettemos.— N'uma voz bradaram:  
Vingança e liberdade só queremos.“

„Pois bem: que agora só os mortos durmam  
Nas frias igaçabas socegados.  
A nós lutar nos cumpre. Mais repouso  
Não quero até o dia da vingança.“



11  
12  
13  
14  
15

16  
17  
18  
19  
20

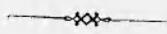
CANTO SEGUNDO.

44425- AA  
9948



## ARGUMENTO.

Usos e costumes dos Tamoyos. — Seus principaes chefes. Aimbire; Pindobuçú e seu filho Parabuçú; Jagoanharo, e Araray seu pai e irmão de Tibiriçá; Coaquira. — Conselho dos chefes. — Falla primeiro Jagoanharo como o mais moço. — Discurso de Aimbire. — Feitos mais importantes da sua vida. — Ataque da fortaleza de Villegagnon. — Como alli fôra Aimbire feito prisioneiro, e como escapára da não de Mem de Sá. — Anima os seus companheiros para a guerra; e mnda Jagoanharo pedir a Tibiriçá seu tio que deixe a causa dos Portuguezes, e se ligue aos seus. — Todos o applaudem.



## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

### CANTO SEGUNDO.

Em defesa da vida e liberdade,  
Contra as injustas aggressões continuas  
Dos Lusos, confederam-se os Tamoyos.  
Nenhum instinto máo á guerra os chama;  
Dever, que a patria impõe, os arma e liga.

Bravos são os Tamoyos, e descendem  
Da nação dos Tupís, que em tribus varias  
Todo este immenso litoral brasilio  
Numerosa povôa. Elles não erram  
Sem tabas, nos sertões, como os terriveis,  
Ferozes Aimorés, raça Tapuia.

Natural, inspirada poesia  
De todos os distingue, e os ennobrece,  
E trataveis os torna, inda que altivos.  
Crêm elles que esse dom, e as doces vozes,  
Ás puras aguas devem do Carióca.  
Vasta extensão occupam do terreno  
Que banha o Guanabara. As suas tribus  
Se estendem desde as longas serranias  
Que um orgam fingem, donde o nome tiram,  
Até o Cairuçu, terror dos nautas,  
Tabas formando, que entre sí traficam.  
Um Deos adoram, que dispara o raio,  
E que pelo trovão aos homens falla:  
Tupan se elle nomeia; os seus ministros  
São os Payés, que solitarios vivem,  
E crêm que á cima de Tupan, primeiro  
E unico, Monan tudo criára. (1)  
Leis escriptas não teem; mas lhes não faltam  
As leis da Natureza e as dos costumes,  
Herdadas de seus pais. O mais valente  
É na guerra por chefe respeitado, (2)  
E um conselho de anciãos na paz os rege.

Já todos os guerreiros se apercebem  
De tacapes e maças de páo-ferro, (3)  
Arcos robustos, lisos, e lustrados  
Pelas lixosas folhas de embahiba;  
Carcazes cheios de emplumadas frechas  
De ligeiras ubás, tendo por pontas  
Dentes de tubarões, e ossos buídos,  
Seguros com tucúm, de icéica untado,  
Que mais o fio aperta, e sêcca o esmalta.

Aimbire, o heroico Aimbire, apregoado  
Entre todos os fortes pela audacia  
Com que se arroja ás feras, e as suffoca,  
Dos Tamoyos á frente aqui se mostra,  
Pelo voto geral supremo chefe.  
De vulto herculeo, soberano o porte,  
Olhar dominador, severo o rosto,  
Bella estatua de bronze parecia,  
Qual a de um Marte modelára um Phidias.  
Aimbire desde a infancia se amestrára  
A certoiro enviar co'a setta a morte;

Nem no rapido pulo lhe escapava  
O jaguar mais ligeiro sobre a rocha;  
Nem mesmo o gavião alto pairando,  
Nem pequenino passaro burlavam  
Da setta alada o infallivel tiro.  
Fraldão tecido de encarnadas pennas,  
Matizadas de azul, que a arara imita,  
A cintura lhe cinge. Do pescoço  
Cai-lhe o collar, formando um semilunio  
De renques de alvos dentes, arrancados  
Por suas mãos das boccas dos vencidos;  
E tão amplo lhe cai que o peito cobre,  
Como um peitilho de marfim lavrado.  
Longa, escamosa, verdenebra pelle  
De enorme jacaré, que elle matára,  
As espadoas lhe veste. Tem na dextra  
Uma de dentes de onça acha embutida,  
Que de serra lhe serve e mortal arma.  
C'roa-lhe a fronte um resplendor de pennas  
Da côr do fulvo sol, em cujo centro  
Variegadas plumas de colibres,  
Que unem ao brilho do ouro o esmalte do Ires,

Como esmeraldas e rubins scintillam,  
Recamadas em flor: obra apurada  
De Iguassú, que lh'a dêo de amor em prenda,  
Iguassú terna amante, que elle espera  
Tomar, finda esta guerra, por esposa.  
Ao tergo lhe não falta a grossa aljava  
Feita de um entrecasco de guaimbira,  
Alvo e inteiriço, qual eburneo estojo,  
De indeleveis labores sinzelado;  
E o arco tremendo de ubirá-pariba,  
Lenho rival do ferro, que a vergal-o  
Dous homens como nós se esforçariam  
Talvez embalde, e qual sipó flexivel  
Em suas mãos porêem facil se curva.

O ancião Pindobuçu de nobre aspecto  
Sua taba conduz: elle se cobre  
Com negras plumas, que a tristeza exprimem  
Da sua viuvez, e a dôr recente  
Pela morte do filho, que ainda chora.  
Curvo á mágoa, que mais que as cans lhe pesa,  
Nas mãos do que lhe resta digno herdeiro

Descança do commando o sceptro e as honras;  
Mas da antiga bravura exemplo dando,  
Dos perigos da guerra não se exime.

Parabuçú, de porte agigantado,  
De pennas não se adorna; moço ainda  
Quer espanto causar co'o horrído aspecto  
Da singular figura. Oncina pelle,  
De fulva côr, malhada de ondas negras,  
Desde a cabeça, que no largo espaço  
Das abertas mandibulas se enfia,  
Até ao chão se alonga: enorme casco  
De jabutí o peito lhe defende;  
Como ferrea couraça bronzeada,  
Que artistico buril abrija em quadros.  
Serve-lhe outro de escudo. A um tiracollo  
Segura traz, e sobre o braço apoia  
A marcial inúbia, longa tromba (4)  
De rijo lenho, que assignala estrenua  
A hora da investida, e o termo á lucta.  
Tão medonho trajar mais lhe realça  
O corpo colossal e musculoso,

Onde em relevo se annuncia a força.  
Pindobuçú, seu pai, que muito o ama,  
N'elle de Comorim tem viva a imagem,  
E n'elle cifra o orgulho dos seus annos.

O ativo Jagoanharo, que aviventa  
No grande coração nobre desejo  
De vingar dos parentes o opprobrio,  
Jagoanharo não falta a esta empresa;  
Que no peito lhe ferve o amor da guerra,  
E na mente um fulgor de arguto engenho,  
Que a fronte lhe dilata, e o olhar lhe aviva.

A par d'elle Araray, seu pai, se encosta  
Sobre um feixe ligado de arco e frechas,  
Com triste aspecto, e sobrenho horrivel.  
De sua fronte as rugas denotavam  
Um profundo pezar; a bocca firme  
Por um riso feroz tremia ás vezes.  
Fixos os olhos rubros rutilavam:  
Ressumbrava em seu rosto o horror do inferno,  
Vontade ardente de vingar insultos,

E a dôr de ir combater o irmão mais velho,  
E os da infancia tão caros companheiros.  
Era Araray irmão do convertido  
Chefe Tibiriçá, á fé chamado,  
Para nestes sertões ser d'ella apoio:  
Tibiriçá, que hostile á prole avita,  
Dos Lusos em favor, em São-Vicente,  
Contra os seus, nova causa defendia.  
Jagoanharo e Araray ambos aos hombros  
Teem de tamanduás rajadas pelles.  
Conduzem elles a guerreira tribu,  
Tão agil e adestrada que se engrimpa  
Pelas mais broncas, ingremes montanhas,  
E vence na carreira a veloz ema.

Outros chefes iguaes, de quem a historia  
Os nomes occultou, os campos enchem  
Co'as emplumadas hostes sagittarias.

E tu, Coaquira, em cuja fronte ondeam  
As cans da longa idade; e em cuja mente,  
Dada ás cousas divinas, arde o fogo

Da inspirada poesia; tu, que escutas  
Os trovões de Tupan, e os interpretas;  
Tu, que das serpes o veneno anihilas,  
E das plantas conheces as virtudes;  
Mostrado és tu aqui como um amigo  
Dos homens e do céo; por tua bocca  
Suas ordens supremas se revelam.

Nunca até-li os filhos destas plagas  
Armas tomaram para igual empresa;  
Nunca tantas familias se ligaram,  
Tantos guerreiros em commum se uniram.  
Grande é a empresa, duvidosa a sorte.  
Segundo a usança em decisivos casos,  
Um conselho propõe o ancião Coaquira,  
Em que o plano da guerra se debata,  
E o certo meio da victoria se ache.

Approvam todos o dizer do velho,  
A quem a idade roborára o engenho,  
Sem quebar-lhe o vigor da rija febra;  
E inúbias soam, convocando os chefes,

Que em circulo se formam, começando  
Desde Coaquira, que mais sóes contava,  
Té o mais moço, descendendo em annos.  
Todos armados como em guerra estavam,  
Que inseparaveis são das feras armas  
Os barbaros: taes foram sempre os Francos,  
Taes dos desertos d'Asia os cavalleiros,  
Os Tartaros, que até montados iam  
Em seus corceis ao Curultai armados, (5)  
Para as leis discutir de paz e guerra.

Rompe o silencio o joven Jagoanharo,  
Que entre elles soem fallar primeiro os moços,  
Em quem mais luz o engenho e o enthusiasmo,  
Para depois se ouvir com mais proveito  
Frios conselhos dos cabaes em annos.  
Ufano por ser esta a vez primeira  
Que tem de discorrer em grave assumpto,  
Ar decisivo Jagoanharo ostenta:  
„Vede esta pelle, que me cobre os hombros?  
É de um tamandoá, animal fraco,  
Que não ousa atacar, mas que manhoso

Deitado espera o aggressor incauto,  
E abraçando-o, lhe crava as curvas garras!  
Quereis vós imital-o na fraqueza?  
Humildes receber novos insultos?  
Esperar, e luctar como cobardes,  
Que jamais se apresentam frecha á frecha,  
E com meios de industria só combatem?\*

Dice; e com ar altivo olhando em torno,  
No duro chão cravou a ponta do arco.  
De alegria signaes os moços deram;  
E seu pai Araray, um pouco alçando  
A tenebrosa fronte, parecia  
Mais serenado da profunda magoa;  
Fugaz sorriso estremecêo-lhe os labios;  
Tanto digno de sí seu filho achava,  
No porte egregio, e no dizer soberbo.

Nenhum joven fallar ousou diverso;  
Visos de impaciencia os velhos davam,  
Signaes de opposta idéa, receiosos  
Que os moços desta vez prevalecessem.

O terrivel Aimbire percebia  
Dos velhos o receio bem fundado;  
E querendo accender n'elles a audacia,  
E o furor roborar da juventude,  
Neste estylo fallou solemne e forte:

„Tupan lá do alto céo me escuta agora:  
Elle vio o que eu vi, caso inaudito,  
E de horror levantou ante seu rosto  
Uma montanha enorme de átras nuvens,  
Para a seus olhos esconder taes scenas...  
Que tenho eu visto, e que soffrido tenho!  
De vós, oh moços, o vigor conservo;  
De vós, oh anciãos, tenho a experiencia,  
Colhida á custa de arduos sacrificios.  
Porêm mais que vós todos reunidos  
Segredos aprendi de estranhas gentes:  
Com ellas batalhei co'a setta e o raio,  
E hoje o mysterio de Tupan conheço!  
Tupan que se apresente; então veremos  
Qual de nós dous melhor dispara o raio.  
Eis o meu, não o escondo!“ — Isto dizendo,

Tira do cinto uma pistola prompta  
De carga e escorva, o fecho lhe arma, eleva  
O braço para o céo, e a descarrega;  
E a bala foi ferir uma ave negra,  
Que no espaço mil gyros descrevendo,  
Cahir veio a seus pés inda guinchando,  
Quentes gottas de sangue sacudindo  
Sobre a assombrada turma estupefacta.  
Alvorota-se o campo; e quantos ouvem  
O inopinado estrondo alli acodem,  
E em torno do concilio se amontoam,  
Tendo todos os olhos sobre Aimbire.  
Elle, immovel, co'o braço inda estendido,  
Com ar vanglorioso a arma empunha,  
Porque do seu poder não se duvide.  
Ninguem ousa fallar; até que Aimbire  
No cinto a arma guardando, assim prosegue:

„Inda a alma de meu pai, como um colibre  
Em fria noite no seu ninho occulto,  
Além não tinha das azues montanhas  
Descido aos campos de eternaes deleites, (6)

Quando o mar arrojou em nossas praias  
Homens de branca pelle e longas barbas,  
Que posto filhos d'agua parecessem,  
Fogo traidor os perfidos traziam.  
Nós, innocentes, do prodigio absortos,  
O mal futuro não prevendo incautos,  
Nossas plumas lhes demos, nossos fructos,  
Nossas redes, e até arcos e frechas.  
Como pagaram elles taes favores?  
Bem depressa senhores se fizeram;  
Em nossos bosques foram-se estendendo,  
Sempre de fogo contra nós armados,  
Tabas inteiras reduzindo a cinzas,  
Para prear seus íncolas inermes!  
Nossas mãos dos sertões levaram troncos,  
Ergueram seus casaes, e até por elles  
Mil vezes contra os nossos combateram!  
Oh dura ingratidão! Morrer por elles,  
Ser mesmo em nossa terra seus escravos,  
E em troco receber sómente o opprobrio!  
Oh dura ingratidão! O Aimoré fero,  
Que d'agua tem horror, e sangue bebe,

O Aimoré que co'o tigre rivalisa,  
E a quem só praz a guerra e o sangue nosso,  
Tanto horror, tanta infamia não prática.  
E o Aimoré tem a côr dos Emboabas!  
Eu mesmo lhes servi na flor da vida;  
Minhas mãos calejei, mandando a frecha  
Seu sustento buscar no ar, nos bosques.  
Meu pai morrêo sem honras de guerreiro,  
Sem funeral; eu mesmo abri-lhe a cova  
No lugar em que ao sol se elle aquecia,  
Quando o duro senhor folgas lhe dava.  
Por não deixar sózinho o triste velho,  
Por mágoas e molestias quebrantado,  
Com elle supportei o captiveiro.  
Morrêo meu pai, e eu livre abri caminho  
Pelo sertão, em busca das cabanas  
Dos meus antepassados, resoluto  
A vingar de meu pai a morte infame.

„Sem chefe os meus, dispersos vagueavam.  
Soou entre elles: é chegado Aimbire!  
E a milhares de bravos vi-me unido.

Contei-lhes tudo; e attentos, indignados,  
Ouvindo de meu pai o triste caso,  
Quizeram todos ir buscar seus ossos,  
E a igaçaba onde estão lavar no sangue  
Do barbaro senhor. Porém meu odio  
Não se fartava com tão pouco sangue;  
Mais alta empresa me occupava a mente.  
Eu queria vingar a minha terra,  
E os restos de meu pai, e a mim, e amigos.  
Queria de uma vez limpar de todo  
Nossas florestas dessa raça espuria,  
Que o mar arremessou ás nossas praias.  
Não me faltava a audacia; mas a empresa  
Tão grande, superava ás nossas forças.  
Que devia eu fazer? Minha vingança  
De longas não soffria. . . Nesse tempo  
No Guanabara estava, n'um rochedo, <sup>(7)</sup>  
A raça branca de cabellos louros,  
E de olhos côr do céu, tão nossa amiga,  
Para a entrada impedir dessa outra raça  
De olhos, e barbas, e cabellos negros.  
Em canôas metti-me, e os meus guerreiros,

E fui-lhe offerecer os nossos braços.  
Como amigo o seu chefe recebêo-me;  
Chamou-me seu irmão; e nesse instante  
Dêo-me uma arma que fogo de sí lança,  
E o segredo do raio revelou-me.

„E o que cuidais, oh chefes? que este raio  
Sempre está prompto? Não; quando lhe falta  
Este pó negro, polvora chamado,  
Que o fogo accende, e como o raio estronda,  
Inutil fica esta arma (e assim dizendo,  
Vai mostrando o que diz). Mas nós podemos  
As aljavas pejar de novas settas,  
Fabricadas por nós, emquanto o matto  
Duras cannas brotar, e as aves pennas;  
Porém quando faltar este pó negro,  
Que só alguns d'entre elles fazer sabem  
Com muito tempo e custo, sem defesa  
Nossos tyrannos ficarão vencidos.  
Podeis marchar contra elles arrojados!  
Os seus trovões não são Tupaçunangas,  
Nem os seus raios são Tupaberabas. (8)

„Guerreiros, ante vós tendes Aimbire,  
Que taes cousas conhece, e que não teme  
O fogo e o raio de traidoras armas.  
Aimbire vio de fogo a atroz contenda,  
E sem temor co'a setta combatia  
Contra os homens de fogo; e mais certo  
Por entre o fumo a morte dardejava,  
Emquanto cegos nada viam outros,  
Trovões inuteis sem ferir soltando!  
Valem mais nossas frechas que os seus raios.

„Guerreiros, escutai. Lá do rochedo  
Que banha o Guanabara, onde abrigada  
Estava a raça de celestes olhos,  
Eu vi... como direi?... vi, não qual vemos  
Co'os olhos descobertos; nada eu via,  
Mas fizeram-me ver, oh que prodigio!  
Ao través de um canudo, que apontado  
Sobre as longinquas, invisiveis cousas,  
As põe tão perto, e as engrandece tanto,  
Que cuidamos poder co'a mão tocal-as!  
Por este modo eu vi na linha ao longe,

Onde se abaixa o céo, e o mar se perde,  
Uns vultos como passaros boiantes,  
De peito escuro, e longas, brancas azas.  
— São portuguezas náos — gritaram todos:  
Lá tremóla a bandeira portugueza!  
Temos hoje combate. Ellas que venham,  
Que não hão de voltar co'o mesmo vento.  
E todos para a lucta se aprestavam.

„Entretanto as canôas monstruosas,  
Cujas azas os ventos enfunavam,  
Vinhão velozes demandando a ilha,  
E a nós tardava do combate o instante.

„Era o tempo em que o sol abrasa tudo,  
Em que as sêccas florestas se incendiam,  
E se extinguem as aguas das torrentes.

„Tendes ouvido como a serra ás vezes  
Roncos tremendos do seu antro arranca?  
Como convulsos os penedos saltam  
Do seu cume, e rolando se abalrôam,

Troncos quebrando na arrojada quéda?  
Assim, oh chefes, foi o atroz combate!

„De ambos os lados raios sobre raios  
Disparados, no céo se emmaranhavam!  
Trovões sobre trovões tão repetidos  
Ribombavam, que o mar todo tremia,  
E erriçado em montanhas se elevava  
Sobre o penedo, em colera estourando!  
Tremia o céo, de fumo só coberto!  
E o echo horrendo destes duros serros,  
Que ia medonho ao longe rebramando,  
Era igual ao estridor da trovoadá!  
E a esse estrondo o meu furor crescendo,  
A força me augmentava, e já no peito  
Inchado o coração me não cabia.

„Qual de vós não dicera que esses homens,  
Que tanto estrondo e horror alli causavam,  
Eram filhos do céo, ou do sol filhos,  
Outros tantos Tupans que guerreavam!  
E eu os via cahir feitos pedaços!

„Que estrago! oh que não sei como vos conte!  
Nunca vi tanto sangue derramado!  
Todo o rochedo em sangue se inundava,  
Mil regatos de sangue ao mar corriam,  
E o mar vermelho estava! Entre cadav'res,  
Braços, pernas, cabeças mutiladas,  
Tropeçavam os vivos!... Sobre as aguas  
Cardumes de inimigos já feridos,  
Agarrando-se aos remos, procuravam  
Subir para as canôas; e uns e outros  
Seguros mutua guerra se faziam;  
Como para aferrar a isca os peixes  
Ora a baixo, ora á cima se debatem!  
Que confusão! que horror! que gritaria!  
Tudo era fogo, e fumo, e sangue, e raiva!

„Uma chuva de ardentes, grossas balas,  
Entre fuzís e turbilhões de fumo,  
Do mar erguida, sobre nós cahindo,  
As fileiras rompêo dos meus guerreiros;  
Muitos corpos rolaram sem cabeças,  
Muitos braços voaram pelos ares.

Cuidei alli ficar vivo enterrado  
Entre montões de mortos e feridos.

„Duas vezes o sol surgio dos montes,  
E com gritos de guerra foi saudado;  
Duas vezes nas aguas mergulhou-se,  
E incertos nos deixou no atroz conflicto,  
Só sangue, e fumo, e fogo respirando.  
Apparecêo emfim o sol terceiro,  
E já sobre o rochedo os Portuguezes  
Braço a braço o terreno disputavam.  
Ah, quão feros são elles! Só Tamoyos  
Em copia igual vencel-os poderiam.

„Qual foi o meu espanto ao ver com elles  
Tupís e Carijós de setta armados,  
E o bravo Cayoby á sua frente!  
Cayoby! Cayoby! quem tal diria?  
Então cego de colera investi-os,  
E a morte semeei sobre essa raça,  
Que deshonrava assim nossas florestas.  
Minhas frechas além já se perdiam,

Tão perto elles estavam! Dando um pulo,  
Que a onça me invejára, puz-me entre elles,  
E mais veloz que a onça abri caminho  
Co'uma pesada maça, derribando  
Quantos se me antepunham: n'um momento  
Junquei o chão de mortos e feridos.  
Não sei quantos cahiram. Já fugiam,  
Quando Tibiriçá, vestido, e armado  
Á maneira do barbaro inimigo,  
E dos nossos irmãos sangue escorrendo,  
Oh vergonha e horror! apresentou-se,  
Chamando por meu nome, e o seu dizendo!  
Só por essa arrogancia conheci-o,  
Tão estranho e hediondo se mostrava,  
—Oh perfido, bradei: do inimigo as vestes  
Não te encobrem a infamia! — Ia matal-o;  
Oh desesperação!... Que não morresse!  
Eis que uma grossa bala arrebatou-me,  
A maça, que esta mão tanto apertava,  
Que um subito tremor tolheu-me o braço,  
O corpo vacillou, o pé faltou-me,  
E n'um lago de sangue revolvi-me.

„Ergui-me, mas fui preso; e como chefe  
Não me fizeram mal; talvez cuidando  
Que eu, de Tibiriçá seguindo o exemplo,  
Mais tarde os serviria: e me levaram  
Para uma das canôas monstruosas,  
Como baleias a flôr d'agua erguidas,  
Onde depois entrou victorioso  
Mem-de-Sá, cuja voz tudo ordenava.

„De longe eu vi a ensanguentada rocha,  
Que testemunha fôra de meu brio,  
E já nenhum dos meus a defendia,  
Nem os amigos brancos, que invenciveis  
Em seus muros de pedra se julgavam.  
E eu chorei vendo-a assim, vendo-me preso.  
Apezar da victoria, os Portuguezes,  
Da lucta porfiosa afadigados,  
E offegando co'o sol que os abrasava,  
Só repousar queriam. Veio a noite,  
Trazer-lhes o almejado refrigerio;  
E exceptuando alguns que vigiavam,  
De um lado e de outro, armados passeando,

Os mais dormiam todos. Eu deitado,  
Co'as mãos atraz ligadas, torvo estava  
Olhando para o mar. Mais do que o corpo  
Pesava-me a cabeça. Eu não podia  
Por mais que me voltasse achar repouso.  
Lavado de suor, tinto de sangue,  
Furioso por me ver entre inimigos,  
Sem saber qual seria o meu destino,  
Resolvi-me a morrer, ou a salvar-me.  
O guarda, que a meu lado atalaiava,  
Parecia do somno ameaçado;  
Bocejava a miude, e a cada passo  
Olhava para mim, como si eu fosse  
Quem vigilante o somno lhe impedisse.  
Não movi-me; e elle logo descansando  
N'um grosso tronco, que o trovão vomita,  
Depressa adormecêo. De leve ergui-me;  
Facil foi-me o passar adiante os braços,  
E os fortes laços desatar co'os dentes.  
Tomei-lhe esta arma, que a seu lado estava;  
Ia quasi acordando, ao mar lancei-o;  
E após, para evitar maior ruído,

Descí por uma corda, cahi n'agua,  
E nadei para a ilhota mais propinqua.  
Fui visto, e inuteis raios dispararam  
Contra mim; mergulhei, surgindo ao longe;  
E um pouco no rochedo descancando,  
De novo pelo mar abri caminho;  
De rochedo em rochedo, e já sem forças,  
Quando do mar o sol se levantava,  
Tambem sahi do mar, e tomei terra.

„Como me achei então? Sem arco e flechas,  
Devorado de fome, e somnolento,  
A meu pezar dormi. Ao despertar-me,  
Do passado lembrei-me, e que não stava  
Salvo de todo. Ergui-me, e caminhando,  
De fructos da floresta alimentei-me;  
E logo quiz Tupan que eu me encontrasse  
Com alguns escapados do rochedo,  
Francezes e Tamoyos. Uns e outros  
Com pasmo me abraçaram, perguntando  
Como o perigo e o mar tinha eu vencido.  
Contei-lhes tudo; e como esta arma inutil

Eu trazia no cinto, um dos Francezes  
Da polvora que tinha um chifre dêo-me.

„Alli guerra jurámos, guerra eterna  
Aos barbaros por quem tanto soffremos  
Sobre o mar, sobre a terra: sangue, sangue,  
Guerra, guerra, as florestas repetiram,  
Como si ellas tambem a nós se unissem!  
De paz não mais se falle! Guerra, guerra,  
Commigo repeti, bravos Tamoyós!  
Não ouvís os clamores de vingança  
De nossos pais e irmãos que elles mataram?  
Não ouvís que esta terra está pedindo  
Que a livreemos dos pés dos Portuguezes?  
Quereis que um dia nossos filhos digam:  
— Nossos pais foram vis, cobardes foram;  
Defender não souberam nossas tabas;  
Opprobrio e escravidão d'elles herdamos! —  
Não, não; tal não dirão; antes primeiro  
Morrámos todos nós; sim, antes morrâm  
Velhos, moços, crianças e mulheres,  
E os filhos que inda as mães no ventre aquecem;

Todos morramos, sim; porê[m] mostremos  
Que sabemos morrer como Tamoyos,  
Defendendo o que é nosso, e a liberdade,  
Que antepomos a tudo, e á propria vida.

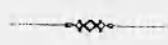
„Eia, Tamoyos meus, antes que as aves  
Dos ninhos amanhã cantando voem,  
Marchar devemos nós; porê[m] a um tempo  
Do inimigo arredar cautos tentemos  
O apoio mais terrivel. Jagoanharo  
Vá ver Tibiriçá; vá declarar-lhe  
Que Araray seu irmão, a nós unido,  
Em nome de seu pai lhe diz e pede  
Que elle não deixe os seus pelos estranhos,  
Que a terra e a liberdade nos roubaram.  
Vai, Jagoanharo, vai: dize a teu tio  
Que se arrependa, e venha honrar os ossos  
Da mãe que tanto o amava, e que chorára  
Si o vira contra o irmão, entre inimigos.  
Si a tão caras memorias, e ao sobrinho  
Tibiriçá resiste, Jagoanharo,  
Dize-lhe emfim que nós nada tememos;

Que te mandamos lá por amor d'elle,  
Por amor de Araray, não por fraqueza;  
Que para encher o mar temos canôas  
Tantas, que em vendo-as tremerá de espanto;  
E tantos homens temos bem armados,  
Que podemos cobrir todo o seu campo,  
E os ares embruscar co'as nossas frechas,  
Como uma cerração pesada e negra.“

Calou-se e respirou, vibrando os olhos,  
Que dous carvões accesos pareciam:  
E todos com mil gritos applaudiram  
Tão sabio parecer, tão grandes feitos  
Do chefe sem igual, do heróe Tamoyo.  
Em signal de alegria dispararam  
Mil settas para o ar; e vozeando,  
Os sons interrompiam n'um trinado,  
Sobre as boccas batendo co'as mãos ambas.  
Nem mais aos anciãos ouvir quizeram;  
Nem elles em contrario votos tinham.  
Coaquira, o mais idoso, era o primeiro

Que plena approvação a tudo dava,  
Já por taes feitos inflammada a mente  
Um cantico guerreiro meditando.

Qual nas plagas felizes do Janeiro,  
Por entre os coruchêos das serranias,  
Quando ás vezes o sol mais resplandece,  
E os passarinhos lédos esvoaçam,  
Rebenta o furacão inesperado,  
Que vai comsigo arripiando as nuvens,  
E esbarra contra os pincaros, bramando  
Co' o medonho estridor da trovoada;  
Tal foi a vozeria dos Tamoyos,  
Quando Aimbire poz termo ao seu discurso,

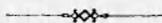


CANTO TERCEIRO.

# CANTO TERCEIRO.

## ARGUMENTO.

Terminado o conselho, occupam-se por modos varios os moços, as mulheres e as crianças. — Responde Aimbire ás perguntas que lhe fazem ácerca dos Europeos. — Quem era Villegagnon. — Aparecem alguns Francezes conhecidos de Aimbire. — São bem recebidos. — Ernesto e Potira se enamoram. — Pede aquelle a Aimbire que lhe conceda a mão da filha. Este o promette para depois da guerra. — Hymno guerreiro. — O banquete da despedida. — Amores de Aimbire e Iguassú. — Dialogo dos dous amantes.



## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

### CANTO TERCEIRO.

Terminado o conselho: guerra, guerra,  
Os Tamoyos unísonos bradaram,  
Como si todos elles não formassem  
Senão um homem só, uma só bocca.

Já dos escuros bosques e altos montes  
Projectavam-se as sombras no oriente;  
E a doce viração embalsamada,  
Que da tarde os ardores refrigera,  
Por entre os verdes ramos susurrando,  
Vinha suaves sópros espargindo.  
Brilhavam no occidente argenteas nuvens

Sobre ondas de ouro e purpurinas faixas,  
Como um campo de opalas cambiantes,  
E as aves renovavam seus gorgeios  
Em despedida ao sol, que transmontava.

Era o tempo em que o bello cajueiro,  
Cujos ramos o chão frondosos tocam,  
Se ia tornando avaro de seus fructos,  
Que ostentam do carmim e do ouro as mesclas,  
E de verdes castanhas se coroam.  
Chorava o tronco seu lagrimas de âmbar,  
Que umas sobre outras em crystaes pendiam.  
Desta resina o pó n'agua solvido  
É para os Indios grata medicina  
De balsamico odor; dos pingues fructos,  
Que succosos a sêde refrigeram,  
Fabricam destros precioso nectar;  
E quem mais talhas tem deste aureo vinho,  
Mais rico se reputa entre os selvagens.

Destas formosas arvores copadas  
Coberto estava o campo, em que os Tamoyos

Erguiam as cabanas de taquára,  
Com tectos de sapê e de palmeiras,  
Que vinte a mais pessoas abrigavam,  
Formando a Taba, em circulo dispostas.  
Dos esteios pendiam largas rêdes  
De fio de tucum, que ao linho iguala.  
Nestas rêdes repousam, n'ellas dormem,  
N'ellas, da prole recémnata ao lado,  
Recostados os pais para sí tomam  
O resguardo das mães, e assim recebem  
Da taba inteira saudações e augurios;  
Emquanto ellas airosas e robustas,  
Após o feliz trance ao río acodem,  
E lustradas na limpida corrente,  
Ao serviço domestico se entregam!  
Tanto a crenças e práticas diversas  
Facil se amolda a humana natureza,  
Feita para curvar-se ao proprio arbitrio.

Das cabanas nos angulos avultam  
Os fructos da estação, e as igaçabas  
De licores diversos abundantes.

Aos lados, em trophéos, suspensos feixes  
De arcos, frechas e clavas formidaveis;  
E no centro um braseiro envolto em cinzas,  
Que a humidade do chão absorve e sécca;  
Hygienica pyra perfumada,  
Que consome os miasmas, e o ar saneia.

Emquanto as criancinhas se divertem  
Pelo campo correndo, e outras se amestram  
A disparar a setta contra os troncos,  
Ou já mais déstras apontando ás aves;  
Estão as mães as viandas preparando,  
Já expondo-as ao sol, já sobre brasas,  
Já com outros diversos artificios.  
Outras cavam o chão, e nos buracos  
Lançam a carne ou peixe envolto em folhas,  
Depois de terra os cobrem, sobre a terra  
Fogo accendem; dest'arte as carnes torram,  
E a isto dão de biariby o nome.

Emquanto no domestico exercicio  
Se occupam as mulheres, pelos campos

Os fructos da estação os homens colhem  
Para o grande banquete; outros apostam,  
Resupinos deitados sobre a terra,  
Quem mais ágil fará subir ás nuvens  
A setta, que voltando traz a presa,  
Que nem alto voando ao tiro escapa.

A um grosso tronco reclinado Aimbire,  
E ladeado dos chefes, que o interrogam,  
Vai respondendo a quantos lhe perguntam  
Sobre os costumes dessa gente estranha,  
E o que mais vira na tomada ilheta,  
Que de Villegagnon conserva o nome.

Era Villegagnon manhoso e ousado  
Cavalleiro francez, que de Calvino  
Ostentava seguir a nova seita,  
Para de Coligny ter certo o apoio  
Na ambição desmedida que o movia;  
E com todos traidor, cuidava o impio  
Poder, com vís enganos e perfídias,  
Novo Imperio fundar nestas devezas,

A que elle — França Antartica — chamava.  
Mas faltava ao Francez aventureoso  
Constancia igual ao plano agigantado;  
Faltava-lhe inda mais a fé robusta  
De quem, cheio de ardor por nobre idéa,  
Só olha ao seu triumpho, e não ao lucro.

Por Lery e Richer, com quem tratára,  
Tinha sido o Tamoyo iniciado  
Nos pontos principaes da lei de Christo:  
E desses dous zelosos calvinistas  
Grata lembrança o Indio conservava.

Narrava Aimbire as crenças e os costumes  
Dos homens do outro pólo: e como adoram  
A um Deos Trino e invisivel, que governa  
Tudo o que existe, e que de sí tirára  
Só com esta palavra poderosa:  
— Faça-se! — e tudo fez-se ao seu mandado!  
Como vendo esse Deos o mal dos homens,  
O Filho seu mandou para ensinar-lhes  
O caminho do bem e da verdade;

Mas os homens ingratos o mataram.  
„Esse Filho de Deos, (dizia Aimbire)  
Só ordenou aos homens que se amassem,  
E fossem todos como irmãos e amigos.  
Elles mesmos sem pejo isso confessam,  
E prostrados, ao céo preces dirigem,  
Promettendo cumprir esses preceitos;  
Mas por tudo o que eu vi, pelo que fazem,  
Creio que de seu Deos as leis aprendem,  
Só para as conculcar com mais orgulho.  
Vêde como são máos os Emboabas,  
E o que esperar podemos de taes impios!“

Nisto, vio-se brilhar por entre a selva  
Um clarão que nos ares se movia:  
Quem será? — Gritam todos n'um momento;  
E os esparsos guerreiros acudindo,  
Em ordem de combate se formaram.  
Soou um brado ao longe; o echo ouviu-se  
De um clarim, instrumento estranho a muitos;  
E as almas crentes de pavor tremeram,  
Cuidando ser algum Maraguigana,

Réproba larva de fataes presagios,  
Que já viesse anunciar-lhes morte.  
Mas o impavido Aimbire, em cujo peito  
Não palpitava o susto, assim lhes braba:  
„Ou sejam Anhangás, ou homens sejam, <sup>(1)</sup>  
Amigos ou contrarios, aqui firmes  
Esperemos sem medo. Por ventura  
Tão fracos sereis vós como as mulheres,  
Que fogem só co'a sombra do perigo?“

Soou de novo o lugubre instrumento;  
E o déstro Aimbire, já no chão deitado,  
E co'o ouvido applicado sobre a terra,  
Pôde melhor ouvir o som longinquo;  
E logo, dando um pulo, alegre brada:  
„Homens são, pela voz os reconheço!  
São do rochedo os bravos companheiros.  
Rindo e cantando vem! É gente amiga,  
Que vem unir-se a nós; eu a esperava.“

Gritos de almo prazer soltaram todos,  
E as selvas resoaram de alegria.

Correndo em confusão receber foram  
Os de Aimbire tão caros companheiros.

Mal se encontram no campo, entre os applausos  
De quantos já por elles esperavam,  
Para Aimbire os Francezes se dirigem;  
E o principal d'entre elles abraçando  
O cabo illustre das brasílias tribus,  
Na lingua do paiz lhe diz: — Amigos,  
Bravos filhos da livre Natureza,  
Eis-nos todos aqui para ajudar-vos,  
E vencer ou morrer a vosso lado.  
Si de guerra tratais, promptos nos vêdes;  
Marchemos ao combate. Os nossos braços  
Por vós dardejarão ardentes raios  
Contra os vossos insanos inimigos.  
Si vingar pretendes os frios ossos  
De vossos pais e amigos, dos insultos  
Dos feros Portuguezes, concedei-nos  
A gloria de verter o sangue nosso  
• Em tão sublime empresa, que adoptamos  
Como si o mesmo céo nascer nos visse.“

Então o insigne chefe dos Tamoyos  
Dest'arte replicou: „Chegais a tempo.  
Ha bem pouco brilhava o sol nos montes,  
E ouvio-me celebrar os grandes feitos  
Do rochedo, em que junctos pelejámos.  
Não sois estranhos, não, á esta gente,  
Que já vos considera como amigos.  
Em vós o coração desmente a pelle,  
Cuja côr nos tem sido tão funesta.  
Os raios vossos nos serão propícios  
Contra os nossos crueis perseguidores,  
Que vindos como vós das mesmas plagas,  
Ainda mais vos odeiam que a nós mesmos.  
Vinde; nossas cabanas vos esperam;  
Do nosso vinho bebereis comnosco  
No banquete frugal da despedida.  
Si da marcha chegais afadigados,  
Suspensas nossas rêdes vos convidam  
A dar repouso ao corpo em calmo somno.  
E nem vos faltarão gentís mulheres,  
Que alegres velarão a vosso lado,  
A gloria de servir-vos aspirando.“

Os Francos a seu modo agradeceram  
Tão grato acolhimento, e para a aldeia  
Entre applausos geraes se encaminharam.  
Alguns mais folgazões e galhofeiros,  
Que do sangue gaulez o ardor sentiam,  
Iam patrias canções garganteando,  
Ou já fazendo mímicos meneios,  
Com que mais aos Tamoyos alegravam,  
Que mui amantes são do canto e dança.

Eis chegam; logo um côro de donzellas  
De longas, negras cômas, alisadas  
Com balsamo fragrante, e que lhes descem  
Como véos sobre os seios; mal cingidas  
Pelas ilhargas com pudicas faixas  
De um tecido de plumas variegadas;  
Collares de purpureos arriozes,  
Que excedem aos coráes na cor e brilho;  
Tão esbeltas no talhe que contendem  
Co'os mais bellas palmeiras destes bosques,  
Ante elles assomando graciosas,  
Lhes offertam em cúias coloridas

O ardente nanauhy, e outros diversos (2)  
Saborosos licores, que ellas mesmas  
De fermentados fructos extrahiram.

Uma mais prazenteira a voz soltando:  
„Sejais bem vindos, (diz) para servir-vos  
Aqui nos tendes, bravos estrangeiros,  
Que visitar-nos vindes de tão longe.“  
E nisto os vão das armas despojando,  
E dos pesados mantos, embebidos .  
De poeira e suor. „Vinde comnosco;  
Lavai nesta agua pura as mãos e as faces,  
E si o corpo vos pede algum descanso,  
Nas nossas rêdes repousai tranquillos.“

„Afadigada foi nossa viagem  
Por incultas veredas, (dice um d'elles  
Que a lingua do paiz melhor fallava,  
E em quem mais se expandia a juventude)  
„Mas quem póde trocar grata vigilia,  
No meio do festim dos homens livres,  
E á sombra destas arvores amigas,

„Pelo somno, que irmão do esquecimento,  
Vos viria roubar aos nossos olhos?  
Olhos cheios de imagens deleitosas,  
Só cançados de ver ao somno cedem.  
Deixai, gentís meninas, que elles gozem  
Das graças naturaes do vosso porte:  
Que elles nadando em ondas de ternura,  
Fixados sobre vós, se fartem hoje  
De um prazer, que talvez bem pouco dure.“

Como apraz o louvor! Quão gratas sôam  
As meigas expressões! Nem da espessura  
As virgens, pouco affeitas a taes mimos,  
Desdenhosas se agastam, escutando-as!  
É feminil instincto o ouvir finezas,  
Que, si amor não inspiram, nunca offendem.

— Como te chamas, estrangeiro amavel?“  
Com terna voz pergunta uma das moças,  
Em quem mais juventude resplendia,  
E que á frente das outras se ostentava  
Tal como o chupaflôr entre as mais aves.

„Meu pai chamou-me Ernesto em minha infancia;  
Porêm na tua terra me nomeiam  
Cabellos de guará: tu vês a causa.“

— Pois eu te chamarei Cuaráciaba, <sup>(3)</sup>  
Que co' o sol teus cabellos rivalisam.  
Agora si saber queres meu nome,  
Vai perguntal-o a Aimbire, que primeiro  
Vio-me os olhos abrir á luz do dia,  
Quando em seus braços paternaes tomou-me  
Das mãos de minha mãe, que já não vive.“

Aimbire, que taes cousas escutava  
Ao lado de Iguassú, chega-se á filha,  
Aperta-lhe a cabeça contra o peito,  
E enternecido diz-lhe: — Filha minha,  
Do meu primeiro amor unico fructo;  
De tua mãe herdaste o nome e as graças,  
E em ti folgo de ver minha Potira;  
Potira que eu amei, como amo a aljava,  
O arco e as settas, que meu pai deixou-me;  
Potira que eu amei, como amo os bosques,

Que me viram nascer, e a liberdade  
Por quem hei de morrer armado em guerra;  
Potira que eu amei, e cujos olhos  
Amoroso e suspenso me traziam!  
Porêem ella deixou-me! Ah, entre as pedras  
Sobre a terra que a cobre, amontoadas,  
Cresce o verde capim e a flôr do campo,  
Que talvez de seu corpo a vida beham.  
Potira te chamei, oh filha minha,  
Viva imagem daquella que eu amava.  
Só tens uma rival na formosura:  
É a minha Iguassú; ambas tão bellas  
Como um sahy de um guanumby ao lado. <sup>(4)</sup>  
Que guerreiro haverá que te mereça?  
Feliz daquelle para quem volveres  
De amor os olhos fluctuando em ondas!  
Feliz daquelle para quem tu mesma  
O cauím preparares, e a quem deres  
Filhos que ao menos no valor me igualem.“

„Sim, mil vezes feliz!— exclama Ernesto.

E si a côr de meu rosto merecesse

O que já mereceram meus cabellos,  
Agora afouto lhe offrecera a dextra,  
Como lhe offreço o coração rendido;  
Que inda não vi mais bella criatura,  
Gestos mais senhorís, olhos mais negros,  
Olhar mais terno, mais mimosa bocca,  
Onde um sorriso meigo e pudibundo  
Suave amor nos corações embebe. “

Sorrio-se o pai, e affabil lhe responde :  
„Si o sol dêo sua côr aos teus cabellos,  
Como nos dêo á pelle, tambem póde  
Com seus raios crestar a côr da lua,  
Que afogueada brilha no teu rosto,  
E em trevas converter-te a coma de ouro.  
Não serás o primeiro de côr branca  
Que se enlace a uma virgem destes bosques.  
Contente desde já te concedera  
A formosa Potira por esposa,  
Si eu não tivesse por Tupan jurado  
A minha viuvez guardar severo,  
E sem consorte conservar a filha,

Emquanto de meu pai os frios ossos  
Calcados forem pelos pés dos Lusos.“

„Bem! exclama o Francez, dás-me esperança.  
Bem! Meu braço unirei aos vossos braços,  
E pela mesma causa luctaremos.  
E si vencermos, como espero, oh dita!  
De Potira serei fiel esposo!  
Sim, venceremos, por amor luctando,  
E esta esperança as forças me redobra.“

Para a guerra porêem marchar não podem,  
Sem que primeiro tenham celebrado  
Da despedida a festa. — Á festa! — bradam  
Com unanime voz os chefes todos:  
— Á festa! á festa! — as turbas lhes respondem.  
Dá Coaquira o signal, e de repente  
Trôam todas as bellicas inubias,  
Marraques e urucás: o echo estrondoso, <sup>(5)</sup>  
Como o rugido de enraivadas feras,  
Os valles repercutem; mil volateis,

Aos ninhos seus fugindo amedrontados,  
Sem tino pelos ares esvoaçam,  
Como as folhas das cômas arrancadas  
Pelos ventos, nos ares remoínham!

Ao clangoroso som dos instrumentos,  
Que foi pelos desertos reboando,  
Succede alto silencio. Então Coaquira  
Sobre um combro de terra se levanta,  
Porque seja de todos visto e ouvido,  
E a ponta do seu arco no chão crava.  
Uma alva cúia de inimigo craneo,  
De licor espumante trasbordando,  
Aos labios chega e a esgota: eis de improviso  
Sacro fogo as entranhas lhe devora;  
Inflamam-se-lhe os olhos, e se envolvem  
N'uma auréola de sangue; as cans mescladas  
Esparsas se arripiam sobre a fronte,  
Como hirsutos espinhos; dentes rangem,  
Franze-se a testa, as faces se intumecem,  
Arqueja o peito, e todo o corpo treme,  
Como si o sacudisse um calafrio.

Momento é esse em que no céo sereno  
Placida alveja a lua, e ao indio vate  
Com pallido clarão branqueia o rosto.  
As fogueiras, que em torno em chammas ardem,  
Escarlates reflexos n'elle imprimem,  
Co'o pallor do planeta contrastando.  
Mal perturba o silencio das fileiras  
O brando sopro das nocturnas auras,  
Que as folhas estremecem susurrando.  
Oh! que sagrado horror nos peitos lavra  
De quantos alli stão! Do vate o aspecto  
É de um phantasma que apparece em sonhos,  
Ou dos genios malignos que se antolham  
Em solitaria noite ao peregrino.

Olhos, que a inspiração dilata e accende,  
Vibra em torno, e depois na lua os fita,  
Convulsos braços para os céos erguendo.  
Bronzea, tonante voz, rouca e medonha,  
Como o rugir do vento em pétrea furna,  
Sóbe do peito aos labios arquejando,  
E treveja este cantico de guerra:

„Gloria, gloria a Tupan! Sua voz trôe  
Desde a cabana na montanha erguida,  
Té nos covís reconditos das feras.

„O céo é de Tupan; a terra é nossa;  
Nossos pais a regaram com seu sangue;  
A nós toca morrer para vingal-os.

„Nossos pais livres foram, e temidos  
Dos Aimorés terríveis, que só comem  
Crua carne, e só quente sangue bebem.

„Do que nos servem mãos, arcos e frechas,  
Si o fero Portuguez impune calca  
Nossa terra, e captiva nossos filhos?

„Pais, mulheres, irmãos, filhos e amigos,  
Ou são a nossos olhos fulminados,  
Ou escravos vão ser dos Emboabas.

„Ah, não! Ligeiras pernas, braços fortes,  
Iremos abrasar suas cabanas,  
Sem medo dos trovões, sem temer raios.“

Dança ligeira trançam os Tamoyos  
Em torno de Coaquira, repetindo:

„O céu é de Tupan, a terra é nossa;  
Nossos pais a regaram com seu sangue;  
A nós toca morrer para vingal-os.“

De nova inspiração accesa a mente,  
O bardo dos Tamoyos continua:

„Noite é esta talvez a derradeira  
Para muitos de nós, em que nos veja  
A lua em branda paz estar folgando.

„O sol ha de amanhã dourar os grêlos  
Das palmeiras do monte, e nós armados,  
Para a guerra marchando, o saudaremos.

„Eia, dancemos hoje; eia, bebamos  
Entre nossas mulheres, nossos filhos;  
• Que amanhã só em guerra pensaremos.

„Por nós temos Tupan! Eia, no sangue  
Do inimigo lavemos nosso opprobrio,  
E seus corpos que fiquem sobre a terra.

„A terra os repudie de seu seio;  
Só negros urubús sobre elles pastem;  
E morra co'o vapor quem enterral-os.

„De herdada valentia exemplo novo  
A nossos filhos demos. Morra o fraco  
Que a morte de seu pai vingar não sabe.“

Pára, espumando, o trovador Tamoyo,  
Exhausta a inspiração, cansado o peito,  
E' arroubado em deliquio cai por terra.  
Gyrando o côro, á roda d'elle canta:

„O céo é de Tupan, a terra é nossa;  
Nossos pais a regaram com seu sangue;  
A nós toca morrer para vingal-os.“

Das inubias ao som termina o canto;  
Cessa a dança, e o banquete principia.

De mão em mão já plenas cúias passam  
De licores balsamicos, que aprazem  
O olfacto, o paladar, e a propria vista;  
Licores pelos Indios extrahidos  
Do summo do ananaz delicioso,  
Do aipim, e do cajú, que a sêde aplaca,  
E refrigera o mal do amor impuro,  
Mimo fatal das Venus européas,  
Que a America até-li não conhecia.  
Em festival, opíparo banquete  
O polido Europêo não desdenhára  
Taes licores gostar em taças de ouro.  
Tostadas carnes de mui varias caças,  
Sêccas umas ao sol, outras ao fogo,  
Co'o pó do cumarî mais saborosas,  
Servem de refeição, regalo aos Indios,  
E aos amigos Francezes que os imitam.  
Grandes beijupirás, bellas garoupas,  
Que honra dariam de um Lucullo á meza;  
Torrados camarões, que a gula excitam,  
O cará, que supera o pão mais alvo,  
O excellente palmito, o aipim mimoso,

E em montes, varias, seductoras fructas,  
O appetite voraz tudo consume.  
De comer e beber já muitos cançam.  
Alguns, por tantos vinhos exaltados,  
Dão-se a gargantear toscas endechas;  
E ao som dessas monótonas cantigas,  
Que os vapés sonorosos acompanham,  
Dançando alongam da vigilia os gozos.  
Geral contentamento o campo anima;  
Porém ao quadro o aspecto a aurora muda,  
Quando nuncia vem ser da despedida;  
Da despedida, oh céo! quão dura é ella!  
Ah, diga-o quem tiver de amante o peito,  
De mãe o coração, alma de amigo!

Alli ao lado do guerreiro esposo  
Terna esposa se mostra muda e triste,  
Carregando em seus braços dous penhores,  
Que ella aleita e amima; outros em torno  
Em brincos innocentes correm, pulam,  
E ao maternal regaço emfim se abrigam:  
Assim de artista celebre, inspirado

Déstro sinzel esculpe em duro marmor  
Bello grupo, que aos olhos representa  
A maternal Natura caridosa.

Velha mãe alli stá, e um pai annoso,  
Que o bravo filho abraçam, e só pedem  
Que honre sua velhice, e antes fique  
Para pasto de abutres sobre o campo,  
Do que sem gloria volte, e sem que augmente  
O collar que o pescoço lhe guarnece.

Mas em momento tal, quem ha que iguale  
A formosa Iguassú na acerba angustia  
Da saudade, que o peito lhe aguilhôa?

O funebre fanal, que a noite aclara,  
Entre milhões de estrellas moribundas,  
Quasi ao termo tocava de extinguir-se,  
Qual lampada que de oleo vai minguando,  
E ao lado de Iguassú, que não dormíra,  
Ainda Aimbire estava. Elle dest'arte,

Disfarçando o pezar que lhe opprimia  
O heroico coração de amor vencido,  
Consolar procurava a tenra amante,  
De cujos negros olhos borbulhavam,  
Como perolas, lagrimas contínuas,  
Que elle com ternos beijos enxugava.

„Oh de Pindobuçú mimosa filha,  
A Aimbire destinada; olha, querida,  
Como se apaga, e desaparece a lua,  
Quando\* sobre ella negra nuvem passa!  
Assim co' o pensamento de deixar-te  
O fogo de meu animo se apouca.  
Vês como o calumby de noite murcha?  
Assim meu coração de dôr se encolhe  
Neste instante, que é noite no meu peito,  
Apezar de que vem nascendo o dia,  
E já o calumby desdobra as folhas!  
Mas de guerreiro pai filho guerreiro,  
Amigo de teu pai, e teu amante,  
Dos Tamoyos a injuria vingar devo.  
Eu me ausento de ti; mas ah! quão cara

Vai aos nossos crueis perseguidores  
Esta ausencia custar! Suas cabanas  
Serão por nossas mãos incendiadas;  
Devastados seus campos; e seus filhos,  
Mesmo á vista dos pais, das mães nos braços,  
Sem piedade serão estrangulados,  
Para acalmar-me a sêde de vingança.  
Dessa raça feroz seguindo o exemplo,  
Implacavel serei, exterminando-a.“

Iguassú, que tal ouve, se arripia:  
„Não mates, não, Aimbire, os innocentes  
Filhinhos desses homens, que banhados  
São ao nascer em agua mysteriosa.  
Tu mesmo me contaste, que elles dizem  
Que quem matar tão debeis criaturas,  
Abrasado será lá n'outra vida.  
Elles são do seu Deos tão protegidos,  
Que os raios e os trovões lhes obedecem,  
E se escondem nas suas espingardas.  
Tão forte é o seu Deos, que até parece  
Que Tupan o respeita, o teme e adora!“

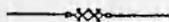
„Adore-o quem quizer, que eu não o adoro!“  
Já em furor Aimbire lhe responde.  
„Nem elle, nem Tupan, quanto mais homens  
Affrontar poderão a tempestade  
De frechas, que obumbrar vai o seu campo!  
Braços de Aimbire, procellosos braços,  
Acaso alguma vez frouxos tremestes,  
Canguçús e giboyas subjugando?  
Alguma vez tremestes, quando a morte  
Em cada setta aos Lusos enviastes?  
Porque não fartarei meu odio immenso  
Com todo o sangue do inimigo atroce,  
Que impio derrama nosso sangue em ríos?..  
Bella Iguassú, dissipa esses receios;  
Nada temas por mim, que nada temo.  
Faze como eu, não creias nos inventos  
Com que busca essa gente amedrontar-nos.“

„És grande, és forte, Aimbire! diz-lhe a moça,  
Sentindo a commoção do enthusiasmo  
Que a voz do heroismo na mulher infunde.  
„Desculpa o meu temor tão mal fundado;

Mas zelo foi de amor. Eu te amo, Aimbire,  
E digna sou de ti. Vai, oh guerreiro,  
Em tua valentia assaz confio.  
Vai, defende os Tamoyos, que a victoria  
Do teu valor esperam. Vai, triumphá,  
Ou morre exterminando a ímpia raça  
Dos nossos oppressores. Vai; si acaso  
Minha imagem seguir-te no combate,  
Já que não posso acompanhar-te eu mesma,  
Não esmoreças, não; investe ousado,  
Enfia frechas no arco, e a morte esparge  
Com toda a força do teu braço ingente,  
Que nunca o golpe errou. Sim, vai, Aimbire,  
Meu grande e caro Aimbire! ao lado marcha  
Do ancião Pindobueú, e como filho  
Véla sempre sobre elle; inda que forte,  
Meu pai é como o tronco solitario,  
Que aos ventos resistio das tempestades;  
Mas abalado jaz, e pende, e murcha.  
Sete vezes das mãos os dedos conta  
Que tem visto dos bosques os coqueiros  
Com seus cachos de côcos enfeitados.

Vai, e volta com elle; e nestes braços  
Terás de esposo a paz e a recompensa.“

E assim dizendo, os braços abre, e aperta  
Contra o seu tenro peito o heroico amante,  
Que de gloria e de amor todo se ufana.

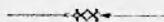


CANTO QUARTO.

# CANTO QUARTO.

## ARGUMENTO.

A aurora. — A partida. — Melancolia de Iguassú. — Seu cantico saudoso, repetido pelo echo. — Marcha dos guerreiros pelos bosques virgens. — Durante a noite fazem fogueiras para afugentar as feras, e deitam-se nos ramos das arvores. — Lucta das jararacas com o fogo. — Aparecimento do Payé. — Temor dos Indios. — Discurso do Payé, aconselhando-os a desistir da empreza. — Aimbire se lhe oppõe. — Extraordinario sortilegio da Tangapema. — Conjura Aimbire o fatal annuncio, e ameaça o Payé. — Desaparece este, sem que se saiba como.



## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

---

### CANTO QUARTO.

Já da noite os negrumes se extinguíam.  
O sol, que extensas vira Eôas plagas,  
Que a terra lhe mostrára no seu gyro,  
De assomar no brasilico horizonte  
Mesmo ao longe se mostra jubiloso.  
Como é sublime o alvorecer da aurora  
Nestes formosos climas! Já seu rosto  
Rutila entre essas colossaes montanhas,  
Que em fórma de pyramides se elevam,  
Ou de egypcias columnas, sustentando  
Nos verdes capiteis de eternos bosques  
O vastissimo tecto de saphira.

Roseas, purpureas nuvens, de ouro orladas,  
Se curvam, se ensanefam, e arcos formam,  
Que ao triumphante sol entrada ampliam.

É hora da partida!.. A sensitiva,  
Que da noite ao languor emmurchecêra,  
Se desperta, e desdobra as verdes folhas.  
Das palmeiras os grelos como lanças  
Igneas lampejam co' o fulgor diurno,  
E o aroma matinal o campo exhala.  
É hora da partida!.. Bramam feras  
Nos covís do deserto; o hymno de gloria  
Ao Criador entôa a Natureza,  
Que renascida á luz recobra as galas;  
E a voz lhe cadenceia o alado côro,  
Que alegre pelas ramas verdejantes,  
Antes de ir procurar tenue alimento,  
Com suaves gorgeios e trinados  
Parece graças dar á Providencia,  
E aos homens ensinar a dar-lhe graças.  
É hora da partida! sim, é hora!  
Já rouquejam dos chefes as inubias,

E nos valles os sons o echo os prolonga,  
Dos tardos olhos repellindo o somno.

Mal do somno despertos, os guerreiros  
Da terra se levantam; estiriçam  
Os braços, e tres vezes as cabeças  
Emplumadas sacodem: assim vê-se  
Vasta planicie de flexiveis cannas,  
As verdes folhas agitando, erguer-se,  
Quando se enfreia o vento que as curvára!

Ás costas cadaqual suspende a aljava,  
Pejada de farpadas, leves frechas,  
E o arco sobraçando, a maça empunha.  
Outros sopesam galhos guarnecidos  
De candido algodão e sêccas palhas,  
Com que do inimigo aos campos mandam  
Pelos ares o incendio, o estrago, e a morte.

Por incultas veredas, mal trilhadas,  
Luctando co'os sipós que as emmaranham,  
Os Tamoyos belligeros caminham,

Seguidos dos Francezes alliados,  
Tão poucos, que talvez de cem não passem.

Marcham das tribus na vanguarda os chefes,  
E ante todos suberbo assoma Aimbire,  
A cuja voz suprema attendem todos.  
Do exercito na cauda, horrendas velhas  
Enrugadas, medonhas como espectros,  
Nuas, pintadas do verniz vermelho  
Do fructo do urucú, e matizadas  
De listas transversaes, ou angulosas,  
Amarellas e negras, vivas cores  
Que tiram do assafrão e genipapo,  
Sobre bordões se curvam, e carregam  
Os potes de cauím, tão grato aos Indios.

Sobre o cume de um monte alcantilado,  
Assentada Iguassú contemplativa,  
Nas mãos pousando o queixo, a côma esparsa,  
Negra, lustrosa, em ondas fluctuantes,  
Vê ao longe o exercito sumir-se,

Ora outeiros subindo, ora descendo,  
E entre os dos bosques corpulentos troncos,  
Arbustos os guerreiros lhe parecem.

Aperta-lhe ruím melancolia  
O anciado coração, que a ausencia chora,  
E a lagrima profunda aos olhos sóbe.  
De copada aroeira em verde ramo,  
De rubeos grãos em cachos matizado,  
Modúla o sabiá canções de amores,  
Com magicos accentos da saudade;  
Canções que embebem n'alma o abatimento,  
Branda, terna affeição, languor suave,  
Que quasi a vida extingue entre delicias!  
Canções, direi melhor, que a alma extasiam,  
E do corpo mortal arrebatando-a,  
Ao vago espaço a elevam, a sublimam  
Ás puras regiões de excelsos gozos!  
Que coração ha-hí já tão quebrado,  
Tão vasio de amor, ou já tão duro,  
Cujas cordas não vibrem doces echos,  
Quando o canoro sabiá gorgeia

Seu canto matinal por entre as selvas?  
Que coração ha-hí petrificado,  
Que allivio não encontre, quando exhala  
A dôr sua em tristíssimos suspiros,  
Em cantos repassados de amargura?

Canta, oh virgem dos bosques olhinegra!  
Canta, oh bella Iguassú! canta, acompanha  
O terno sabiá, que te convida.  
Ah, doce é o cantar! remedio é prompto  
Que aos seios d'alma sóbe, e a mágoa abranda  
Do malfadado coração que chora.  
Tal da papoula o expandido aroma  
Entorpece o aguilhão que o peito punge,  
E n'alma idéas gera deleitosas.  
Um ai do peito a misera soltando,  
A maviosa voz dest'arte exhala:

„Só, eis-me aqui no cimo da montanha,  
Dos meus abandonada; como um tronco  
Despido, inutil no alto da collina,  
A que os ramos quebrou Tupan co'a frecha.

„Só, eis-me aqui, do velho pai ausente,  
Ausente do querido bem amado,  
Como viuva, solitaria rôla  
Em deserto areal seu mal carpindo!

„Ainda hoje o caro pai vi a meu lado;  
Ainda hoje o amante eu vi!.. Fugiram ambos,  
Velozes como os cervos da floresta:  
Já fui feliz; mas hoje desgraçada!“

E os echos responderam — desgraçada!

„Desgraçada!... E ainda vivo? Antes á guerra  
O pai e o bravo amante acompanhasse;  
Ouvindo sua voz, seu rosto vendo,  
Acabar a seu lado melhor fôra.“

E os echos responderam — melhor fôra!

„Genios, que as grótas povoais e os valles,  
Genios, que repetís os meus accentos,

Ide, e do amado murmurai no ouvido  
Que a amante sua de saudades morre.“

E os echos responderam — morre... morre!

Morre... morre! soou por longo tempo.  
O canto cala um pouco a triste moça,  
Murmurando dos echos o estribilho,  
Como si algum presagio concebesse.  
Os negros olhos de chorar cançados  
Co'as mãos ella os enxuga; mas de novo  
Desses doridos olhos as estanques  
Lagrimas brotam, que lhe o peito aljofram,  
Como goteja em bagas abundantes  
Da fendida tabóca a pura lympha.

O sabiá de ouvil-a enterneceô-se,  
A cabeça inclinando á voz queixosa;  
E como si algum genio o inspirasse,  
Ouvindo-a modular tristes endechas,  
Tão cortadas de dôr, calou seu canto;  
Ou talvez que julgando-se vencido,  
Não podendo imitar tão doce gamma,

Mudo aprendesse a gorgear mais terno!  
E quem conhece os intimos mysterios  
Da vida, e dos instinctos de taes entes,  
Que affirme ou negue o que parece apenas?  
Suspendendo ella o canto, elle replica  
Com mais grata e escolhida melodia.

Por um momento a solitaria o escuta;  
Crava os olhos no céo menos chorosos;  
Suspira e geme, e continúa o canto;  
Mas temendo que os echos lhe respondam,  
Em meia voz começa compassada:

„Porque tão cedo, oh sol, hoje raiaste?  
Porque flammejas como accesas brasas?  
Ah! tu me queimas; teu calor modera,  
Que na marcha os guerreiros enlanguece.

„Desta terra que é tua, destes bosques,  
Que após da inchente do geral deluvio  
Plantou Tamandaré para seus filhos, (1)  
Hoje os Tamoyos em defesa marcham.

Tamandaré foi pai dos avós nossos;  
Sempre Tamandaré a ti foi caro;  
Tu, oh sol, o aqueceste na velhice;  
Aquece os filhos seus; mas ah! não tanto.

„Olhos meus, de chorar cansados olhos,  
Que tendes mais que ver? Já não distingo  
Naquelles densos bosques os guerreiros,  
Entre os arribás e as sapucaias.

„Nada mais vejo que prazer me cause.  
Só estou sobre a terra! Vinde, oh feras!  
Não ha quem me defenda: vinde; ao menos  
Menos dura é a morte que a saudade.

„Sim, morreréi...“

E mais dizer não pôde;  
Em meio de um gemido a voz faltou-lhe.  
Os labios lhe tremiam convulsivos,  
Como flores batidas pelos ventos.  
Cruza os braços no collo, os olhos cerra,  
Pende a fronte, e no peito o queixo apoia,  
As derretidas perlas entornando:

Tal n'um jardim a pallida açucena,  
De matutino orvalho o calix cheio,  
Si o zephyro a bafeja, a fronte inclina,  
Puros crystaes em lagrimas vertendo.  
Não sei si dorme, ou si respira ainda ;  
Mas parece entre pedras bella estatua,  
Que do abandono o desalento exprime!  
O sol, que ao resurgir a vio chorosa,  
Nesse mesmo logar chorosa a deixa.

Entretanto os Tamoyos vão vingando  
Altas serras pejudas de graúnas,  
Cupahybas, jacuás e sacupiras,  
Que a existencia por seculos já contam ;  
E descendo, da marcha afadigados,  
Chegam co'a tarde n'uma varzea amena,  
Plantada pelas mãos da Natureza,  
Onde pingue a baunilha se annuncia  
No intenso olor que os ares embalsama,  
E a profusão da vida no confuso  
Borborinho sonoro de mil vozes.

Curta é a varzea, e um bosque além começa,  
De verdeneira rama, e aspecto ingente.  
Negreja o oriente, e róxas nuvens  
De fogo orladas pelo céo vagueam.  
Parece o occidente um mar de sangue,  
Com vagas de ouro; náda o sol no meio,  
Como um pharol acceso, ou igneo escudo,  
Que ao longe seus revérberos reflecte.  
Violacio vapor se eleva e paira  
Pelo vasto horisonte. Ao longe os montes  
Quaes saphiras se ostentam sotopostas  
A inflammados rubins; toda a floresta,  
Na propria exhalação confusa e envolta,  
Representa uma nuvem condensada  
Azul-purpurea, sobre a terra immovel,  
E aureo effluvio sobre ella se evapora.

Nunca humano pincel pôde a Natura  
Ao vivo retratar; ella n'uma hora,  
Por magico poder taes quadros fórma,  
E o homem de pintal-os desespera;  
Que á palheta lhe falta a luz, e a vida!

Vinde saudar a virgem Natureza,  
Oh artistas da Europa encanecida!  
Vinde inspirar-vos neste Paraíso,  
Que de humano artifício não carece  
Para mostrar-se grandioso e bello.

Cantor sublime dos brasilios bosques,  
Que fazes dos pinceis que a Natureza  
Com tanto amor te dêo? Caro Araujo, <sup>(2)</sup>  
Tu, que pintando o que tão bem descreves  
Com essa alma de fogo, que se abrasa  
N'um vulcão de arrojados pensamentos,  
Criar podias maravilhas d'arte,  
Que além dos versos teus mais te exaltassem;  
Porque não mostras quanto póde o engenho,  
Que dêo-te a Patria para gloria sua?  
Mas não te accuso, ah não. Assaz te esforças  
Em lucta desigual, em que és vencido  
Pela caudal torrente da cubiça,  
Que invade os corações, e os torna inertes  
Às bellas producções da phantasia;  
Antes a minha voz unindo á tua,

Lamento a ingratidão dos que se esquecem  
De dar o justo premio ás almas nobres,  
Poucas que a Patria e os seus enchem de gloria.  
Mas ah! voltemos ao trabalho o rosto,  
E apesar da injustiça a Patria amemos.

Espessa é a floresta, emmaranhada  
De parasitas mil, que se entrelaçam,  
Enroscadas aos troncos como serpes,  
E abraçando-os lhes sorvem força e vida,  
Co'a seve de que nutrem-se vorazes;  
Como dos reis os tredos lisonjeiros,  
Abrigados aos thronos que os sustentam,  
Tanto lhes pesam, tanto mal lhes fazem.

Cabal río, de longe dimanado,  
A floresta divide em duas partes.  
Repousa a escuridão sobre esses tectos  
De apinhoadas folhas de mil ramos  
De mil diversas arvores gigantes,  
Cujas flores os ares embalsamam.

Como errantes estrellas, relampejam  
Phosphoricos insectos, aclarando  
O horror da escuridão; ora alinhados  
Traçam nos ares luminosas serpes;  
Ora n'um só logar, como um chuveiro,  
Seu pallido clarão junctos soltando,  
Vão fingindo relampago longinquo,  
Que das nuvens rebenta, e se evapora;  
Ora em chusmas, pousados nas colméas,  
Que pendem de altos troncos, representam  
Illuminadas cúpolas dos templos,  
Que em noite festival nos ares brilham  
Sobre os escuros tectos das cidades.  
Desta negra mansão o horror redobra  
O funebre clamor da voz nocturna,  
O echo dos ventos que entre as folhas gemem,  
O echo do río que o trovão simula,  
E lento se prolonga reboando;  
E o echo inda mais funebre e monótono,  
Como o som do martello sobre a incude,  
Da immovel araponga, que soluça <sup>(3)</sup>  
De ancião jequitibá na altiva côma.

Esta é a voz da Natureza em lucto,  
Voz terrível que os homens apavora,  
E a idéa lhes desperta do infinito.

Temem os Indios de arrojarse ao rio  
Em horas tão sinistras, quando a lua  
Não adelgaça as trevas; e a seu modo  
Co'um sêcco e duro páo n'outro encravando,  
Como quem atarracha um parafuso,  
Desenvolvem calor, e a flamma surge,  
Como por força magica ateadada:  
Que ao homem, mesmo inculto, jamais falta  
No que mais lhe é mister a intelligencia,  
Dom do céo que espontaneo se revela.  
Aqui e alli em circulo levantam  
Cem fogueiras que as feras afugentem;  
Deste geito seguros e tranquillos  
Sobem aos troncos, e entre os ramos buscam  
Refugio para o somno, e contra as serpes.

Já tudo dorme, emfim; é alta noite.  
O fogo despertou as jararácas,

Inimigas do fogo, que dormiam.  
Eil-as silvando veem, o fogo investem,  
Debatem-se com elle; ora recuam,  
Erguem-se inchadas, caiem sobre as fogueiras;  
Esta já salta, e a cauda o chão açouta;  
Aquella gyra no ar como um corisco;  
Ora em torno se arrastam, té que o extinguem.  
Só esparsos carvões e cinzas restam.  
Quaes, luctando co'as brasas, se queimaram;  
Quaes feridas, co'a dôr no chão se enroscam,  
Mordendo a terra, e orbes descrevendo;  
Quaes vão ao seus covís victoriosas.

Começa a noite a declinar. Um echo  
Na espessura resôa, rouco e surdo,  
Como o roncar do búzio, com que o Indio,  
No mar pescando, os peixes arrebanha,  
E em cardume os attrai á treda rêde,  
Que estendida os espera. O horror se espalha,  
Repentino os ouvidos penetrando.  
De sobresalto o somno se interrompe;  
Despertam-se os guerreiros, receiosos

Que os malignos genios Macachêras,  
E os ruins Juruparís os acommettam. <sup>(4)</sup>  
Uns, tomados de medo, caiem dos troncos,  
E nem ousam da terra erguer as fronte;  
Outros, espavoridos, como estatuas,  
Estão immoveis, mudos escutando.  
De novo perto estruge o som medonho,  
E se repete pela vez terceira.  
Após, por entre os densos, negros troncos,  
Vai sibilando um funebre gemido,  
Como o guincho do mocho entre ruinas;  
E dous lumes a par, de fumo envoltos,  
Que os olhos lembram de infernaes duendes  
Pela mente febril phantasiados,  
Ora aqui, ora alli erram na selva,  
Até que da cohorte em frente estacam.

Surge essa luz das orbitas de um craneo  
Suspenso n'uma frecha: é a lanterna  
Horrenda dos Payés, que nestas plagas,  
De sortilegio usando, o medo incutem;  
Que onde falta a verdade o embuste avulta.

„É Payé!“ N'uma voz todos bradaram.  
„É Payé!“ Cada bocca pronuncia.  
Batendo estão os corações de medo,  
E os olhos todos no Payé pregados.

Eil-o, alto e mirrado, e bem parece  
De magico poder mumia animada,  
Que da terra surgira, ou do profundo!  
Dieras que essa pelle crespa e sêcca,  
Como a cortiça de já velho tronco,  
Sobre ossos descarnados se amoldára.

„Filhos destes sertões! brada o agoureiro,  
Eis o vosso Payé, que vos procura,  
Por ordem de Monan, que fez co'um sopro  
O céo e a terra, e a quem Tupan se curva!  
Velho Coaquira, destemido Aimbire,  
Como dos meus conselhos não cuidadosos,  
Tão afoutos á guerra temeraria  
Ides, sem minha voz ouvir primeiro?  
E quereis que Tupan por vós combata,  
Quando do seu Payé, que em vós só pensa,

Em contínuo jejum na gruta escura,  
Não consultais a magica sciencia,  
Que penetra o futuro a vós ignoto?  
Como vossos avós da extincta raça,  
Essa impiedade e orgulho o céo affrontam!  
Cegos, não vedes que esse mar immenso,  
Onde o deluvio represou-se irado  
Ameaçando a terra, foi quem trouxe  
A prole que trovões dispara e raios!  
Como filhos vos amo; e si estes olhos  
Sêccos, como o meu corpo, inda tivessem  
Alguma occulta lagrima, ver-me-íeis  
Na minha dôr vertel-a neste instante.  
Oh filhos meus! que males vos aguardam!  
Que males, ai de mim!.. e inda heide eu vel-os!  
Feliz eu si primeiro no meu êrmo  
Para sempre meus olhos se fechassem.

„Estes annosos troncos, tão antigos  
Como Tamandaré, que os vio das aguas  
Erguer a tenra côma; estas florestas,  
Á cuja sombra nossos pais dormiram

O socegado somno do homem livre,  
Vão ser em breve a cinzas reduzidas  
Por essas mãos iníquas, sempre armadas  
De mortal fogo contra vós, incautos,  
Que com tanta candura os recebestes!  
Agora é tarde, e a resistencia inutil...  
Fugi, Tamoyos meus; fugi, deixai-lhes  
De Nitheroy as margens deleitosas,  
Que elles invejam tanto, e onde pretendem  
Á custa vossa apascentar seu ocio,  
E erguer co'as vossas mãos suas cidades.  
Deixai-lhes estas varzeas tão regadas  
De aguas tão doces, e estes verdes mattos  
Onde colheis o cambucá gostoso,  
O odoroso ananaz, e a grumixama.  
Tudo deixai-lhes, sim; fugi, mas livres,  
Que a par da liberdade tudo é nada;  
E aqui sereis escravos. Desta terra,  
Que já vossa não é, pois que seus olhos  
Passaram por aqui, tirai sómente  
De vossos pais os ossos; que os não pisem  
Os pés de tão ferozes inimigos.

Ide, e tirai da terra as igaçabas  
Que esses ossos encerram; e com ellas  
Vamos todos, além dos grandes serros,  
Procurar outra terra mais remota,  
Outros sertões mais ínvios, outros ríos  
Mais caudalosos, e outro céo mais puro.“

„E onde? brada Aimbire acceso em ira,  
Como si o inferno lhe estourasse n'alma:  
„E onde, estulto velho, onde acharemos  
O céo de Nitheroy? As ferteis plagas  
Do nosso Parahyba? E as doces aguas  
Do saudoso Carioca, que suavizam  
Dos cantores a voz melodiosa?  
Tudo deixar?... Fugir?... Mas tu deliras!  
Fugir?... Que Curupira malfazejo  
Inspirou-te tão baixos pensamentos? <sup>(5)</sup>  
Fugir! sem combater?... Quem? nós, Tamoyos?!  
Ferve-te acaso a cajuhy nas veias,  
Ou perturba-te o fumo, que se exhala  
Do queimado tabaco, nesse craneo,  
Que fincado ahi tens sobre essa frecha?

E onde iremos nós, que nos não sigam,  
Esses, que cuidam não caber na terra,  
E toda a terra querem, e o mar todo?  
Que ríos caudalosos, que altos serros  
De amparo servirão ás nossas tabas,  
Si elles canôas teem, e pés ligeiros?  
Em que sertões iremos acoutar-nos,  
Como as tapiras, que de tudo fogem? <sup>(6)</sup>  
E onde livres e em paz esconderemos  
Esses ossos de nossos pais guerreiros,  
Que tremendo estão já que os revolvamos?  
Ossos de nossos pais! estai tranquillos;  
Não temais que os Tamoyos vos aviltem,  
E da terra em que estais vos tirem hoje,  
Para entregal-a ao barbaro estrangeiro.  
Não fugiremos, não. Dizei, Tamoyos,  
Dizei: quereis fugir?“

—Queremos guerra;

Guerra, e só guerra. „Unisonos bradaram.

„Ouves? ouves, Payé? (prosegue Aimbire  
De prazer exultando) Ouves o grito

Que ainda forte sôa?... Já conheces  
Que gente vai aqui? Que mais tu queres?  
Que nos dizes agora? Ah! já te calas!“

Após breve silencio, o agoureiro  
Com voz pesada diz: —Pois bem, Tamoyos,  
Vosso valor o animo me exalta,  
E me faz perdoar tanta impiedade!  
Os pais de vossos pais me conheceram,  
E jamais do que eu dice duvidaram.  
Falsos temores inspirar não venho,  
Que por mim nada temo do estrangeiro,  
De cujo mando libertar vos quero.  
Vamos ver si Tupan, que vos escuta,  
Quererá proteger vossas fadigas.“

Assim dizendo o Arúspice dos bosques,  
Deixa em pé a lanterna pavorosa;  
Toma duas forquilhas de páo sêcco,  
Como tesouras, e com força as finca  
No duro chão, defronte uma da outra  
Tres palmos de distancia: após, sobre ellas

Deita, e amarra com torcida embira,  
Uma clava de pennas enfeitada,  
A que chamam os Indios Tangapema.

Tendo assim preparado o sortilegio,  
Ajuncta em roda a sí os tocadores  
De cangoeira, instrumento de ossos feito,  
Que os cabellos erriça co'os sibilos.  
—Tocai, dançai comigo.—Eil-o que dança  
Em torno á Tangapema, tendo os olhos  
Fixos sempre sobre ella; e já dançando  
Seguem-lhe os passos muitos dos Tamoyos,  
Pelo infernal concerto arrebatados.  
Mais que todos as velhas se revolvem,  
E em côro a feias bruxas se assimilham.  
Cada vez mais a mais se anima a orchestra,  
E cada vez a dança mais se anima;  
Como um confuso rodopío rápido  
De violento uracão, que gyra e zune!  
Mais céleros não são os Dervis d'Asia  
No rodante bailar religioso,  
Com que ao grande Alláh honrar pretendem.

Amainando já vai a estranha dança;  
Já vão mingando os circulos valsantes;  
Tontos e frouxos já repousam muitos,  
Até que alfim cançados todos param,  
E em torno ao Feiticeiro se acocoram,  
Como egypcias estatuas de granito.  
Só elle inda volteia, possuido  
De algum demonio, que lhe agita os membros.  
Que diabolicos gestos, que tripudios,  
Que esgares faz, os olhos não tirando  
Da magica armadilha! Já lhe banha  
Todo o corpo o suor em grossas bagas.  
Com rouca voz e sons interrompidos,  
Que parece o bulhão d'agua que ferve,  
Não sei que tetro canto sibyllino,  
Que horrenda evocação vai murmurando.  
Nunca em Delphos a Pythia assim tão cheia  
Do deos que a enfurecia, e tão convulsa,  
Sobre a sagrada trípode arquejando,  
Soltou com voz confusa o seu orac'lo.  
Só se lhe ouve dizer: — Mando eu, que posso;  
Quero, e mando; obedece, Macachêra! —

Pela terceira vez isto dizendo,  
Como certo de ser obedecido,  
Incha as bochechas, firma os olhos rubros,  
Que a rutilar das orbitas se alongam,  
E tres vezes assopra a Tangapema.  
Oh infernal prodigio!.. Eis de repente  
Sobre as forquilhas estremece a clava,  
Como sobre o altar do sacrificio  
A victima estremece, quando o ferro  
Lhe abre o ventre, e as entranhas lhe revolve,  
Para dar ao Adivinho algum presagio.  
Estalam, arrebentam-se as embiras,  
Sem que visivel mão a clava toque.  
Eil-a já sôlta das prisões que a atavam,  
E em torno a sí gyrando, ao céo se arroja,  
N'uma linha aspiral, que a prumo sóbe,  
Deixando boqui-aberta o vulgo ignaro,  
Que gelado de pasmo nem respira.  
Só Aimbire de colera roxeia,  
E co'os olhos a clava acompanhando,  
Espera conjurar o vaticinio,  
Si contrario elle fôr ao seu intento.

Sóbe a clava zunindo, como a pedra  
Pela funda com força arremessada;  
Sóbe, e tão alto vai que no ar se some!  
Já ninguém mais a vê, nem mesmo Aimbire.  
Mas volta; eil-a que vem; traz sangue!.. É certo!  
Onde foi ella? Donde vem? Quem sabe?..  
Vem toda ensanguentada!... Mas parece  
Pelo rumo que segue, cahir deve  
Distante das forquilhas... Máo presagio!..  
Aimbire, que isso vê inda de longe,  
E teme o effeito do fatal prenuncio,  
Dispara incontinente alada frecha,  
Que a vai ferir nos ares, e trazel-a  
Para onde elle quiz. A frecha e a clava,  
Uma encravada n'outra, ambas já descem,  
E entre as forquilhas caiem. Aimbire exulta!  
Mas o velho Payé, horrorisado:  
„Impio! (exclama) Tu vês? Vês tu? Entendes  
O que isto quer dizer?..“

—Sim; muito sangue

Temos de derramar. Sim; a victoria  
É certa para nós!.. Vai-te, Agoureiro!

Si te não pesa a vida, e aqui não queres  
Ter a sorte da tua Tangapema.  
Vai-te; que a noite foge, o sol não tarda,  
E é tempo de marchar á fresca d'alva.“

Dice Aimbire; e um susurro se levanta  
Entre os guerreiros, a marchar já promptos.  
Os Francezes, pasmados do que viram,  
Como explicar não sabem tal prodigio!  
Que mysterios são estes da Natura, (7)  
Que os olhos vêm, e a sciencia repudia?  
Seria uma illusão? ou caso estranho  
De occulta força, que a sciencia ignora?

Sumio-se o Feiticeiro: não se sabe  
Si ao río se arrojou, ou si escondeo-se  
No bojo de algum tronco carcomido,  
Ninho de serpes, que o Payé não teme.  
Crêm alguns que elle aos ares se elevára  
Entre os vapores do queimado fumo;  
Outros, que a terra, por seu pé batida,  
Abrindo-se convulsa, o engulira.

O crer é d'alma natural instincto,  
Que da sciencia ás duvidas resiste:  
E no que não crerão homens tão simples,  
Si muitos dos que teem a luz de Christo  
Crêm, e ensinam a crer em taes prodigios?  
E que homem tem da omnisciencia a chave,  
Que os arcanos penetre do invisivel,  
E a verdade de Deos, luz immutavel,  
Mostre á proscripta raça dos humanos,  
Condemnada a não ver a realidade?



CANTO QUINTO.

# CANTO QUINTO.

## ARGUMENTO.

Chega Jagoanharo a S. Vicente em procura de Tibiriçá. — Alguns Indios lhe mostram da porta da igreja o Cacique, que dentro estava orando. — Attrahido por aquelle espectaculo não visto, e pelos canticos religiosos, entra Jagoanharo na igreja, e insensivelmente se ajoelha ao lado do tio. — Findas as preces, erguendo-se ambos, reconhece o Cacique o sobrinho, e dá graças a Deos, cuidando que Jagoanharo o procura para baptisar-se. — Leva-o á casa, e pelo caminho lhe vai mostrando as cousas mais notaveis da recente villa. — Convida-o a jantar á maneira de um senhor Portuguez, sendo servido pelos de sua nação, com o que se escandalisa o sobrinho. — Dá-lhe este a embaixada, e questionam por longo tempo. — Narra Tibiriçá as tradições dos seus antepassados, e conclue em favor do seu novo estado. — Não se convence o sobrinho. — Trata o tio de seduzil-o com presentes e promessas. — Jagoanharo tudo recusa; e, cançados ambos, se entregam ao somno.



## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

## CANTO QUINTO.

A canôa, em que fôra Jagoanharo,  
Por mandado de Aimbire, a São-Vicente,  
Já das aguas vencendo a correnteza,  
Tinha aportado á ilha desejada,  
Onde esperava o impavido mancebo  
Achar Tibiriçá, dar-lhe a mensagem.

O Indio embaixador, chegando á praia  
De Tacaré, que jaz visinha á villa  
De que foi fundador Martim Affonso,  
Soube de uns Guayanás, que conhecêra,  
Onde achar poderia o seu Cacique.

Um d'elles o guiou da Igreja á porta,  
E de fóra o mostrou, que de joelhos,  
Com grande devoção orando estava.

Cantavam os neóphytos em côro,  
Separados os homens das mulheres,  
E o venerando Anchieta os dirigia:

„Senhor Eterno, cuja gloria entoam  
Os astros todos em perenne accordo;  
No meio desses sempiternos hymnos  
De nossos peitos attendei ás vozes.

Nós vos louvamos quando surge a aurora;  
Nós vos louvamos quando o sol se apaga;  
E nesta vida, e lá no céo co'os Anjos,  
Senhor, queremos sem cessar louvar-vos.

E vós tres vezes Virgem pura e sancta,  
Piedosa Mãe do Redemptor do mundo,  
Vós, neste exilio protectora nossa,  
Rogai por nós ao vosso amado filho.“

Jagoanharo esperava, não ousando  
Ír perturbar o tio: mas suspenso,  
Ouvindo os echos dos sagrados hymnos,  
Que o sanctuario enchiam de harmonia,  
Olhava para dentro, e extasiado,  
Sem sentir, pouco a pouco foi entrando,  
Pelo encanto da musica attrahido,  
Até que juncto ao tio ajoelhou-se.

Os altares de flores adornados,  
As tochas e as alampadas accesas,  
O odor do incenso, os cantos que soavam  
Ao som de nunca ouvidos instrumentos,  
Todo aquelle apparatus jamais visto  
De tal maneira fascinára o joven,  
Que imitando o Cacique, as mãos unindo,  
Erguêo-as para o céo, e parecia  
Mais que todos constricto penitente!  
Tibiriçá, que attento o altar fitava,  
Só quando as sacras preces terminaram,  
Alçando-se, encarou com Jagoanharo,  
E attonito ficou com tal surpresa.

„Como! (dice elle) aqui!... Tu a meu lado,  
Na casa do Senhor!.. Feliz si buscas  
O baptismo e a fé!... E quão ditoso  
Serei eu, si me escolhes por padrinho!  
E teu pai?... Meu irmão, onde está elle?  
Desejará tambem vir humilhar-se  
Aos pés do altar do Redemptor do mundo?  
Falla, sobrinho, dize... Mas primeiro  
Quero, por ver-te aqui tão bem disposto  
A receber a luz de Jesus Christo,  
Dar graças a meu Deos!“ E assim dizendo  
De novo se ajoelha, os braços abre,  
E porque Jagoanharo o comprehenda,  
Recita em lingua Túpica um verseto,  
Que o zeloso Anchieta compozera:  
„Gloria ao unico Deos, ao Pai Eterno!  
A ti, senhor, que em tua alta bondade  
Brilhar fizeste a luz entre os gentios;  
E por teus sacerdotes nos mandaste  
A verdade de Christo e os bens da graça.“  
E assim dizendo, beija a cruz de Christo  
Que do collo lhe pende em rubra fita,

Premio do seu valor no fero ataque  
Do forte Coligny contra os Francezes,  
Depois: — Vamos agora, dice, vamos  
Em casa repousar; lá quero ouvir-te,  
E noticias saber da nossa gente,  
De quem me lembro sem cessar saudoso,  
Desejando que todos se convertam.“

Em caminho lhe foi mostrando as cousas  
Mais dignas de attenção na nova villa:  
„Aqui moram, dizia, os sanctos padres,  
A quem devemos tanto; elles ensinam  
O caminho de Deos aos nossos filhos,  
E só em fazer bem vivem pensando;  
E tão humanos são, e amigos nossos,  
Que só por isso os seus já os odeiam.  
Não são como os Payés, que vos enganam  
Com embustes e vans feitiçarias.

„Eis a casa do bom Martim Affonso,  
Meu padrinho, e senhor do que estás vendo.  
Elle aqui não está, que o Rei mandou-o

Governar outros povos mui distantes,  
Lá onde além dos mares nasce o dia.  
Todos estes sertões que atravessaste  
Desde o Paranaguá, terras e ríos,  
Até o Macahé, tudo isto é d'elle,  
Que lh'o dêo nosso Rei, seu grande amigo.“

— E quem dêo, interroga-lhe o mancebo,  
E quem dêo a esse Rei a terra nossa,  
Para tiral-a a nós que aqui nascemos,  
E dal-a a seu prazer aos seus amigos?“

„O Rei, volta-lhe o tio, não precisa  
Que ninguem lhe dê nada; tudo é d'elle.  
O Rei tira, o Rei dá, o Rei é dono  
Das terras, e do mar; é senhor nosso.“

— Então o Rei, replica-lhe o sobrinho,  
É mais do que Tupan? Desejo vel-o!“

„Si é mais do que Tupan! brada o Cacique:  
O que é Tupan? Deos é que póde tudo;

E depois d'elle o Rei; o resto é nada...  
Mas não, tambem os padres podem muito.“

— Dize: e o Rei come, e bebe, e tambem morre? “

„Sim; come, bebe, e morre.“

— Então é homem! —

Promptamente o selvagem lhe returque.

„Homem, sim; mas de Deos na terra imagem,  
E curvar-nos devemos a seu mando.“

Após breve silencio assim prosegue:

„Vês tu aquella casa? Alli habita  
O Portuguez Ramalho, que é meu genro.  
Has de vel-o, e a mulher, e os meus netinhos.“  
Isto mostrando o convertido chefe,  
Só não mostrou o carcere da villa,  
Onde, como animaes, os pobres Indios  
Á fome, á sêde, e á força se amansavam.

Nisto passou, no meio de uma escolta,  
Um grupo de selvagens, que amarrados

Vinham a dous em dous, e as criancinhas  
A chorar, esfaimadas e sedentas,  
Das mães nos hombros; pobres criaturas,  
Á traição arrancadas dos seus bosques!  
Pesado captiveiro as esperava,  
Na propria patria, ou mesmo além dos mares.  
Bem os vio Jagoanharo, e nada dice,  
Mas os labios mordêo, voltando o rosto.

Já em casa chegados, o Cacique  
Crendo o sobrinho não tão bronco e fero,  
Quiz grandeza ostentar ante seus olhos,  
E co' o aspecto do luxo seduzil-o.  
Convida-o a comer em mesa ornada  
Com todo o apparatus e louçania  
De nobre Portuguez, qual se julgava.  
Por alguns Guaynás servidos eram.

— Quem são estes, pergunta o moço ingenuo,  
Que emquanto nós comemos assentados,  
Tão humildes estão em pé servindo?  
São acaso inimigos prisioneiros?“

„São da minha nação, volta-lhe o tio,  
Soldados Guayanás, meus camaradas.“

Ouvindo tal, com pasmo e quasi iroso  
Ia o mancebo erguer-se; mas prudente  
Disfarçou seu despeito, e com frieza  
Dice: „Então uns aqui servem aos outros,  
Sendo todos amigos e guerreiros?  
E como tu também os Portuguezes  
Pelos nossos irmãos serão servidos?“

Razões mui sociaes dêo-lhe o Cacique  
Daquella differença e jerarchia,  
Necessaria ao governo e á civil ordem.  
Mas não quiz o selvagem convencer-se.

Findo o brodio, o suberbo mensageiro  
Péde ao tio attenção, e assim lhe falla:  
„Devo agora dizer-te qual a causa  
Que me fez procurar-te entre inimigos,  
Para salvar-te a minha vida expondo.  
Teu irmão Araray, e o grande Aimbire,

Sempar Morobixaba dos Tamoyos, <sup>(1)</sup>  
Pindobuçú, Coaquira. e mais guerreiros,  
Por mimmandam dizer-te, que elles promptos,  
Armados e já perto, estão dispostos,  
Com tantos arcos que parece um matto,  
A vingar as affrontas, que incessantes  
Estes vís Emboabas lhes teem feito.  
Mas meu pai quiz primeiro que eu viesse  
Por tua mãe pedir teu forte apoio.  
Muito lhe dóe o ver-te tão contrario  
Á tua terra, e aos teus. Esperam todos  
Que um Guayaná, Cacique, e tão valente,  
Não arme o braço seu contra os amigos,  
Contra seu proprio irmão, contra o sobrinho,  
Em defensa dos máos, que nos perseguem;  
E tão máos, tão crueis, que até odeiam  
Esses bons padres, como tu diceste,  
Que só em fazer bem vivem pensando!  
Vê que taes elles são!... Co'a nossa gente  
Marcham alguns Francezes, que os conhecem,  
Que o mesmo Deos adoram, e nos dizem  
Serem na sua terra os Portuguezes

Taes como os Aimorés nos nossos bosques.  
Dize tu mesmo: e crês que na crueza  
Os Aimorés com elles rivalisem,  
Ou que as onças ferozes os igualem?  
Temos razão, ou não de aborrecel-os?  
Que nobre Guayaná, ou que Tamoyo  
Poderá ser amigo de tal gente?  
Dize, Tibiriçá, o que decides?  
Que reposta me dás, com que eu exulte,  
E do teu Araray a dôr dissipe?"

O chefe Guayaná pensando um pouco,  
Com voz pesada diz: „Quando na igreja  
A meu lado te vi, cuidei que vinhas  
Com pensamentos de alma arrependida  
Procurar o caminho da verdade;  
Mas tu me vens propor traição e guerra!  
Nenhum ótro ousaria assim fallar-me,  
Sem que antes de acabar punido fosse!  
E si eu me não lembrasse de que és filho  
De meu unico irmão, pago terias  
Tua arrogancia, e destemido arrojo!

Vai, dize a meu irmão, e a esse Aimbire,  
Esse ingrato, a quem já poupei a vida,  
E que ousado anda os Indios incitando  
Para tão temeraria e louca empresa,  
Que eu aqui os espero; elles que venham  
Com quantos braços reunir poderem,  
Que em defesa da igreja e dos bons padres  
Contente morrerei, porém luctando.  
Dize-lhes que um christão, qual eu sou hoje,  
Que me honro de chamar Martim Affonso,  
Conhecido de El-Rei, de Anchieta amigo,  
Tem por gloria morrer por Jesus Christo,  
De quem sou leal servo e cavalleiro,  
E que só em christãos irmãos enxergo.  
Mas dize-lhes tambem, que eu condoído  
Dessa vida sem Deos, sem lei, que vivem  
Como animaes no matto, os aconselho  
Que venham receber a luz da igreja,  
E a palavra de Deos, que aqui se ensina.  
Dize-lhes mais, que a guerra que hoje intentam  
Contra gente tão forte e venturosa,  
De seu Deos tão amada e protegida,

A ruína será, e a morte certa  
Dos que com ella emparelhar não podem,  
Nem na força do braço, nem na industria,  
Nem no saber, que vale mais que tudo.  
Que se lembrem que já esses Francezes,  
Que a elles se unem só para vingar-se,  
Foram por Mem de Sá lançados fóra  
Da ilhota, onde tão fortes se julgavam,  
Sem lhes valer na lucta atroz e horrivel  
O seu Villegagnon, que abandonou-os.  
Emfim, dize-lhes que eu lhes peço e rogo  
Que sigam meu exemplo, e a mim se ajuntem;  
Que ouçam a voz do céo, que os padres prégam,  
Si querem que seus filhos ainda sejam  
Senhores desta terra. De outro modo,  
Serão todos em breve exterminados,  
Ou por esses sertões, fugindo á morte  
Que os ha de acompanhar, irão ás feras  
Disputar os covís, e o esteril pasto;  
Até que de lá mesmo expulsos sejam.  
Si os canguçús podeis vencer co'as frechas,  
Estes vos vencerão co'as espingardas.

Quem mais industria tem, é o mais forte;  
E ao mais forte é dever curvar-se o fraco.  
Como amigo te fallo, e te respondo.“

Ouvindo este discurso, em grande enleio  
O mensageiro estava, e suspirando:  
„Assim pois, exclamou, não nos bastava  
Esse odioso inimigo, além nascido,  
Não sei onde, em longinqua, ignota plaga,  
Senão que tu, prestando-lhe o teu braço,  
Contra teu proprio sangue revoltado,  
Queiras co'os Guayanás, que te obedecem,  
Combater contra o irmão, e contra amigos?!  
Isto é pois o que os padres te ensinaram?  
E esse Deos, por quem já Tupan deixaste,  
Quer que em favor do estranho o irmão se mate?  
E esta é a nova lei em que hoje vives,  
Pela qual condoído nos lamentas  
Que vivamos sem Deos, sem lei nos bosques?  
E quem sólta o trovão, e o raio vibra,  
E a chuva manda a refrescar a terra,  
Não o adoramos nós? ou por acaso

Seu immenso poder desconhecemos?  
Não teremos tambem Payés, nem Tabas?  
Sós andaremos, sem familia, errantes,  
Sem industria, sem ordem, como feras?  
Não teremos nós leis, porque vivemos  
Em perfeita igualdade, e outras seguimos  
Diversas dessas leis, que hoje respeitas,  
Porque assim te convêm? Então é justo  
Que cedamos a terra em que nascemos,  
Ou que sejamos n'ella escravos desses  
Que da terra e de nós se julgam donos?“

„Escuta, Jagoanharo! (assim prosegue  
O convertido chefe, meio-instructo,  
De engenho perspicaz e previdente)  
Quero dizer-te mais. Meu pai contava  
Que esta terra, que nossa hoje chamamos,  
Nem sempre nossa foi. Antes de tudo,  
Quando Tamandaré inda vivia,  
Nua e deserta muito tempo esteve  
Pelo grande diluvio que inundou-a,  
E a cobrio té aos montes, afogando

„Plantas, e aves, e animaes, e homens,  
E só esse Payé deixando vivo,  
Para de novo povoar a terra.  
E tão verdade é isto, que até mesmo  
Dizem os padres, que de tudo sabem,  
Que era Noé o nome desse velho,  
E não Tamandaré, como dizemos.  
Depois que a terra se arreiou de novo  
De verdes bosques, de animaes, e de homens,  
Os que primeiro para aqui vieram,  
Filhos do unico pai dos homens todos,  
Foram, como parece, esses Tapuyas,  
Que co'as feras luctando as imitaram;  
Posto que os Tabayaras se acreditem  
Os primeiros senhores desta terra,  
E orgulhosos por isso assim se chamem.  
Não sei donde lhes vem essa vaidade,  
Si elles teem dos Tupís a lingua e os usos!  
Mais brancos do que são eram taes homens,  
Qual o Aimoré, que é dessa raça, o mostra.  
Embaçou-lhes a tez o sol ardente,  
Como tambem a nós. Após chegaram,

„Os Tupís, nossos pais, guerreira tribu,  
Que de Tupan, Tupís appellidados,  
Co' o nome de Tupan a um Deos adoram,  
E por isso mais brandos e entendidos.  
Estes ouviram de Sumé as vozes <sup>(2)</sup>  
Juncto do Itajurú, onde entalhadas  
Estão as impressões do seu cajado,  
Quando o poder de Deos apregoando,  
Como agora estes padres o apregoam,  
Lhes dizia: — Si a pedra com ser dura  
Se abranda, e cede á voz do Omnipotente,  
Como á verdade resistir mais rijos  
Os corações dos homens, de Deos filhos? —  
Desse velho Payé inda hoje existem  
Muitos signaes; em Itapoan seus passos,  
E em Marapé, no mar, o seu caminho,  
Quando ao furor fugio de homens ingratos.  
Foi Sumé, ou Thomé, como é mais certo,  
Que tinha branca a tez, e a longa barba,  
Quem aos Tupís mostrou como estrahindo  
Da mandiôca o succo venenoso,  
Se fabrica a farinha, e a tapiôca.

„Desses Tupís nós todos descendemos,  
Tubinambás, Tamoyos, Tabayaras,  
Guayanás, Carijós, e outros muitos  
Que os mesmos usos teem, e a mesma lingua,  
E por toda esta terra se estenderam,  
Sempre em frente do mar, em guerra aberta  
Co'os Tapuyas, que o centro procuraram,  
E que jamais comnosco paz quizeram.

„Chegam agora os fortes Portuguezes,  
Que melhor do que nós a Deos conhecem,  
Que vivem como irmãos em grandes villas,  
Que fazem tantas cousas espantosas,  
E só querem que nós os imitemos,  
Respeitando o seu Rei, a lei, e os padres;  
E vós vos declarais, como os Tapuyas  
Já comnosco fizeram, seus contrarios,  
Por cuidar que esta terra só é vossa!  
Em vez de vir com elles instruir-vos,  
E aprender suas artes proveitosas!..  
Porque só vossa deve ser a terra?  
Toda a terra é de Deos. Terra não falta

„A todos nós; só falta quem trabalhe.  
Mais que venham depois acharão terras.  
Vós fabricais a setta, o arco, a igara,  
A farinha, o cauím, a rêde, a inubia,  
E tantas outras cousas que vos servem;  
Mas porque não haveis com paciencia  
Aprender a fazer cousas melhores?..  
Vem ver a minha chácra... Olha, sobrinho,  
Quantas plantas em tão pequeno espaço!  
Vê alli o cajú, vê a banana,  
A jáca, o cambucá, a canna doce,  
E quantas fructas ha por esses mattos,  
Que sem fadiga aqui colhel-as posso.  
Esta planta que vês chama-se vinha;  
Para aqui Portuguezes a trouxeram,  
Com outras muitas, e animaes não vistos.  
Desta come-se o fructo, e faz-se o vinho  
De roxa côr, que á mesa tu gostaste.  
Vê quantas flores, que no campo murcham,  
Como lindas aqui a vista alegam!  
Os homens são assim, querem cultura.  
E eu, que te fallo, já não sou qual era

„Cacique ignaro; cada dia aprendo  
De Anchieta e de Ramalho industrias novas.  
Vê naquelle cercado quantas aves,  
Que o trabalho me poupam de ir caçal-as!  
Vê neste tanque quantos peixes vivos,  
Que brincando pescal-os qualquer póde!  
Sem de casa sahir, tudo aqui tenho;  
E quer chova, quer vente, a qualquer hora,  
Acho o meu alimento sem canceira.

„Vê agora esta casa como é feita;  
Como melhor me cobrem estas vestes,  
De tecido tão fino, e côr tão linda,  
Que excedem na belleza ás vossas plumas.  
Vê agora esta espada como corta!  
E esta espingarda, que nas mãos 'stá firme,  
E vale mais que centos dessas frechas.  
Olha, vê tudo bem, observa e nota.  
Dize tu mesmo agora, Jagoanharo,  
Não achas que é melhor viver tranquillo,  
Possuindo estes bens, tendo estes gozos,  
Do que errante viver por entre os bosques,

„Sempre incerto, arriscado, e exposto ás feras?  
Não achas que é melhor que aos Portuguezes  
Nós todos nos unamos? Que casemos  
Nossos filhos co'os d'elles? Que façamos  
Uma nova nação, grande e temida  
Dos Tapuyas, que comem carne humana,  
E de quantos a nós moverem guerra?  
Si amas a independencia e a liberdade,  
Tu não as perderás, como eu vivendo  
Sujeito a Deos, ao Rei, e ás leis que impedem  
Que a seu prazer o forte roube ao fraco.  
Mais livre e independente sou agora,  
Que posso chamar meu quanto possuo.

„E Deos, o grande Deos que nos dá tudo,  
Que seu Filho mandou para remir-nos,  
Para morrer por nós, para ensinar-nos  
O caminho do bem e da verdade!  
Não achas que devemos dar-lhe graças  
Dia e noite, entoando sacros hymnos  
Reunidos na sua sancta igreja?  
Que pódes aqui ver que te desgoste,

„E te faça odiar a nossa vida?

Dize, falla, responde: então, que pensas?“

Um sorriso de dôr e de ironia,  
Proprio de alma orgulhosa, e pouco instructa,  
Roçou os labios do sagaz mancebo,  
Que tudo via com desdem selvagem,  
Mal pesando as razões, que ouvira apenas.

„Queres pois que eu responda? Bem, escuta,  
Mas deixa-me dizer tudo o que penso.  
Sim, tudo isto seduz a quem deseja  
Converter seus irmãos em seus escravos,  
Folgar á custa do suor alheio,  
E em paz como senhor viver mandando.  
Que importa a meus irmãos que muito eu tenha,  
Si elles devem soffrer quando eu só gózo?  
Nem eu quero gozar á custa d'elles.  
O direito do chefe é ser na guerra  
O primeiro a marchar, expôr-se á morte,  
E mais que todos campeão mostrar-se,

„Para ser imitado, e obedecido;  
Que fóra do combate iguaes são todos.  
Eu, porém, vejo aqui os teus guerreiros  
Trabalhar para ti; não enfeitados  
Como tu, mas com sujos, rotos pannos,  
Banhados de suor, que mal os cobrem.  
Quando comes sentado, em pé 'stão elles,  
E depois vão roer os teus sobejos!  
E entre nós até mesmo o estrangeiro,  
E o inimigo comnosco junctos comem!  
São elles os que eu vi lavrar teu campo,  
Limpar o teu quintal, dar milho ás aves,  
Que para teu prazer tens no cercado!  
Elles trabalham pois, e só tu gózas!  
Em que consiste aqui a liberdade,  
E a independencia do homem que gabaste?  
Onde a igualdade está? Porque motivo  
Tanto tu has de ter, e elles — nada?..  
Porque? bem eu o sei! E tu pretendes  
Que te imite meu pai? ou que venhamos  
Aqui servir a ti, e aos Portuguezes?  
Cuidas tu que os Tamoyos tão briosos,

„E os poucos Guayanás que nos ficaram,  
A tão pesado jugo as fronteS dobrem?  
Os proprios animaes a vida, os filhos,  
E os ninhos seus defendem corajosos;  
E tu queres que nós, homens, e livres,  
Mais vís que os brutos, entreguemos tudo  
Ao indomito furor de ávida raça?  
Não, não; antes a morte, dirão todos;  
E eu com elles tambem prefiro a morte,  
Mais suave que o jugo do estrangeiro.

„Nada me agrada aqui; excepto a igreja,  
E o Filho desse Deos que elles mataram,  
De quem ouvi contar tantos prodigios  
Que pelos homens fez, só ensinando  
Que todos como irmãos sempre se amassem.  
Mas porque esses homens que o veneram  
Nada do que elle fez comnosco fazem?  
Querem que nós submissos o imitemos  
Na excessiva humildade e obediencia,  
Para melhor, crueis, escravisar-nos,  
Roubar nossas irmãs, nossas mulheres,

„E viverem aqui como senhores,  
Como os unicos donos desta terra!  
E que mal lhes fizemos? Por ventura  
Os recebemos mal, como os Tapuyas,  
Que aos Tupís guerra eterna declararam?  
Que digam elles de que modo affavel  
Applaudida aqui foi sua chegada.  
Si algum soccorro os nossos lhes negaram?  
Si ante essa cruz, que em nossa praia ergueram,  
De joelhos prostrados, imitando-os,  
Não estiveram com respeito attentos  
A quanto o padre fez, e a quanto dice?  
E negar poderão estas verdades?  
Si lhes fazemos guerra, é que elles guerra  
Primeiro com perfidias nos fizeram.  
Não se queixem de nós, mas de sí mesmos,  
Que em seus escravos converter-nos querem.“

Não faltaram ao chefe intelligente  
Razões que as do sobrinho rebatessem,  
E ambos por largo tempo pleiteando,  
Convencer um ao outro não poderam.

Assim os sabios em questões sublimes,  
Após longo debate e controversia,  
Firmes em seus conceitos permanecem;  
E como a luz tão vária se reflecte  
Segundo os corpos, côres mil radiando,  
Tal a verdade, que uma só ser deve,  
Vária se mostra nos juizos vários,  
A que paixões diversas senhoream.

Vendo o chefe sagaz como baldadas  
Eram suas razões, busca outro meio,  
Que poucas vezes resistencia encontra  
Nos fracos corações da humana gente.  
Meio tão efficaz, vergonha do homem!  
Que chega a impôr silencio ao sancto, ao justo,  
E deslumbra a razão, calca a verdade.

Começou por mostrar uns avelorios,  
Que ao collo atou do desdenhoso joven.  
Dêo-lhe uma faca, e um lenço de Alcobaça;  
Promettêo-lhe uma espada, armas de fogo,  
E honras de Capitão da sua gente,

Si com ella prestar viesse apoio  
Á nascente colonia Vicentina.  
Exaltou-lhe o valor; enchêo-lhe o peito  
De vaidosas idéas, de esperanças  
De um futuro brilhante e glorioso.  
Tudo quanto accender pôde a cubiça,  
Quanto a vaidade e o orgulho excitar pôde,  
Desenvolvêo com manha de homem culto,  
Que bem da seducção conhece a força  
Para vencer o coração rebelde.  
Não duvidando já do seu triumpho,  
Com mostras de prazer o abraçava;  
Já conduzil-o á igreja pretendia  
Naquelle mesmo instante, e apresental-o  
Ao venerando Anchieta, que lá 'stava  
Os neóphytos sempre doctrinando.

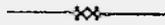
Do filho de Araray a alma incorrupta  
Tinha toda a altivez e a majestade  
Da virgem Natureza que a formára!  
Era um bello diamante em rude crosta!  
Tudo alli rejeitou! Não pôde a offerta

Mais que a voz da razão!.. Quão poucas vezes  
Isto acontece assim! — Nada ha que possa,  
Dice, fazer que eu traia a minha gente.  
Ainda que o teu Rei me dêsse o dobro  
De tudo quanto agora me promettes,  
Não deixaria os meus para servil-o,  
Sacrificando a alheia liberdade.“

Podemos lamentar a ignavia do homem,  
A rudeza do espirito selvagem;  
Mas o valor, que ás seducções resiste,  
Que faz que a alma á cubiça se não dobre,  
De que dêo Cincinnato nobre exemplo,  
É virtude tão rara, sancta e egregia,  
Que o devido louvor ninguem lhe nega.  
Si é sublime no heróe, mais é naquelle  
Que da gloria o pregão nem mesmo espera.

O Indio christão por fim desenganado,  
Vendo que a noite ao meio já tocava,  
Convidou o seu hospede ao repouso  
N'uma rêde suspensa. Após sua alma

A Deos encommendo fervoroso,  
Com aquella fé viva de um converso,  
Foi tambem repousar. Doce esperança,  
Inseparavel sombra do desejo,  
Em sua alma vagava, de que a noite,  
Tão plácida e suave conselheira,  
Amigo pensamento bafejasse  
No coração indocil do sobrinho.



# CANTO SEXTO.

## ARGUMENTO.

Excitado Jagoanharo pela discussão que tivera com Tibiriçá, e que espontanea lhe vem á memoria, mal póde conciliar o somno. — Dorme emfim, e nesse estado exalta-se sua alma, e sonha. — Apresenta-se-lhe S. Sebastião, cuja imagem na igreja lhe attrahira a attenção, e o transporta ao cimo de Corcovado. — Magnificencia do golfo do Rio de Janeiro, á que nada se compara. — Mostra o Sancto ao Indio fundada, no futuro, a grande cidade do Janeiro. — Seu porto arado de innumeradas náos. — A chegada da Familia Real. — A elevação do Brasil á categoria de Reino Unido. — O regresso de El-Rei D. João VI. — A proclamação da Independencia e fundação do Imperio. — A Abdicação de D. Pedro I. — A menoridade. — O amor do povo ao Senhor D. Pedro II. — Assume elle o poder. — O Imperio crescerá com elle. — A Providencia deve conceder a victoria aos Portuguezes sobre os selvagens, em favor da propagação da religião de Jesus Christo. — Quer o Indio abraçar a cruz: esta lhe apparece. — Acorda Jagoanharo. — O tio o conduz á igreja. — Encontra-se na praça com Iguassú, que vem presa. — Inutilmente procura libertal-a. — Desesperado parte praguejando.



## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

## CANTO SEXTO.

Como da pyra extincta a labareda,  
Ainda o rescaldo crepitante fica,  
Assim do ardente moço a mente accesa  
Na desusada lucta que a excitára,  
Ainda alerta e escaldada se revolve!  
Em vão na rêde, que suspensa oscilla,  
De um lado e de outro balanceia o corpo,  
Como após da tormenta o mar banzeiro;  
Alma e corpo repouso achar não podem.  
Debalde os olhos cerra; a igreja, as casas,  
A villa, tudo ante elle se apresenta.  
Das preces a harmonia inda murmura

Como um echo longinquo em seus ouvidos.  
Os discursos do tio mutilados,  
Máo-grado seu, assaltam-lhe a memoria.  
No espontaneo pensar lançada a mente,  
Redobrando de força, qual redobra  
A rapidez do corpo gravitante,  
Vai discorrendo, e achando em seus arcanos  
Novas respostas ás razões ouvidas.

Mas a noite declina, e branda aragem  
Começa a refrescar. Do céo os lumes  
Perdem a nitidez desfallecendo.  
Assim já frouxo o pensamento do Indio,  
Entre a vigilia e o somno vagueando,  
Pouco a pouco se olvida, e dorme, e sonha.

Como immovel na casca entorpecida,  
Clausurada a chrysálida recobra  
Outra vida em silencio, e desenvolve  
Essas ligeiras azas com que um dia  
Esvoaçará nos ares perfumados,  
Onde emquanto reptil não se elevára;

Assim a alma, no somno concentrada,  
Nesse mysterio que chamamos sonho,  
Preludiando a vista do futuro,  
A posthuma visão preliba ás vezes!  
Faculdade divina, inexplicavel  
A quem só da materia as leis conhece.

Elle sonha... Alto moço se lhe antolha  
De bello e sancto aspecto, parecido  
Co'uma imagem que vira atada a um tronco,  
E de settas o corpo traspassado,  
N'um altar desse templo, onde estivera,  
E que tanto na mente lhe ficára.

— Vem!“ lhe diz; e ambos vôam pelos ares,  
Mais rapidos que o raio luminoso  
Vibrado pelo sol no veloz gyro,  
E vão pousar no alcantilado monte,  
Que curvado domina o Guanabara.

Cerrado nevoeiro se estendia  
Sobre a vasta extensão do espaço em torno,

Cobertando o verdor da immensa varzea;  
E o topo da montanha sobranceiro  
Parecia um penedo no Oceano.  
Mas o velario da cinzenta nevoa  
Pouco a pouco subindo adelgaçou-se,  
E rarefeito emfim, em brancas nuvens,  
Foi fluctuando pelo azul celeste.

Que grandeza! Que immensa majestade!  
Que espantoso prodigio se levanta!  
Que quadro sem igual em todo o mundo,  
Onde o sublime e o bello em harmonia  
O pensamento e a vista attrai, enleva,  
E faz que o coração extasiado  
Se dilate, se expanda, e bata, e impilla  
O sangue em borbotões pelas arterias!  
Os olhos encantados se exorbitam,  
E lagrimas de amor n'elles borbulham.  
Como as vibradas cordas de uma lyra,  
De almo prazer os nervos estremecem;  
E o espirito pairando no infinito,

Do bello nos arcanos engolfado,  
Parece alar-se das prisões do corpo.

Nitheroy! Nitheroy! como és formoso!  
Eu me glorió de dever-te o berço!  
Montanhas, varzeas, lagos, mares, ilhas,  
Prolifica Natura, céo ridente,  
Legoas e legoas de prodigios tantos,  
N'um todo tão harmonico e sublime,  
Onde olhos o verão longe deste Éden?

Não és tão bello assim, ceruleo golfo,  
Onde a linda Parthénope se espelha,  
Tão risonha e animada como a noiva  
No dia nupcial léda se enfeita,  
Para mais encantar do esposo os olhos!  
Não és tão bello assim, quando torrentes  
De purissima luz vão esmaltando  
Tuas magicas ribas, apinhadas  
De garbosas cidades, de palacios,  
Entre bosquetes e odorosas tempes,  
E acervos de ruinas gloriosas

Da romana grandeza, que inda choras!  
Ou quando no teu céo voluptuoso,  
Onde o ar perfumado amor inspira,  
Entre os cirios da noite alveja a lua,  
No mar mostrando ao longe a bella Capri,  
E a saudosa Sorrento, onde meus olhos  
Cuidam ver inda infante o egregio Tasso  
Brincando á sombra de frondosos louros.  
Ou mesmo quando inopinado ás vezes  
O teu vulcaneo monte, contrastando  
A brandura da doce Natureza,  
Horrísono troando e estremecendo,  
Das sulphureas entranhas arremessa  
Pela bocca infernal de fumo envolta,  
Altos jorros de lavas inflammadas,  
Como ardentes columnas crepitantes,  
Que estalam no ar, e rompem-se em chuveiros,  
E umas sobre outas caiem em catadupas,  
E torrentes de fogo, que lambendo  
Vão o seu dorso, avermelhando as nuvens!  
Meu patrio Nitheroy te excede em galas,  
Na grandeza sem par muito te excede!

A alma ardente do Indio enleuada goza,  
Contemplando esse mar que em flor se quebra  
Nessas extensas praias e enseadas,  
Que rocortando vão da terra as orlas,  
Como uma argentea franja abrilhantada;  
E esses continuos montes verdejantes,  
Que o vasto Nitheroy cingem, e o fecham  
Como em profundo lago, salpicado  
De graciosas ilhas. Ah! diceras  
Um pedaço do céo cheio de estrellas,  
Guardado entre muralhas de esmeraldas!

Resupino gigante de granito  
Protege a entrada do remanso equoreo;  
E co'o pé collossal, penedo ingente,  
Ao longe mostra a barra ao viajante.  
Que absorto fica ao ver a maravilha,  
Da Natura primor, sem par no mundo.

Pouco a pouco essas terras, esses mares,  
Essas altas montanhas, essas ilhas  
Foram-se enchendo de prodigios novos;

Como n'um diorama, invenção rara  
Do engenhoso Francez, mudam-se as scenas  
Pelo effeito da luz vária disposta.

O sancto guia então dest'-arte falla  
Com prophetica voz ao Indio attento,  
Cuja mente no sonho se aclarára,  
As innatas virtudes concentrando.

„Volve os olhos áquella immensa varzea,  
Que desde o Andrahy ao mar se estende:  
Não vês aquelles combros que branquejam,  
Enchendo todo o campo, entre os verdores,  
E se alongam em grupos alinhados  
Pelas praias e encostas das montanhas?  
É a nova cidade do Janeiro,  
Que em breve tem de ser alli fundada  
Co'a minha protecção. Formosa e grande  
Será como ora a vês; cabeça illustre  
Do todo o vasto Imperio Brasileiro,  
Do qual a Cruz será o alçado emblema

Da sua liberdade e independencia.  
Vês tu como a cidade tanto cresce,  
Que já em torno d'ella outras se elevam?  
Aquella que alli vês na opposta margem  
A linda Nitheroy será chamada.  
Quantas outras innumeradas cidades  
Neste Imperio da Cruz se irão erguendo!

„Olha agora esse mar: eil-o sulcado  
Por essa multidão de ousados lenhos.  
Uns com velas bojudas, insuffladas,  
Como expandidas azas branquejantes,  
Outros movidos pelo fogo interno;  
Que o engenho, inspiração de Deos aos homens,  
Governa a terra, o mar, o ar, o fogo!

„Vês tu aquella não apavonada  
De listões tremulantes, multicores,  
Suberba entrando a foz do Guanabara,  
Que a saúda com brados jubilosos?  
Sabes quem n'ella vem?... Uma Rainha,  
E seu Filho, e seus Netos, descendentes

„Dos Reis de Portugal; Familia excelsa,  
Que deixa o paço avito, e a terra patria,  
Para abrigar-se nesta plaga amena,  
E aqui fundar um Throno, e um novo Reino,  
Maior Reino que o velho que deixára,  
Por feros estrangeiros invadido.

„Eis erecto esse Throno! A elle sóbe  
João, sexto no nome entre os Reis Lusos;  
E o Brasil que, colonia, supportára  
Do altivo Portugal os duros ferros,  
Agora Reino-irmão é proclamado!

„Porêm inda é mais alto o seu destino,  
Que Deos assim o quer; e hade cumprir-se  
Apezar da ambição de homens mesquinhos,  
Que na sua vaidade leis dictando,  
Cuidam poder mudar as leis eternas,  
Que a marcha e a sorte das nações regulam.

„Oh quanto póde o amor do patrio berço  
No humano coração, Rei, ou vassallo!

Volta o Rei de seus pais ao velho Throno,  
Que abalado chorava a sua ausencia,  
E deixa o filho sustentando o novo,  
Porque a dôr de o perder o não destrua,  
E não se apague o amor que o elevára.  
Deseja o pai que o herdeiro dos seus Thronos  
Um só seja, e os reúna, e mande, e reine ;  
Mas nem do Rei os calculos prudentes,  
Nem do filho o respeito e a obediencia  
Aos decretos de Deos resistir podem :  
E ambos, cedendo, mostram-se mais sabios  
Que esses de orgulho cheios, que pretendem,  
Lá no Congresso da longinqua Lisia,  
Com discursos, e leis, e ferro, e fogo  
De novo escravisar o Reino grande,  
Que quer ser livre, e póde, e deve sel-o !  
Como os homens são loucos quando intentam  
As nações sotopôr aos seus caprichos !

„Pedro, o Principe herdeiro dos dous Thronos,  
Bem vê que um vasto mar os tem distantes,  
E que uma só vontade, e um mesmo sceptro

Já não podem unir Nações distintas ;  
Quanto mais, nem seu peito em tal consente,  
Curvar e sujeitar a Nação nova,  
Resplendente de brio e de futuro,  
Ao Reino Lusitano, que definha,  
Como um tronco que o tempo desganhára ;  
E a quem tem elle de outorgar um dia  
A antiga liberdade, e uma Raínha  
Filha sua, nascida nesta terra!

„Eil-o, egregio mancebo de alto porte,  
A quem gloria immortal o céo destina,  
Dos filhos do Brasil já ladeado,  
E desse sabio Andrada, que se ufana <sup>(1)</sup>  
Co'os illustres irmãos de ter nas veias  
Sangue de Tib'riçá, e dos Tamoyos.

Vê o heroe lá nas margens do Ypiranga!  
Escuta sua voz; eil-o que brada:  
— Independencia ou Morte. Exulta, oh Indio!  
Exulta, que esse brado foi ouvido  
Desde o vasto Uruguay té o Oyapock,

E os povos, que o escutam jubilosos,  
Bradam com Pedro: —Independencia ou Morte!

„Um novo Imperio grande se levanta  
Onde o feliz Cabral a cruz alçára ;  
A cruz, simbolo sancto de triumpho,  
De resgate, e de gloria aos opprimidos :  
E Pedro, o Defensor dos seus direitos,  
Ufano de o fundar, sóbe a esse Throno,  
Que tem por base amor e liberdade.

„Vê que debalde derribal-o intentam  
As armas desses feros Portuguezes,  
Descendentes dos vossos oppressores,  
Que obedecem ao mando de um Madeira,  
E se lembram dos feitos singulares,  
Que seus avós no Oriente já fizeram,  
Sob o mando dos Castros e Alboquerque.  
Vê que se trava sanguinoso pleito,  
Onde os Limas se amestram corajosos,  
Defendendo o pendão da Independencia :  
E onde os netos illustres dos Vieiras,

Do leal Camarão junctos co'os netos,  
Combatem pela mesma sancta causa.

„Vê dos Tupís as descendentes tribus,  
Um só povo formando, unidas todas,  
Como alli se recordam que pelem  
Contra os filhos dos seus perseguidores;  
E como nessa escola porfiosa  
Do novo Imperio os bravos se exercitam  
Para futuras lides e altos feitos.  
Alce-se o ferro contra o ferro alçado;  
Porém maldito quem provoca a lucta.

„Vê que fica a victoria aos defensores  
Deste Imperio da Cruz, da justa causa  
Que Deos ama e protege; e que lá fogem  
Tintos de sangue os feros inimigos  
Da nascente, brasilica liberdade.

„Saúda, oh Indio, a tua patria livre  
Do jugo contra o qual armas teu braço,  
Inutil hoje em prematuro esforço;

E o espirito levanta a Deos Eterno,  
Que nunca deixa sem justiça os homens,  
Pune os erros dos pais co'as mãos dos filhos,  
E prostra o oppressor aos pés do oppresso.  
Thronos caiem, thronos se erguem! Reis e povos,  
Como as ondas do mar, sobem, e descem!  
Do pensamento humano o sopro ardente,  
Que da Razão Perenne a luz recebe,  
As novas gerações inflamma e anima,  
Vencendo os antepostos refractarios!  
A vida é movimento, e a humanidade,  
Como tudo, caminha e se renova.  
Mas Deos, unico, immovel permanece:  
A seus eternos planos nada é tarde,  
Nada é cedo, tudo é quando ser deve,  
Que presentes lhe são os tempos todos.  
Como vês, n'um olhar, deste alto monte,  
O que andando verias pouco a pouco,  
Assim Deos tudo vê n'um só momento,  
Sem passado ou porvir tudo domina!  
E as almas puras, já do corpo estremes,  
Da terra pela morte resgatadas,

Vêm co'os olhos de Deos o que estás vendo,  
Que inda é futuro para humanos olhos.

„Quero mostrar-te mais, o que inda mesmo  
Já passado, causára espanto ao homem,  
Que as leis da Providencia desconhece,  
E harmonisar não sabe a coexistencia  
Da liberdade humana e do destino.

„Olha, e alli vê no meio da cidade  
Aquella vasta praça apinhoadá  
De longos batalhões, de povo em turmas,  
Que afuem dos quatro lados, como o sangue  
Afflue ao coração quando ha perigo.  
Não ouves o estridor da vozeria,  
Como o som de longinqua trovoadá,  
Ou das ondas do mar o rumor surdo?  
Não vês como ao clarão da casta lua  
Relampejam em linhas ondulantes  
Essas polidas armas erriçadas,  
Como si do inimigo voz de guerra,

A sancta paz e o somno perturbando,  
Ao combate chamasse essas phalanges?

„Sabe pois o qu'isso é: Uma palavra,  
N'um momento fatal articulada,  
Como a voz do destino alli retumba.  
O Fundador do Imperio o Throno abdica!  
Diz um adeos ás margens do Janeiro;  
Orpham deixa seu Filho, tenro infante  
Que inda não póde sopesar o sceptro,  
E mais tres filhas tenras sem defesa!  
Tanto elle crê no amor desse bom povo!  
E vai por alto impulso, além dos mares,  
Oppor-se ao proprio irmão em campo armado;  
Libertar essa terra em que nascêra,  
Terra de seus avós, sempre querida;  
E firmar em seu Throno uma Rainha,  
A Segunda Maria, filha sua;  
E emfim morrer! O mundo dirá d'elle:  
Soube ser cidadão, ser pai, ser homem,  
Dous thronos abdicar, morrer soldado,  
Tendo nascido Rei! — E é quanto basta.

„Mas vê ao lado do auri-verde solio  
Esse infante gentil, que no seu berço  
Pelo sol tropical foi aquecido,  
E as auras respirou destas devezas,  
Que liberdade e amor bafejam n'alma.  
Vê o neto de Reis, de Pedro o Filho,  
Desse prudente Lima acompanhado, ( )  
No seu paço, sem guardas que o defendam.  
Mas como o povo o ama! como o guarda  
Com paternal cuidado e puro zelo,  
Sem que de imposto mando leve sombra  
Da espontanea afeição lhe offusque o brilho!  
Sublime proceder, que assaz revela  
Como do povo o amor mais se dedica  
Quando menos se tenta escravisal-o!  
Grande lição aos Principes da terra,  
Que al pensando, em tyrannos se convertem,  
Conculcando a justiça e a liberdade,  
Mananciaes de amor, de paz, de gloria;  
E cuidam que as phalanges sustentadas  
Co'o suor da nação envilecida  
São do Throno os esteios mais seguros :

„Erro fatal aos Reis, fatal aos povos!  
Oh que immenso futuro o Céu destina  
Ao Imperio da Cruz, e ao seu Monarcha,  
Que com elle se firma, cresce e avulta!

„Mas não se fórma um povo de repente,  
Nem contam as nações sua existencia  
Por annos, tal como o homem conta a sua.  
Annos são dias, mezes são instantes  
Para o crescer robusto dos Imperios:  
Por seculos, por seculos só contam!  
Condemnada ao trabalho a especie humana,  
Só co' o trabalho prosperar lhe é dado.  
A sciencia, a virtude, a paz, são premios  
De mil lucubrações, de mil fadigas;  
E si um Pedro lançou do Imperio as bases,  
Outro o fará subir á mór altura,  
E a gloria, e a força crescerão com elle.

„Mas antes que o Segundo, excelso Pedro,  
Viril genio mostrando em tenros annos,  
Por voto da nação empunhe o sceptro,

„Antes que a sopesal-o a lei o chame;  
A discordia, accendendo a civil guerra  
Nos campos do Uruguay, e do Amazonas,  
E do Itapicuré nas longas margens,  
Fará nascer, para apoiar-lhe o throno,  
Novos amores e virtudes novas.  
Aqui e alli do velho Lima um filho  
Se ha de immortalisar, deixando á patria  
O nome de Caxias para exemplo <sup>(3)</sup>  
De bravura, justiça, e lealdade.

„Como na essencia do homem força occulta  
Ao mal exterior resiste, e o vence;  
Assim no seio da nação enferma  
Poder mysterioso a regenera.  
Tal é do mundo a lei, tal a harmonia;  
Que si o mal segue ao bem, tambem mil vezes  
Do mesmo mal o bem surge radiante,  
Como succede o dia á noite escura.

„Desse humano porvir, a Deos presente,  
O véo ergui, oh Indio, a um breve quadro;

„Que nem tudo convêm mostrar-te agora.  
Tu, que n'alma só vês a liberdade,  
Por quem afouto affrontarás a morte,  
Sabe que o teu poder será vencido  
Por um poder maior e sobrehumano,  
Contra o qual dos mortaes forças não valem.  
Da verdade será essa victoria,  
E não daquelles que fruil-a aspiram,  
Que de tão longe veem após o ganho,  
Sem saber que outro fim mais alto os chama.  
Assim de Deos se ostenta a providencia,  
E o infinito saber, que espanta os homens.

„A verdade da Cruz sublime e sancta  
Nestas incultas plagas brilhar deve,  
Porque a luz do Senhor não falte aos homens,  
Cujos pais a perderam por seus erros.  
Mas essa luz de Deos, que a Cruz reflecte,  
Não deslumbra a razão, não a escravisa,  
Nem aos pés de um tyranno os homens prostra ;  
Antes nos corações amor inspira,  
Paz, justiça, igualdade, e liberdade,

Que hão de com ella triumphar no mundo,  
Postoque de seu brilho um pouco escassas,  
Porque as mãos dos mortaes tudo profanam.

„Como a agua da fonte pura emana,  
Mas no seu deslizar, sempre agitada,  
De terra envolta, a transparencia perde,  
E mesmo assim os campos fertiliza;  
Tal o supremo bem, a san verdade,  
Emanação de Deos á intelligencia,  
No tropel das paixões, que se ante-elevam,  
Perde um pouco o fulgor, e empallidece.  
Mas um só raio da verdade eterna,  
A caligem dos erros rechaçando,  
Basta para accender um sol de vida;  
E esse sol brilhar deve nestes climas!

„Indio! si amas a terra em que nasceste,  
E si podes amar o seu futuro.  
A verdade da Cruz aceita e adora.  
Que importa quem a traz ser inimigo.  
Si o bem fica, e supera os males todos!

„Bons e máos, tudo serve á Providencia!  
Como de um fructo putrido, lançado  
Sobre a terra, a semente germinando,  
Nova arvore produz, e novos fructos;  
Assim desses crueis, corruptos homens,  
Que vos flagellam hoje, um saneto germen  
Aqui produzirá filhos melhores.  
Invencivel poder tem a verdade,  
Que o Christo do Senhor, na cruz morrendo,  
Legou aos homens todos—que se amassem!  
Amor é igualdade, paz, justiça,  
Fraternal união, e caridade:  
Estas são as lições que a cruz nos dicta.“

„Dai-me a cruz!“ Brada o Indio mesmo em sonho:  
„Dai-me a cruz! A seus pés quero prostrar-me.“

E uma alvissima cruz, mais resplendente  
Que a diamantina cruz de regia espada,  
Flammejante entre a purpura do solio,  
Ao luzir de um relampago apparece  
No céo sobre aureo fundo luminoso,

Que em rosea vibração no azul se perde.  
Divos sons de suavíssima harmonia  
Se evaporam nos ares perfumados.  
Estático adorando o puro emblema,  
O sancto guia ás nuvens se levanta,  
Por dous alados Anjos sustentado:  
E o Indio absorto cai sobre os joelhos,  
Na cruz fitando estatelados olhos,  
Mãos e braços erguidos, todo immovel,  
Como si o espanto do prodigio immenso  
Petrificado lhe deixasse o corpo,  
E em seu arranco lhe soltasse a alma.

Mas o corpo que dorme, e a alma que sonha,  
Como si outra alma fosse em outro corpo,  
Diversa commoção experimentam.  
Da rêde se alça o Indio mal desperto,  
E entre o sonho e a vigília inda confuso,  
Vendo a grata visão esvaecer-se:  
„Salva-me, oh Cruz!“ exclama, e de joelhos  
Cai attonito ao lado do Cacique,  
Que tendo precedido o sol nascente,

Aos pés de um Crucifixo orando estava,  
Como soía ao despontar da aurora.

Pasma Tibiriçá, ergue-se, e brada,  
Co'um accento em que a fé se expande immensa :  
„Tu me ouviste, oh Senhor! e tu venceste!  
Tua palavra occulta e poderosa  
Pôde mais do que a minha! Eis Jagoanharo  
Por ti só convertido, que te adora!  
E quem do teu poder duvidar póde?  
Graças te dou, oh céo, do fundo d'alma,  
Que piedoso escutaste as minhas preces.“  
E assim dizendo, e de prazer chorando,  
Todo de sacro amor anciado o peito,  
Terno se arroja aos braços do sobrinho,  
E o aperta, e o beija, e titubeia, e arqueja,  
E a voz lhe falta, e o pranto se redobra.

Após esses transportes jubilosos!  
„Ah! vamos já, dice elle, prestos vamos  
Ao nosso grande Anchieta, que na igreja  
Certo já deve estar a Deos orando;

„E talvez que já Deos por algum Anjo  
A tua conversão lhe annunciasse.  
Que prazer vamos dar-lhe, oh Jagoanharo!  
E como eu sou feliz! Feliz tu mesmo!  
Agora eu sou teu pai tu és meu filho;  
Pois que Deos lá do céo ouviu meus rogos,  
E para me alegrar chamou-te á Igreja.“

E ambos vão, um co'a mente em Deos só posta,  
E o outro só vendo o que sonhando vira,  
Sem saber onde vai; como a criança  
Que attrahida acompanha a quem a leva,  
Promettendo-lhe um bem que ella imagina.

Mas na praça da igreja o povo juncto,  
Vozes e gritos a attenção lhes chamam.  
No meio do tumulto alguns selvagens  
Recem-chegados, velhos e mulheres,  
Curvos e exhaustos de fadiga e fome,  
Co'as mãos atrás ligadas, caminhavam  
Dos seus proprios raptos escoltados.

Páram os dous; e Jagoanharo olhando,  
Oh encontro fatal, caso imprevisto!  
Com pasmo reconhece entre esses presos  
A formosa Iguassú, que ia chorando!

„Iguassú? onde a levam? (Brada e corre)  
„Soltem-n'a já!...“ E vai, e quer soltal-a;  
Empurra a quem se oppõe; muitos o expellem,  
E luctando feroz se arroja, enfia  
Por entre as turbas, qual bravio touro,  
Arremettendo a uns, prostrando a outros.  
A morte erguida em cem pontudos ferros  
Vai sobre elle cahir; mas o Cacique  
Que o segue, o antemura com seu corpo:  
„Não o matem! (gritando) É meu sobrinho;  
Hospede meu, que ser christão deseja.“  
E ajudado de alguns fieis amigos,  
Da confusão o arranca, e a custo o salva,  
Levando-o de rojão da igreja á porta.

Nisto alli se apresenta o grave Anchieta  
No lumiar da porta, acompanhado

Dos discipulos seus, que orando estavam :  
E co'o gesto, e co'a voz silencio impondo,  
Tão decoroso que respeito infunde,  
Ouve a causa e as razões desse tumulto,  
Quem Jagoanharo seja, ao que alli veio,  
E quem a presa indigena, que em pranto  
Longe já vai co'os vís que a captivaram.

Tendo Tibiriçá exposto o caso,  
O venerando Anchieta commovido,  
Assim diz: „Jagoanharo, eu te prometto  
Que Iguassú voltará do pai aos braços;  
Dou-te a minha palavra; não te afflijas.  
Vou tiral-a das mãos dos que a roubaram.  
Eu e Tibiriçá a entregaremos,  
Por que nada lhe falte, á tua prima,  
Esposa de Ramalho, em cuja casa  
Por nós será guardada e defendida.  
Vai em paz, filho meu; e dize a Aimbire,  
Dize a Pindobuçú que sem receio  
Podem vir procural-a, e recebel-a.  
Como amigos aqui os esperamos.“

— Mas eu a quero já, volta-lhe o Indio;  
Quero a Pindobucú leval-a eu mesmo.  
Aqui ficar não póde a miseranda,  
Nas mãos desses crueis que presa a levam.“

Porém Anchieta via que impossivel  
Era nesse momento achar dispostos  
Os roubadores a entregar a presa;  
E só da persuasão branda empregada  
Conseguir esperava o nobre intento;  
E disto o Indio convencer tratava.  
O que entendendo o irado Jagoanharo:  
„Malvados! (brada) oh perfidos traidores!  
Assassininos crueis! já vos conheço!  
E ainda fallareis de caridade?  
Vossos pais o seu Deos crucificaram;  
Derramaram seu sangue; e vós, perversos,  
Para mais insultar cobardemente  
A esse Deos, que adorais por zombaria,  
Vindes aqui roubar-nos, e matar-nos  
Com palavras de amor, a cruz mostrando.  
Branca era a cruz que eu vi; a vossa é negra,

„Como as vossas acções, e as almas vossas!  
Eu chamo o vosso Deus para punir-vos,  
E contra vós lhe off'reço os nossos braços.“

Isto dizendo, parte irado e insano,  
As margens ganha, e na canôa entrando,  
Remando vai co'os dous, que o esperavam,  
E já de foz em fóra inda pragueja.

Assim as acções más, que aos olhos fallam,  
Destroem da san doutrina o doce effeito.  
Como um sopro a palavra se evapora,  
Si d'ella a par exemplos de virtudes  
Não vão ao coração, não o edificam.

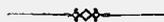


CANTO SETIMO.

# CANTO SETIMO.

## ARGUMENTO.

Emquanto os Tamoyos esperam que Jagoanharo volte com a resposta de Tibiriçá, parte Aimbire, só acompanhado de Parabuçú, para ir buscar os ossos de seu pai. — Seus presentimentos. — Chegam ao lugar, desenterram a igaçaba, e vão lançar fogo á casa de Braz Cubas. — Salta este pela janella; Aimbire o aferra, e o leva de rastos ao pé da igaçaba. — Lança-lhe Aimbire em rosto todas as suas crueldades; e no momento de matal-o, apparece-lhe Maria, filha de Braz Cubas. — Enternecido pelos seus rogos, parte Aimbire sem vingar-se. — Motivo porque assim praticou. Enterram a igaçaba no Cairuçú, e voltam para o campo. — Soffrimentos de Iguassú. — Tenta Anchieta tiral-a do poder de Francisco Dias, e este lhe responde descortezmente. — Divulga-se em São-Vicente a noticia que os Tamoyos se preparam a ir atacar a villa. — Susto dos seus habitantes, e prégações dos padres.



## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

## CANTO SETIMO.

Além do Cairuçu surge de um lago,  
Na serra da Bocaina, o Parahyba,  
Que antes de receber o rico feudo,  
Que de Ubatuba traz-lhe o Parahybuna,  
Piratinga inda pobre se nomeia.  
Corre o rio, que após caudal se torna,  
Seguindo a direcção da serrania  
Paraná-piaçaba, ao mar fronteira,  
Que pela costa alonga-se alterosa,  
Coroadada de espessas, verdes mattas;  
Como o Parnaso e o Olympo jamais viram

Nos tempos em que os vates fabulando  
De altos Numes seus bosques povoaram.

Nestas virgens devezas, entre as grimpas  
De successivos montes, donde emanam  
Centenares de arrosios crystallinos;  
Á sombra dessas selvas gigantescas,  
Os fogosos Tamoyos esperavam,  
Por conselho dos velhos mais prudentes,  
A reposta devída a Jagoanharo.

O valente Araray, honrar cuidando  
O irmão Tibiriçá, dizia a todos  
Que elle, cedendo aos rogos do sobrinho,  
Do Tamandatahy deixando as margens,  
Prompto viria co'a guerreira tribu,  
Que de Piratininga os campos enche.

„Impossivel eu creio, assim dizia  
O pai de Jagoanharo, que um Cacique,  
Um Guayaná tão vil mostrar-se queira,  
Que esquecido do irmão e do sobrinho

Se arme para ajudar estranhas gentes,  
Ou se deixe ficar em ocio indigno.“

Araray! tu não sabes quanto imperio  
Tem uma idéa nova, grande e sancta,  
Que a alma penetra, o coração subjuga,  
E doma, e vence os naturaes affectos!  
Uns pela gloria as vidas barateam;  
Outros a morte pela patria affrontam;  
Dão-se alguns á verdade em holocausto,  
E outros em sacrificio a Deos se votam:  
E cadaqual da idéa que o domina  
Ao mago impulso, que em paixão se torna,  
Seu bem vê n'ella; e tudo mais desdenha!  
Tibiriçá por Christo a patria olvida,  
Sacrifica o irmão, deixa os amigos,  
E por Anchieta e Nobrega contente  
Contra os seus se apparelha, tendo em gloria  
A causa defender dos Portuguezes,  
Que elle crê ser de Christo a sancta causa!  
E si elle errasse, a crença o desculpara,  
Que nenhuma ambição terrena o move.

Mal transmontava o sol puro e radiante;  
E entre os seus arrebóes auri-purpureos  
Como um sublime adeos dizia á terra,  
Que alli deixava com amor saudoso.

E onde vai tão pensativo Aimbire,  
Pelos andurriaes dessas alturas,  
Só do irmão de Iguassú acompanhado?  
Onde vão elles sós, quando da noite  
Já placido susurra o vago sôpro  
Por entre as invias, solitarias mattas,  
Onde, recém-surgidas dos casulos,  
Esvoaçam esphinges e phalenas?  
Ao ver um após outro esses dous vultos  
De agigantado porte, e tez queimada,  
Caminhando ao luar silenciosos,  
Por dous genios da noite os tomarias;  
E no incerto clarão, entre mil sombras,  
Em azas ponteagudas convertêras  
Esses feixes de settas emplumadas,  
Que das costas lhes pendem tremulantes.

Tinham já muito andado os dous amigos,  
Sem que palavras entre sí trocassem,  
Seguindo sempre a direcção de um río,  
Dos muitos que sem nome humildes correm,  
Quando Parabuçú a voz erguendo:  
„No que pensas, Aimbire? Estamos longe?“

Aimbire para o céu erguendo os olhos,  
E ao cruzeiro do Sul depois volvendo-os,  
Lento responde:— Não... Mais alguns passos.“

„E chegaremos nós co'o sol nascente?“

— Muito, muito antes que madrugue a aurora.  
Quando a lua chegar do céu ao meio,  
Devemos nós lá estar... Já perto estamos.“

„Não ouves um rumor?“

— Sim; é o río

Que alli mais adiante se despenha,  
E depois mais abaixo á esquerda volta,  
E vai surgir na varzea. Pouco falta.“

„E não te enganarás chegando ao sitio?“

— Presente o tenho; e como que estou vendo  
Meu velho pai ao tronco recostado  
Do grande ipê, que está do rio á margem,  
Perto de alguns patís e araçazeiros.“

„Existirá o ipê? ou já queimado  
Terá servido ao fogo do Emboaba?“

Aimbire suspirou, e nada dice.  
Assim com grande pausa ambos fallavam,  
Como si em outra cousa ambos pensassem.  
Dados mais alguns passos, novamente  
O irmão de Comorim frio pergunta:  
„No que pensas, Aimbire?“

— Eu?“

„Sim.“

— Pois dize

Primeiro tu.“

„Vinha eu pensando agora...“

E ambos — em Iguassú — dizem a um tempo!

Por um momento os passos suspenderam,  
O fôlego, o fallar, como si attentos  
Seus corações presagos consultassem,  
Ou como si dos genios das florestas  
Esperassem ouvir qualquer annuncio.

— Pensava em Iguassú, prosegue Aimbire:  
Como que a ouvia, que por mim chamava,  
Com voz tão suffocada e tão sentida  
Que de susto e de dôr me enchia o peito.“

„E eu como que a via, diz-lhe o amigo,  
Cahir nas mãos dos feros Emboabas.“

— Não mais, Parabuçú! Que ousas dizer-me?  
Não mais; que essa lembrança me horrorisa!  
Esse pensar igual, e a mesma hora,  
Quem sabe donde vem, e o que annuncia!..  
Ah, quando terão fim nossas desgraças?  
Muito temos soffrido; e muito ainda,  
O coração m'o diz, soffrer devemos.  
Que alluvião de males nós trouxeram

„Esses homens crueis, que horrida guerra,  
Ou dura escravidão nos dão á escolha!  
Irmão de Comorim, ah, tu não sabes,  
Não, tu não sabes o que é ser escravo!  
Não ser senhor de sí, viver sem honra,  
Acordar e dormir sem ter vontade,  
Calado obedecer com rosto alegre,  
Soffrer sem murmurar, comer chorando,  
Não ter filhos, nem pais, não ter amigos,  
Trabalhar, trabalhar ao sol e á chuva,  
E isto a fim que um senhor tranquillo viva,  
No meio da fartura, á custa alheia!...  
Ah! tu não sabes o que é ser escravo;  
E eu sei o que isso é!.. Quando em tal penso  
Abrasa-me o furor... Meu pai, coitado!  
Já velho e enfermo, sem poder seguir-me,  
Na escravidão morrêo; e si inda eu vivo  
É só para vingar tão grande infamia.  
Elles m'o pagarão co'um mar de sangue!  
Podesse o mar rolar os seus cadav'res  
Até ás praias que embarcar os viram,  
Que eu ás ondas seus corpos arrojára,

Que assim fossem de nós levar noticia  
Aos amigos e irmãos que inda os esperam.“

Dest'arte percorrendo os dous chegaram  
A um valle, onde por terra se estendiam  
Ingentes troncos de arvores annosas,  
Que os machados a custo derruíram,  
E o fogo a cinzas reduzira os ramos,  
Campo abrindo ao mesquinho pasto do homem,  
Que assim desecca imprevidente a terra.  
Enorme jatahy, que mal cortado  
Juncto á raiz, co'o peso desabára,  
Atravessado estava sobre o rio,  
Como uma ponte enraizada á terra.  
Passam sobre elle os dous; e além saltando,  
Perlustra Aimbire o sitio, e o reconhece,  
Máo-grado tantas arvores suberbas  
Prostradas pelo chão... Vão-se-lhe os olhos  
Por esses negros troncos gigantescos,  
Como esqueletos de Titanea raça,  
Que o tempo conservára... Um calafrio

Como o sôpro da morte ao peito anciado  
O sangue lhe reflue... Receia, teme  
Não achar o que busca, vendo em ruínas  
O bosque secular. Avança os passos  
Pela margem do río, que parece  
Carpir tamanho estrago, e avante enxerga  
Negrejar ao luar o immenso vulto  
Do grandissimo ipê, tão desejado.

Como afanoso o coração lhe bate,  
Ao ver do bosque esse gigante erguido,  
Mostrando ainda nas crestadas frondes  
Da recente queimada o insulto impresso.

„Eil-o!“ brada: e correndo abraça, e beija,  
E rega com seu pranto aquelle tronco,  
Juncto ao qual enterrára a igaçaba,  
Que do seu velho pai guardava o corpo.

Trabalhando á porfia os dous amigos  
Cavam o chão, e a urna desenterram.  
Ao vêl-a, o pio Aimbire enternecido

Exclama: „Oh Cairuçu! guerreiro illustre,  
Que depois de uma vida gloriosa,  
Tão malfadada foi tua velhice,  
E acabaste de dôr no captiveiro!..  
Oh Cairuçu, meu pai! Desde essa noite  
Em que eu neste torrão guardei teus ossos,  
A sós, sem testemunha, além da lua,  
Que hoje o caminho alumiar-me veio;  
Desde essa noite, em que eu jurei vingar-te,  
Um dia só não tive de repouso.  
Assás luctado tenho, e inda não basta.  
Desta terra banhada com teu pranto,  
Terra de escravidão, que a um senhor nutre,  
Tirar venho teu corpo... Outro jazigo  
Dar-te-hei nesse monte ao mar fronteiro,  
Que o teu nome terá para memoria,  
E onde os passos do barbaro inimigo  
Não mais farão estremecer teus ossos.  
Mas antes que eu te leve, atroz castigo  
Devo dar ao cruel que incauto dorme.  
Inda um momento espera: um bom amigo  
Tenho para ajudar-me.“ . . . . .

. . . . . E tendo dito,  
Vão os dous pelo campo recolhendo  
Galhos sêccos, e folhas de coqueiros ;  
E dous feixes formando, enormes feixes  
Atados com cipós, os põem ás costas,  
E seguem por um trilho, entre canteiros  
De milho e mandioca, até que avistam  
N'um pequeno terreiro uma fogueira,  
Que ou por prazer accendem cada noite,  
Ou para afugentar nocivas feras ;  
E ao lado da fogueira uma choupana  
De mesquinhas senzalas rodeada.  
E mostrando-as Aimbire ao companheiro:  
„Nesta o cruel senhor, diz elle, habita ;  
E naquellas os miseros escravos.“

Já da central choupana approximados,  
Juncto aos esteios põem os combustiveis,  
E contra a porta em calculados montes :  
E da vizinha pyra accesas brasas,  
E inflammados tições entre accendalhas,  
Vão aos feixes lançando. Asinha o fogo,

Pelo vento assoprado, arde, crepita,  
E o incendio chispando avulta, e cresce,  
E em torno á casa lavra, e a cérca toda.  
Denso nos ares se ennovela o fumo,  
E as labaredas tremulas se elevam,  
Lambendo as beiras do sapê do tecto:  
Já sobre elle voando á cumieira,  
De um lado e de outro as chammas se confundem,  
Com vermelho clarão ao céu subindo.

Entretanto defronte da janella  
Vai Aimbire postar-se, e attento espera,  
Tal como o caçador espreita a caça  
Que o cão foi levantar dentro da mouta.

Eis abre-se a janella, e um vulto de homem  
Por entre o fumo espavorido se ergue,  
Hirsuta a grenha, os olhos desvairados,  
Pallido todo, e ao chão se atira e corre,  
Como um phantasma que abre a campa e foge,  
Ou alma que do ardente inferno escapa.  
Aimbire o reconhece, e prompto o aferra,

Como um demonio aferra a alma damnada  
Que por pacto infernal lhe está sujeita,  
E arrojando-o por terra, enfurecido,  
O leva de empurrões, quasi de rastos,  
Té ao tronco do ipê, juncto á igaçaba,  
Onde o prosterna, e o misero se acurva.

„Ergue os olhos, Braz Cubas! brada o Indio  
Com rouca voz medonha, e um riso horrivel,  
Que fizera tremer o mais ousado:

„Olha-me bem, e vê si me conheces?  
Não quero que tu morras sem que saibas  
Quem se vinga de ti, dando-te a morte.“

Á tal ameaça a victima tremendo,  
Mal pôde articular: — Piedade, Aimbire!  
Tem compaixão de um pai.“

„De um pai, tu dizes?

Ah, tu sabes quem sou, e assim me fallas,  
Mais a offensa e o dever lembrando a um filho?  
Eu tambem tive um pai; e tu, malvado,  
D'elle e de mim que compaixão tiveste?

Dentro desta igaçaba jaz seu corpo  
Pedindo o sangue teu.“

— Porque? A vida,

Não a morte lhe eu dera, si podesse,“

„Sim, porque elle vivendo te servira,  
E eu ainda hoje seria teu escravo.  
Escuta: quando tu aqui chegaste,  
Ha muito tempo já, mulher eu tinha  
Tão bella como a lua que estás vendo;  
Tão joven, delicada, e tão mimosa,  
Que outra esposa qual ella não havia;  
E um filho me devia dar bem cedo,  
Do nosso terno amor primeiro fructo.  
Tu a viste, e não sei si a cubiçaste.  
E um dia, que eu caçando longe andava,  
A vejo vir correndo, tropeçando  
Pela montanha ácima, já sem forças,  
Quasi a vida exhalando. Vou-lhe ao encontro,  
Nos braços a recebo; e ella cahindo,  
Apenas dizer pôde: — os Emboabas!..  
E alli do susto e da fadiga exhausta,

E das dores talvez, tendo a criança,  
N'um tremor expirou a malfadada,  
A tão cara Potira, esposa minha!“

— E será minha a culpa?“

„Sim: e que outros  
Senão tu juncto aos teus a perseguiram?  
Escuta ainda mais: passados tempos,  
Tu em paz com meu pai viver fingias.  
Um dia acompanhado o acommetteste,  
E como minha mãe te ia fugindo,  
E gritando por mim que a soccorresse,  
Tu apressado após lhe déste um tiro,  
E a mataste, cruel, dentro do matto.  
Preso meu pai trouxeste, e uma criança;  
E entregar-me vim eu ao captiveiro,  
Para estar com meu pai e minha filha,  
E sobre elles velar. Si não matei-te,  
Foi só porque esse velho e essa criança  
Não podiam na fuga acompanhar-me,  
E dos teus ao furor timi expol-os.  
Lembras-te tu do pobre Guaratiba?

Tu o amarraste a um tronco, em cuja cêpa  
Havia um formigueiro, e o flagellaste  
Até fazer saltar co' o sangue a pelle  
Das costas, que uma chaga lhe ficaram  
As formigas, em chusmas negrejando  
Sobre o convulso corpo, o remordiam,  
E tu sem coração, feroz zombavas!  
Voltando eu fatigado do trabalho,  
E vendo-o assim, por elle intercedendo,  
Tu furibundo me diceste: — o mesmo  
Tambem a ti farei, si ousado fores!  
Guaratiba morrêo martyrisado!  
Assim a esposa, a mãe, o pai, o amigo,  
Tudo quanto eu amava, me roubaste!  
Sabes emfim quem sou... Agora... morre!”

„Perdão para meu pai! perdão, Aimbire!  
Ah, não mates meu pai!” Assim bradando  
Uma gentil menina, mal envolta  
N'uma alva de dormir, se arroja ao collo  
Da victima que jaz de susto immovel,  
Prostrada qual cahira aos pés de Aimbire.

„Ah, não o mates, não.“ Seu debil corpo  
Cobre o corpo do pai, que já da morte  
As ancias n'alma tem; e um braço alçado  
Como que apara o golpe, ou que o conjura.

Anjo da guarda alli do céo baixado,  
Para salvar o peccador da morte,  
Tanto assombro ao Tamoyo não causára,  
Como essa apparição tão repentina,  
Que da lua ao palor, em tal soidade,  
Mais inspira terror mysterioso.  
Por entre a rama um raio o rosto aclara  
Da pallida donzella, rutilando  
Nos supplicantes olhos lacrimosos,  
Que dizem mais que a voz: piedade, Aimbire!

O braço herculeo, que vibrava a maça,  
Prestes a desfechar o mortal golpe,  
Por instantaneo encanto no ar estaca,  
Qual si invisivel mão o suspendesse.  
Recúa Aimbire o corpo, e apavorado  
Olha, e como que a sí dubio pergunta,

Si é verdade o que vê, ou si é um sonho!  
Em seu rosto feroz vagando o pasmo,  
Desfaz-lhe o senho, e lhe descerra os labios,  
E a piedade em seu peito o arquejo expande.

Grata lembrança se lhe aviva n'alma,  
Como um raio de luz em céu trevoso.  
Elle emfim reconhece essa menina,  
Esse anjo tutelar: — Maria! (exclama)  
Pobre Maria, és tu?!“ E involuntario  
Um movimento faz para abraçal-a;  
Mas vendo alli o pai, o rosto volta,  
Dizendo: — Não tens sangue que me farte.  
Vamos, Parabuçú! vamos; partamos.“  
E tomando a igaçaba, asinha fogem.  
Outros heroes, mimosos da fortuna,  
Por atiloquos vates celebrados,  
Nunca, brandindo da vingança o ferro,  
De tão grande piedade exemplos deram!

Pai e filha alli ficam quebrantados,  
Do susto o pai, e do heroismo a filha.

Já longe iam os dous; nem mais os olhos  
Volveram para atrás. Surgia a aurora,  
E Aimbire ao companheiro assim dizia:  
„Fraco talvez me julgues, e cobarde,  
Que commovido á voz de uma menina,  
Deixei com vida o barbaro assassino,  
Mallogrando a fadiga de apanhal-o;  
Quando eu, para fartar minha vingança,  
Tinha a filha e o pai sob um só golpe.  
Porêm essa menina que alli viste,  
Maria, aqui nascêo nos nossos bosques  
De uma bôa mulher da nossa terra.  
Mil vezes em meus braços carreguei-a;  
E mil vezes chorando a mim corria,  
Quando seu duro pai a castigava.  
Ella com minha filha, sempre unidas,  
Como duas irmães da mesma idade,  
Me adoçaram o horror do captiveiro.  
Quando eu, voltando á casa, lhe levava  
Alguns ovos de anuns, ella contente  
O collo me cingia com seus braços,  
E as faces me beijava carinhosa.

Pobre Maria! o que lhe davam, logo  
Com minha filha repartir queria...  
Ah! eu a vi chorar juncto ao cadaver  
De meu infeliz pai, que tanto a amava!  
Ella o cobrio de flores, e eu guardei-as  
Co'os restos de meu pai nesta igaçaba.  
Eis porque suas lagrimas, seus rogos,  
Todas essas lembranças reavivando,  
Ante seu pai meu braço desarmaram.“

— Mas porque do cruel te não vingaste?  
E contigo Maria não trouxeste? —

„Nem de tal me lembrei nesse momento!  
Tu não és pai; si o fôras me imitáras.  
Meu coração de pai, posto que irado,  
De uma criança ao pranto se enternece,  
Como na guerra, de furor acceso,  
Nem com ríos de sangue se contenta.  
Sou eu da raça dos tyrannos nossos  
Para roubar, ou trucidar crianças?“

Ao decahir do sol daquelle dia,  
Anhelantes os dous emfim chegaram  
Ao cimo do elevado promontorio,  
Que inda hoje Cairuçu se denomina.  
Alli, em frente ao mar, n'um sitio agreste,  
Onde talvez ninguem antes pisára,  
Dêo Aimbire á igaçaba novo asylo,  
E ao corpo de seu pai descanço eterno.  
Depois os dous Tamoyos murmurando  
Um cantico funéreo, sobre a cóva  
Grossa pedra arrastando a sigillaram.  
Então o terno filho alçando a fronte,  
E os braços para o céo: „Oh tu (impreca),  
Oh tu a quem os raios obedecem,  
E que pelo trovão aos homens fallas!  
Ou te chames Tupan, ou Deos te chamem,  
Escuta minha voz, cumpre meus votos:  
Si jamais algum perfido estrangeiro  
Nesta pedra tocar, fulmina o impio  
Co'um prompto raio teu, e a pó reduzê-o.“  
O dever filial assim cumprido,  
Ao campo seu regressam satisfeitos.

Entretanto Iguassú, fiel amante,  
Quasi esposa de Aimbire, amargurada  
Soffria esse viver do captiveiro,  
Longe do que era seu, do que ella amava.  
Mas Jagoanharo a vira; e alma esperança,  
Fagueira como o zephyro da tarde  
Após calmoso dia, embebecendo-a,  
Lhe antepunha correndo o pai, o amante,  
O irmão, a Taba toda a libertal-a.  
Nos devaneios seus de dar-se a morte,  
Constante aspiração do peito afflicto,  
Essa doce esperança a vigorava  
Para viver, lutar, nobre esquivando  
Do seu torpe raptor a impudicícia.  
Á força do brutal Francisco Dias <sup>(1)</sup>  
Ella oppunha essa força sobre-humana,  
Que ao feminil recato o céo inspira.

Com ella muitas outras jovens Indias,  
Que do amparo dos pais privára a guerra,  
Raptadas tinham sido pelo bando  
Que Dias conduzira; e na partilha

O caudilho a escolhêra, por mais bella;  
Que por isso á excursão movêra os outros,  
Companheiros no crime, máos como elle.

Oh misera Iguassú! deixa que eu cale  
As repetidas luctas que tiveste,  
Teu virginal valor, tua constancia!  
Sim, tudo calarei, para furtar-me  
Ao pejo de narrar os torpes tratos,  
E os lacivos insultos desse infame,  
Que para escrava impura te queria,  
Sem respeitar a tua tenra idade.  
Não se deleita a Musa que me inspira  
Com scenas que ao pudor as faces coram.

Grande rumor causára em São-Vicente  
O caso de Iguassú e Jagoanharo,  
E a noticia fatal que dera a Anchieta  
O chefe Guayaná, de que os Tamoyos,  
Pelo famoso Aimbire commandados,  
A villa em copia ingente ameaçavam.

Foi ter Anchieta co'o farfante Dias,  
E com brandas palavras descreveo-lhe  
O castigo a que a villa estava exposta,  
Por causa do viver licencioso  
Dos que andavam os Indios provocando  
Com rapiuas e mortes; e rogou-lhe,  
Que para remover maiores damnos,  
Lhe entregasse Iguassú; que elle queria  
Os Indios desarmar, restituindo-a  
Aos seus, que ultrices vinham libertal-a.  
Que elle désse esse exemplo de virtude,  
A fim que os mais colonos o imitassem,  
Libertando os selvagens captivados,  
E de uma vez cessando de ir caçal-os.

Porêm o Dias, que entre os seus consocios  
Das prégações dos padres murmurava,  
E contra elles movia surda intriga,  
Aproveitando o ensejo, respondêo-lhe:  
„O Padre é Portuguez, ou é selvagem?  
Que anda aqui contra nós sempre bradando,  
Sempre a favor de uns animaes sem alma?

„É suspeita tão grande sanctidade.  
Querem á custa nossa, e em nosso damno,  
Conquistar o amor desses gentios,  
Só para ás suas leis tel-os sujeitos?!  
Não tem a companhia Índios escravos?  
Dem-lhes embora o nome que quizerem;  
Que escravos d'ella são, iguaes aos nossos,  
Esses que á força as terras lhe roteam.  
Padre, vá-se com Deos pregar aos bosques.  
Não dou-lhe a India; si eu a quiz, cacei-a.  
Deixe-me em paz.“ E assim dizendo, foi-se.

Á tão impia reposta o brando Anchieta,  
A quem só forças dava a caridade,  
Levando as mãos aos olhos, e enxugando  
As lagrimas, que a flux lhe borbulhavam  
Pelas faces de pejo enrubecidas,  
N'um suspiro exclamou: „Ah, pobres homens!  
Sempre a Deos e á razão cegos e avessos!  
E a quem sempre a verdade scandalisa!..  
Mas, sirvamos a Deos, e ás criaturas;  
Pouco importa do mundo a iniquidade.“

Livre fez Deos o homem; razão dêo-lhe,  
Que o bem do mal distingue; leis sagradas,  
Innatas e protótypas gravou-lhe  
No coração, porque guias lhe sejam  
Na prática do bem, do justo e sancto,  
Porque lhe aplaquem das paixões a furia:  
E si contra essas leis o homem pecca,  
Aos olhos da razão elle é culpado,  
Responsável a Deos; e o crime é do homem,  
Porque Deos o fez livre! Oh liberdade!  
Comtigo, o mal e o bem, a essencia humana!  
Sem ti, do bruto a essencia, o fatalismo!

Era grande o temor em São-Vicente,  
E em seu Capitão-mór Pedro Colaço,  
Que essas guerreiras tribus colligadas  
Como a enchente a colonia aniquilassem.  
E os dous servos de Deos, mais corajosos  
Que os escravos do inferno e do egoismo,  
Pelas praças prégando, se esforçavam  
Para inspirar idéas de justiça

Aos colonos, atreitos ao vil trato  
De caçar e matar os pobres Índios.

Apostolos de Christo, austero Anchieta,  
E tu, Nobrega, em vão, em vão bradaveis:  
„Iguaes os homens são; e christãos devem  
Abraçar seus irmãos, do erro salva-os,  
Guia-os ao Senhor, morrer por elles,  
E não mata-os, como fazem lobos,  
Que entre fracas ovelhas se encarniçam.  
Vós aos Índios chamais brutos sem alma,  
E assim credes poder escravisa-os:  
Mas o que desses brutos vos distingue?  
E que exemplos lhes dais que os edifiquem?  
Quando alguns dentre vós té mesmo, oh crime!  
A comer carne humana os aconselham!..<sup>(2)</sup>  
Dizeis que feras são, que no ocio vivem,  
Emquanto a terra inculta braços pede;  
E vós, que os reduzis a escravos vossos,  
Para longe os mandais em troco de ouro!  
E por cem que vos caiem nas diras garras,  
Mortos ficam centenas entre as chammas

Com que o cerco lhe armais, na atroz caçada!  
Oh duros corações! Esta é a industria,  
Este o nefando trato que vos ceva!  
E ousais chamal-os barbaros selvagens?..  
De crimes taes um dia horrorizados  
Hão de os aqui nascidos, filhos vossos,  
Os nomes renegar dos pais cruentos.  
Tremei, oh Lusos, da justiça eterna.  
Deos nos não enviou do antigo mundo,  
Estrada abrindo em não trilhados mares,  
A esta ignota plaga, para açoute  
Destes miseros homens. Não, oh Lusos!  
Nossa missão é outra. A luz da Europa,  
Não seus erros, aqui mostrar devemos.  
Esta é a terra sancta e hospitaleira,  
Onde á sombra da Cruz a liberdade  
Deve co'os homens repartir justiça.  
A Cruz ergamos, sim, a Cruz de Christo,  
Signal de Redempção; A Cruz que outr'ora  
No Capitolio alçada salvou Roma,  
Como a arca sancta, que salvou das aguas  
A antiga geração. Da Cruz em torno

Estes pagãos de Deos a luz recebam,  
Como em outra éra os barbaros do Norte  
A seus pés cahir viram do erro a venda.  
Amor, Fé, Esperança e Caridade,  
Eis do Cordeiro as armas invenciveis!  
Christo com ellas conquistou o mundo;  
Nós com ellas os Indios venceremos,  
E não com ferro e fogo. Ouvi, oh Lusos,  
As palavras do céo, não as do inferno.“

Assim bradavam, mas embalde, os padres,  
Sanctificando as maximas sublimes  
Co'o firme exemplo de uma vida pura;  
E a caridade e a fé os roboravam.  
Não só desertos da Thebaida viram  
Milagres de constancia; o justo Anchieta,  
E o venerando Nobrega aqui deram  
De virtudes christães exemplo novo.  
Eram daquelles que paixões terrenas  
Co'o manto de Jesus não encobriam.

---

CANTO OITAVO.

# CANTO OITAVO.

## ARGUMENTO.

Satanaz, inspirando criminosas paixões nos corações dos colonos portuguezes, os revolta contra os padres; mas o seu triumpho é ephemero. — Reúne Tibiriçá todos os de sua tribu, e lançando fogo ás suas plantações e choças, marcham para São-Vicente em defesa dos padres. — Desesperação de Aimbire ao receber a noticia do captiveiro de Iguassú. — Partida das canôas, e cantico dos remeiros. — Chegada a São-Vicente. — O ataque. — Feitos dos principaes chefes. — Morte de Braz Cubas pelas mãos de Aimbire. — Lucta Jagoanharo com Tibiriçá, que o mata, e o baptisa antes de expirar. — Visão de Anchieta. — Sai elle da igreja com Iguassú, e vai entregal-a a Aimbire. — Cessa o combate, e retiram-se os Tamoyos.



## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

## CANTO OITAVO.

Contra os poucos atletas do Evangelho  
Um fatal inimigo conspirava,  
Aculeando os proprios Portuguezes;  
Que inscios da lei moral, sofregos de ouro,  
No trafego sangrento se engolfavam,  
Le Luso e de christão manchando o nome.

Satanaz, rei do inferno, a quem só prazem  
Crimes, destruições, afflicto via  
Medrar a nova lei no Novo-Mundo,  
Costumes evangelicos, em troco  
De bruta crença e barbaras usanças.

Incessante inimigo, em odio acceso,  
As paixões invocava, socias suas ;  
As paixões, que de côres mil se trajam,  
Mil fórmias tomam, mil aspectos mostram,  
Mil linguagens ostentam, mil encantos !  
Mas de todas Satan conhece a origem,  
Conhece a força, o caso, e o tempo proprio  
De chamal-as a sí. Sempre por ellas  
Sobre a terra imperou, dêo leis aos homens,  
Cidades arrasou, reinos, imperios.  
Ora o amor, ora o odio, ora a cubiça,  
Ora a vingança e a colera accendendo  
Nos corações dos homens; qual astuto  
Sophistico rhetorico, que enleia  
O incauto ouvinte, que enganar se deixa,  
Encantado e sem tino, a seu capricho :  
Satan dest'arte, o senso fascinando,  
Esmalta o erro de brilhantes côres,  
E antepõe a mentira aos olhos do homem,  
Adornada co'as vestes da verdade;  
E o homem, que até no erro acertar cuida,  
Pela paixão guiado, escravo d'ella,

Ante o phantasma enganador se prostra,  
E canta o seu triumpho, e a sí se applaude!  
Ai misero! tão cego, que cem vezes  
Repelle, insulta a quem salvá-o intenta!  
Assim entre os narcoticos vapores  
Do fumo do opio, a moribunda victima  
O antídoto recusa, imaginando  
Vital somno dormir, e dorme... e morre!

Anjo outr'ora da luz, hoje das trevas,  
Oh Lucifer maldito! o céo perdeste  
Pelo orgulho, e os mortaes, que obra é já tua,  
Arrastas pelo egoismo á nova perda!

Já das trevas o rei jactancioso  
Cantava o seu triumpho, revoltando  
Contra os dous eremitas os colonos,  
E em seu proprio interesse lhes fallava.  
A uns, para excitar maior despeito,  
Ironico dizia: — Como, oh Lusos!  
Não ouvís os conselhos de Anchieta?  
Soffrei o ardente sol deste igneo clima;

Trabalhai, e regai co'o suor vosso  
A conquistada terra, emquanto os Indios,  
A quem deveis respeito e amor fraterno,  
Livres pelos desertos se recream.  
Elles senhores são, e vós escravos!  
Si elles vos atacarem, pacientes  
Supportai suas frechas matadoras;  
Que das vossas cabanas se apoderem;  
E vós, orai a Deos, morrei humildes.“

A outros com sophisticas arengas,  
Em theor philosophico dizia:  
„O homem marcha ao bem por lei do instincto;  
É seu guia o prazer: virtude e vicio  
São vans palavras; o interesse é tudo.  
Na Grecia, e em Roma ao vencedor foi dado  
A seu grado dispôr dos seus vencidos,  
A escravos reduzil-os, ou matal-os;  
E Gregos e Romanos grandes foram!  
É vasto campo de batalha a terra,  
E oppostas forças sem cessar se embatem  
Por lei da Natureza: a vida e a morte

„Surgem deste conflicto; e a Natureza,  
Que dos proprios destroços se renova,  
Apoia os fortes quando os fracos gera.  
Justiça é o poder, direito a força,  
E do mando a razão é a victoria.  
Guerra aos barbaros, guerra! Ou vós, ou elles,  
Oh Romanos desta éra! A vós a gloria  
De imitar a rainha do Universo.  
Vêde os frios Bretões, Gallos, Germanos  
Ceder á Roma a terra de Teutates,  
Depois de em vão regal-a com seu sangue,  
Palmo a palmo pleiteando-a ao pé romano.  
Assim, oh vós de Viriato prole,  
Se curvarão os barbaros Tamoyos  
Ante o vosso poder victorioso;  
E elles, que os tiros vossos hoje affrontam  
Com mortiferos dardos, hão de cêdo  
Humildes aceitar vossas cadeias;  
Arar por vós a terra que defendem;  
Por vós lutar contentes como escravos.  
Guerra aos barbaros, guerra! Avante, oh Lusos!  
Não vos deixeis levar de vans palavras

„De caridade e amor, com que esses padres  
Vosso brio e valor domar pretendem.  
Os fallaces discursos de Anchieta  
São mais fataes que as settas dos selvagens.  
Guerra, guerra a quem fôr vosso inimigo.“

Cada colono murmurar ouvia  
Estes e outros discursos corruptores  
No fundo de sua alma; e repetindo-os,  
Como si fosse inspiração divina,  
Cegos e revoltados contra os padres,  
De Satan o caminho iam trilhando,  
E aos tigres imitando na fereza.  
Roubar, Indios matar, era a virtude  
Que cadaqual em publico ostentava.  
E assim os corações se embruteciam,  
O lume da razão se anuviava,  
E o rebanho de Christo ía mingando.

Mas si na dura prova é dado ao inferno  
De chammas fornecer o altar terrivel,

Expiatorio altar, onde se apuram  
As virtudes christãs das paixões átras;  
Qual o ouro no chrysol envolto em fogo,  
Em terra e em cinzas, mais se purifica,  
Perde as fezes, e limpo se condensa;  
Gozar não póde o inferno o seu triumpho.  
A razão sempre vence, ou cedo, ou tarde;  
A lei da Providencia é infallivel,  
Por ella a humanidade ao bem caminha.

O perigo que ameaça esses colonos,  
Ameaça talvez a igreja e os padres,  
A cuja sombra os réprobos se abrigam;  
Ah! e só isso os salva; que a virtude  
Dos bons tambem aos máos serve de amparo:  
Como n'um campo, que verdeja apenas,  
Para poupar-se o grão que desabrocha,  
Se deixa com pezar crescer o joio.

Tibiriçá de amor todo abrasado,  
Co'um zelo de christão dos priscos tempos,

Do Tamandatehy correndo ás margens,  
Para a lucta mil arcos reunia.

„Meus Guayanás, bradava, dura guerra  
Temos que sustentar contra os Tamoyos,  
Pelo feroz Aimbire commandados.  
Araray e seu filho veem com elles;  
E eu contra meu irmão e meu sobrinho  
Não temo ir combater por Jesus Christo.  
Queimai vossas cabanas, vossos campos;  
Não deixemos abrigo aos inimigos,  
Que podem aqui vir para vingar-se  
Do apoio que aos christãos contra elles damos.  
O serviço de Deos está primeiro  
Que esses precarios bens do fragil corpo.  
O Cubatão desçamos; vamos prestes  
Defender São-Vicente ameaçado.  
Alli Anchieta e Nobrega nos chamam;  
Eia, vamos, armai-vos, e segui-me.“

Deste geito fallou o chefe á horda,  
Que exultando applaudio da guerra o annuncio;

E logo decidido o exemplo dando,  
Fogo lançou á roça que alli tinha;  
E promptamente os Indios o imitaram,  
Choças e campos entregando ás chammas.

Entre bulções de fumo que se enrola,  
Estalos, chispas dos combustos galhos,  
Correm, vôm as sôltas labaredas  
Pelos mandiocaes, e milharadas,  
A cinzas reduzinho as verdes roças,  
Que tanto afan, tanto suor custaram.  
O homem que as plantou folga á tal vista!  
E as aves dos seus ninhos enxotadas,  
Em profugos cardumes no ar pairando,  
Como que estão carpindo a insania do homem,  
Que dos bens que o céo dá gozar não sabe.

Assim deixando após carvões e cinzas,  
E do incendio o rescaldo fumegante,  
Vão levados de amor, não de cubiça,  
Selvagens combater contra selvagens,  
Tudo ao zelo da fé sacrificando.

E Aimbire ? Ah ! com que dôr voltando ao campo,  
E ouvindo a narração de Jagoanharo,  
A nova recebêo que em São-Vicente  
Sua amada Iguassú captiva estava !  
Um subito furor, profundo, immenso,  
Devorando-o em sileneio, como o fogo  
Que jaz da terra calcinando os seios,  
Todo no coração ficou-lhe oppresso,  
Quando tal nova dêo-lhe o mensageiro.  
Avezado a soffrer golpes tão duros,  
Seu peito em lento arquejo o ar tomando,  
De odio ao pungir da dôr se entumecia.  
Apenas seu olhar sombrio e vago,  
Sob um senho funéreo e carregado,  
Como o céo no horizonte negrejante,  
De sua alma a tormenta revelava.  
Sua forte vontade resistia  
Á explosão do furor. Fraqueza fôra  
Não vencer a paixão ; porém retida,  
Mais se espessava dentro. Atroz vingança  
Aimbire meditava, e ostentando  
De outra idéa occupar-se, assim prorompe

Co'um sorriso forçado, e a voz convulsa:  
„Então Tibiriçá recusa unir-se  
A nós, e a seu irmão? Pois bem, que espere,  
Que a morte lhe darei como deseja.“

E dando um passo, e resolute olhando,  
Para ordenar do alarma a voz aos chefes,  
Seus olhos vêm Pindobuçú prostrado,  
Triste chorando pela cara filha,  
Com a fronte encostada sobre um hombro  
Do mesto filho, em cujo peito anciado  
As lagrimas dos dous junctas corriam.

Qual da enchente a pressão arromba o dique,  
Que com fragor desprende a catadupa;  
Tal de um pai, de um irmão a dôr vehemente  
Abala e quebra o coração de Aimbire,  
Que mais que o proprio mal o alheio o punge.  
Então o heroe a colera soltando,  
Brada: „Oh Pindobuçú, o pranto enxuga,  
Que a vingança será maior que a affronta!  
Terás livre Iguassú; eu t'o prometto;

„E com ella dar-te-hei para vingar-te  
Quantas filhas quizeres, mães, e esposas  
Dessa raça cruel. Rios de sangue  
Farei correr de Tacaré nas praias,  
E erguerei de cadav'res um monte  
Que chegue ao Marapé. Lauto banquete  
Vai dar meu braço aos urubús famintos.  
Eia! para Bertioga! Ao mar canôas;  
Não ha mais que esperar. Ao mar! voemos.“

Assim bradando, fez roncar na inúbia  
O rouco som do alarma e da partida;  
Nas margens do Uruguay bravío touro,  
Quando o ciume lhe entumece o peito,  
Não solta iroso tão tremendo berro.  
E pela praia e varzea, e na colina  
Foram todos os chefes repetindo  
O terrivel signal que ribombava,  
Chamando a gente, que acudia em chusmas.  
E os sons diversos das diversas trompas,  
Co'os successivos echos misturados,  
Concerto horrendo e funebre faziam.

Ao ver em confusão de toda parte  
Como da terra erguidos, nós, poentos,  
Correr á praia centenaes de Indios,  
A mente ás margens do Cedron voando,  
Cuidára ver os mortos revocados  
Ao som da trompa dô Juizo eterno,  
Das entranhas da terra resurgindo,  
A Josaphat correr em mestos bandos.

Pela arçia arrastando ao mar lançaram  
Os inteiriços lenhos monstruosos,  
Cujos bojos, cavados pelo fogo,  
E pela arte depois acepilhados,  
Cincoenta a cem guerreiros abrigavam,  
Tão déstros a remar, que os lenhos voam.

Era bello esse mar todo juncado  
De innumeras canôas esquipadas,  
Que iam como cardumes de golpinhos  
Á porfia rompendo as curvas ondas  
Ao som da cantilena dos guerreiros,  
Pelo bater dos remos compassada.

„Voga, canôa, que é maré de amigo;  
Ligeira voga, sem temor das ondas;  
São braços fortes que aqui vão remando,  
Braços Tamoyos, que a remar não cançam.

„Gósto de ver-te pelo mar zingrando,  
Cabeceando, levantando espuma;  
Assim, canôa, assim bufando vôa,  
Como esses peixes que lá vão fugindo.

„O mar 'stá manso, estão dormindo os ventos;  
Para o Tamoyo sempre o mar foi manso!  
Eia, canôa! o teu balanço é doce  
Como no bosque o balançar da rêde.“

E a cantar e a remar, como brincando,  
As praias de Ubatuba emfim deixaram.

Já da crastina luz occíduos raios,  
Por entre os tristes arrebóes da tarde,  
Aos negrumes da noite o céu cediam,

Quando elles, suspendendo o afan dos remos,  
De São-Vicente ás praias abicaram,  
Nuas e solitarias, onde apenas  
Desdobrando-se as ondas murmuravam.

Eil-os todos em terra; e logo Aimbire:  
„Filhos da liberdade, assim lhes falla:  
A terra em que pisais, que hoje é dos Lusos,  
Já foi dos Guayanás, que agora os servem.  
Sorte igual vos espera, qual tiveram  
Os bravos Carijós e os Tabayáras.  
Si amais a liberdade e a terra vossa,  
Extingamos o mal na propria frente.  
Alli stão os terriveis inimigos!  
Alli, Tibiriçá unido a elles  
Nos espera talvez. Alli captiva  
A misera Iguassú vingança pede!  
Ah, salve-se Iguassú! Eia, Tamoyos,  
Vamos saval-a! e cadaqual por ella,  
Com todo o amor de pai, de irmão, de esposo  
Em quantos encontrar vingue-se irado.“

Tendo assim dito o abalisado chefe,  
Dos Francezes seguindo o sabio aviso  
De investir a cidade por tres lados,  
Divide a sua gente em tres columnas,  
Pondo em cada columna alguns Francezes.  
Pindobucú e o filho e mil frecheiros  
Sobem o Marapé. Vai Jagoanharo  
E seu pai Araray do lado opposto;  
No centro marcha Aimbire : e a um tempo todos  
Devem chegar, e começar o assalto.

Porém Tibiriçá naquella noite  
Co'a sua gente prompta e apercebida,  
Por conselho de Anchieta os esperava.  
Mas como o soube Anchieta? Quem lh'o dice?  
Algum Anjo talvez lh'o revelára?

O servo do Senhor, joven, ardente,  
Nesse viver de ascetico eremita,  
Em continuos jejuns, longas vigalias,  
Prégações, e trabalhos excessivos,  
Tinha, á custa do corpo, e dos sentidos,

As potencias do espirito exaltado;  
E arreouado em seus extasis divinos,  
Via co'os olhos d'alma algumas vezes  
O futuro sem véo apresentar-se.  
Foi n'um desses transportes estupendos,  
Em que a alma dos sentidos se liberta,  
Que elle teve a visão do mal propinquo;  
Alto favor do céo, que tantas vezes,  
Sempre talvez, em prol da humanidade,  
Que o aprecia tão mal, se manifesta.  
Ah, não faltam prophetas que revelem  
O bem e o mal; só falta o fé que os ouça!  
Riram-se alguns dos Lusos desse annuncio,  
Mas de Tibiriçá a fé salvou-os.

Quando a correr á villa os atalaias,  
Que o chefe Guayaná postado tinha,  
Novas levaram do imminente assalto,  
De uns a crença e os receios confirmando,  
De outros tirando a duvida e a incerteza;  
Já dos tres principaes chefes Tamoyos  
Por tres lados soavam as inúbias,

Dando signal ao concertado ataque,  
Para os descritos tardo desengano.

Então rufando os marciaes tambores  
Dentro da villa: — ás armas! todos bradam:  
Ás armas, Portuguezes! — Já Collaço  
Seus soldados alinha, e já Ramalho  
Se mostra em frente aos seus. Os mais incautos,  
De subito terror apoderados:  
Ás armas! repetindo, ás armas correm;  
Que neste caso o medo os torna alípedes.

Calmo Tibiriçá, da igreja á porta,  
Em defensão dos padres, firme espera  
Ao perigo se oppor com seis mil arcos.  
Talvez o unico seja em cujo peito  
Tenha a inconcussa fé vencido o susto.  
Cayoby, Cunhambeba, alli com elle  
Tupís e Carijós guiam á pugna.

Para maior terror dos sitiados  
Ao ataque os Francezes dão começo,

Seus arcabuzes junctos disparando.  
Como ao som de trovões repercutidos  
Igneos fuzís nos ares serpenteam,  
Assim ao som da horrivel vozeria  
Que fazem os Tamoyos, juncto ao estrondo  
Das fulminantes armas dos Francezes,  
Em torno á villa as balas sibilando,  
Coriscam pelos ares enfumados.

Ao medonho estridor não esperado  
Daquellas armas, que de em torno estouram;  
Ao chover da metralha, que atravessa  
Os tectos de sapê, levando o susto  
Aos peitos feminís; de toda parte  
Correm ao templo velhos e crianças,  
E as mães co'os tenros filhos abraçados,  
Bradando: — Senhor Deos! misericordia!

Alli, aos pés do altar, co'os companheiros,  
Humilde estava Anchieta, que prégando  
Nesse dia dicera: — Quando ouvirdes  
Nesta noite fatal, entre lampejos,

Horrenda arrebentar a tempestade,  
Que a colera do céo sobre nós manda;  
Vós, mulheres, crianças indefesas,  
Vinde, vinde, correi á sancta igreja,  
Pedir por vossos pais, por vossos filhos,  
E por vossos maridos e parentes.  
São gratas ao Senhor as flebeis vozes<sup>das</sup>  
Dos pobres innocentes, misturadas  
Co'as supplicas das mães que o pranto afoga.“

Na turma que da igreja o abrigo busca  
Vai co'os filhinhos de Ramalho a esposa,  
E a seu lado Iguassú, que a rogos d'ella,  
E do chefe seu pai e do marido,  
Instados por Anchieta, consentira  
Seu roubador trazel-a, e entregar-lhe  
Para ser convertida e baptisada;  
Cuidando achal-a após mais branda e docil.

Emquanto dentro da mansão sagrada  
Férvidas preces condoídas sôam,  
Entre pungentes ais e amargo pranto

Da turba mulheril, e das crianças;  
Fóra, a pugna travada, porfiosa,  
Rebramando ferina se encarniça.

Ao clarão dos troantes arcabuzes,  
Que entre nuvens de fumo relampejam,  
Vê-se um chuveiro de emplumadas frechas,  
Que de todos os lados jaculadas  
Se cruzam, se atropellam, se abalroam,  
E pelos ares pavorosas zunem;  
E esse crebro zunir simula o vento  
Por entre taquaraes bramindo irado.  
A espessa alluvião, que no ar negreja,  
Da lua o disco e o mesto alvor obumbra;  
E o proprio dia convertêra em noite,  
Si o sol nesse momento se mostrasse.

Não contarei os golpes, e as frechadas,  
Que para sempre nessa noite horrenda  
Tantas almas dos corpos separaram.  
Por terra em borbotões jorrava o sangue;  
E o odôr do sangue, o os gritos dos feridos,

E os arquejos finaes dos moribundos,  
Mais da guerra o furor exasperavam.

Cançado de espargir mortes a esmo,  
Sem saber quem seu braço abate e prostra,  
Avança Aimbire os passos, e rodando  
Os olhos, que o furor de sangue tinge,  
Procura os principaes d'entre os contrarios,  
Que elle veja morrer sob seus golpes:  
„Traidor Tibiriçá, onde te escondes!  
Cayoby! Cunhambeba! Vinde todos;  
Eu aqui stou, eu só.“ E assim dizendo,  
Com Braz Cubas se encontra, que a tal repto  
Ousa arrostar o heróe. „Es tu? lhe brada:  
Dei-te a vida, e tu vens buscar a morte?“

— Venho vingar-me; o Portuguez responde:  
Vil escravo, selvagem! reconhece  
Em mim o teu senhor, que vem punir-te.“  
E assim dizendo, descarrega o golpe,  
Que apenas resvalou na maça do Indio,  
Qual em penedo enfraquecido raio.

„Tens a lingua mais forte do que o braço;  
Pouca é a gloria de tirar-te a vida.  
Si a queres, eu te a deixo; e tu bem sabes  
Si dessa vida alguma vez fiz caso.  
Mas vem commigo, e mostra-me primeiro  
Onde jaz Iguassú, e quem roubou-a.“

O Portuguez, que o julga alheio á lucta,  
Só a perdida amada procurando,  
Calcula o lance, ironico dizendo:  
— Quero poupar-te a mágoa de choral-a.“

„E eu a infamia da vida que te pesa.“  
E co'a prompta resposta um prompto golpe  
Acerta-lhe o Tamoyo, e a um tempo sôam  
Resposta e golpe, e do infeliz a quéda:  
„Dar-te não posso a morte que mereces  
Lenta e cruel; n'um só momento morre:  
Tenho pressa.“ E o deixou nadando em sangue.

Como o ardente tufão vôa o guerreiro,  
Por toda parte semeando estragos.

Parabuçú, que o irmão vingar deseja,  
Com quantas frechas sólta a morte expede.  
Pindobuçú, que a filha crê perdida,  
Odiando a vida, e provocando a morte,  
Proezas faz que o proprio filho inveja;  
Porêm a morte aos temerarios fôge.  
O ancião Coaquira não desmente a fama  
Que em annos juvenís colhêo brioso;  
E guerreiras estrophes repetindo,  
Dos bravos que caudilha a furia augmenta,  
E ao proprio coração o esforço aviva.  
Como a onça esfaimada e furibunda,  
Bramindo anda Araray; corre-lhe o sangue  
Da ingente maça ao incauçavel braço,  
Que vibrando sedento prostra e mata,  
E junca o chão de mortos e feridos.

Entre os mais dignos do contrario lado  
Campeia Cayoby, e se recorda  
Que já contra Francezes e Tamoyos  
Bravo em Villegagnon foi acclamado.  
Não quer ceder-lhe a palma Cunhambeba,

Nem no zelo christão, nem no denodo,  
E ambos por toda parte se assignalam.  
O valor portuguez tem em Ramalho,  
E em todos os colonos lusitanos,  
Novos, valentes braços que o sustentam  
Nessa nocturna, encarniçada lucta,  
Quaes sempre os teve nas diversas partes  
Da Europa, Africa, e Asia, onde seu nome,  
Jamais desmerecido em marcios pleitos,  
Com sangue escripto fez-se heroico e grande,  
Ao seu vate immortal inchando a tuba,  
Que esses duros engenhos mal pagaram!

Mas quem te negará, Cacique illustre,  
Entre os mais fortes o logar primeiro?  
Gloria a Tibiriçá, gloria a teu nome,  
Aos teus preclaros feitos, e á constancia  
Credora de hymno excelso, com que sempre  
Essa nascente igreja defendeste,  
Fonte primeira nesta inculta plaga  
Da luz sublime e sancta que a illumina,  
E hoje immenso fulgor sobre ella estende!

Onde vais, Jagoanharo? impetuoso,  
Temerario mancebo! Não te basta  
Tanto sangue espargido por teu braço?  
Cega-te o orgulho do vigor dos annos?  
Não vês, não ouves, de pavor não te enche  
Essa ave negra, que voou da igreja,  
E a teu lado passou triste gemendo?  
Buscas Tibiriçá?.. Medir-te queres  
Com quem tremer fizera o proprio Aimbire?  
Lamento o teu furor! A morte buscas!

„A mim, Tibiriçá! brada o arrogante:  
A mim, si tens valor; eis-me, aparece.“

Eil-os no adro da igreja que se encontram!  
Tío e sobrinho se olham; recuando  
No primeiro sossobro; por um pouco  
Hesitam si travar devem a lucta,  
Que inda um instante a voz do sangue os pêa.

— Que vens tu procurar? diz-lhe o Cacique:  
Desta espada não vês pendente a morte?“

„Não a temo, replica-lhe o mancebo.  
Mas si nas minhas mãos morres não queres,  
Entrega-me Iguassú, que alli stá dentro.  
Um transfuga dos teus certificou-me  
Que alli a vira entrar com tua filha:  
Vai buscal-a; senão, irei eu mesmo.“  
E assim dizendo, para a porta investe,  
Descortez o Cacique abalroando.

Tibiriçá, porém, frio, impassivel,  
Qual da foz do Janeiro a ingente mole,  
Que immovel zomba do furor das vagas,  
Com desdem affrontando o audaz sobrinho,  
Ante a porta da igreja se colloca,  
Que só por ella barateia a vida!  
Juncto da Cruz de Christo que o decora,  
Brilha em seu peito um aureo relicario,  
Mimo de Anchieta, talisman sagrado  
Que sobre natural força lhe infunde,  
E calmo o faz, e sobranceiro a tudo.  
Elle só contra todos combatêra,  
Certo que não é dado á dextra humana

Tirar-lhe a vida tão votada á igreja!  
O que não póde a fé n'alma do crente?!

Ousa o joven levar-lhe a mão ao peito  
Para o arrancar dalli; mas empurrado,  
Recúa tropeçando, e pouco falta  
Que por terra não caia: onda arrojada  
Repellida assim é por duro escolho.  
Ligeiro se equilibra, e o pejo e a raiva  
Satanico furor n'alma lhe accendem,  
Nervos, arterias, musculos inchando.  
De colera convulso, co'as mãos ambas  
Levanta a ingente maça, e do contrario  
Sobre a fronte esforçado a descarrega;  
Mas a espada do impávido Cacique  
Apára o golpe, pelo cerne entrando,  
E encravada se quebra. Braço a braço  
Se atracam, luctam, corcoveam ambos,  
Ambos como um só corpo rodopiam,  
Suam, fumegam, rugem; treme a terra,  
E aos incontrões da mole a igreja treme,

De terror convulsando a quantos cobre!  
Espuma Jagoanharo; o tío o aperta  
No ferreo amplexo, e quasi que o estrangula.  
De sí o arranca, e o balanceia, e o arroja  
Longe de sí, talvez para paupal-o.  
Arfa, empina-se o indomito mancebo,  
Já não homem, mas fera; e salta, e investe  
Com força tal que derribára um tronco  
De annoso acayacá; mas como o touro <sup>(1)</sup>  
Para fincar no canguçú que o assalta, <sup>(2)</sup>  
Enrista as corneas pontas, e as sacode;  
Assim Tibiriçá, curvando o corpo,  
E arrimado ao portal que um pé lhe escora,  
Estira os rijos braços, e agarrando  
Com força herculea o misero sobrinho,  
O levanta da terra, e contra a pedra  
Da soleira da igreja o arremessa,  
Co'a fronte sotoposta, e a quebra, e a esmaga.  
Vendo que inda estrebuxa, entra, e da pia  
Com agua benta volta, e proferindo  
As sagradas palavras, o baptisa:  
„Tirei-te a vida, dice, mas ao menos

Salvo-te essa alma.“ Jagoanharo expira;  
E corre o vencedor a novas justas.

Que atroz carnificina! Que de horrores  
A noite aos combatentes encobria!  
A lua, que já mal os aclarava,  
Occultou-se de todo espavorida.  
E o odor do sangue, rescendendo ao longe,  
Chamava os urubús, que em negros bandos,  
Fariscando o festim, mudos já vinham.

Nessa hora Anchieta, que ante o altar prostrado,  
Co'as mãos e os olhos para o céu erguidos,  
Ao côro gemebundo a litanía  
Fervoroso apontava, de repente  
Pasma, estremece, estatico allí fica,  
Voltado o rosto para o céu, e os braços  
Como uma cruz abertos e estendidos,  
Attento olhando; como si visível  
A seus olhos celeste mensageiro  
Ordem suprema lhe estivesse dando!  
Cala-se o côro, e Nobrega não ousa

As preces proseguir, nem despertal-o.  
Sacro terror, silencio pavoroso  
A todos n'um momento petrifica.  
Após breves instantes, como alçado  
Por uma força occulta, se levanta  
O Ministro de Deos. Célica flamma  
Parece coraal-o, derramando  
Flavo fulgor em torno. Olha, e direito  
Vai a Iguassú; co'a mão no hombro lhe toca:  
„Ergue-te, oh filha!, diz-lhe: vem commigo.“  
Ella estremece, e obediente se alça;  
Ambos da igreja saiem. Todos absortos  
Para os deixar passar abrem caminho.  
Onde irão? — uns aos outros se perguntam,  
Mas estranho prodigio esperam todos.

Pelas trevas lá vão silenciosos;  
Ella cheia de assombro, a tudo alheia,  
Vendo só ante sí de Anchieta o vulto,  
Que a tenebrosa senda lhe esclarece.  
Elle como impellido, calmo e attento,  
Evitando passar por onde ha sangue!

Que luz na escuridão, ou que Anjo o guia  
Ao campo da batalha? . . . Eil-o que pára:  
„Aimbire!“ chama; e sua voz parece  
Resoar em caverna harmoniosa:  
„Aimbire! Aimbire!“ O rábido Tamoyo,  
Que perto combatia, se apresenta  
Todo escorrendo sangue, espavorido.  
„Toma Iguassú, lhe diz, deixa-nos, parte.“  
Emquanto fascinado o Indio volvia  
Os olhos á Iguassú, some-se Anchieta,  
E andando, sua voz dizia: — parte!

No mesmo instante ouviu-se o som da inubia  
Dando signal de prompta retirada.  
Não foi Aimbire quem o dêo! Furentes  
Os Tamoyos ainda se lembraram  
De accender e lançar por despedida  
Os galhos seccos, de algodão envoltos,  
Que deixaram ardendo; e carregando  
Aos hombros os seus mortos e feridos,  
Para suas canôas se partiram.

---

CANTO NONO.

## ARGUMENTO.

Voltam os Tamoyos a Iperohy; enterram os seus mortos, e Coaquira cura os feridos. — Casamento de Aimbire com Iguassú, e de Ernesto com Potira. — Chegada de Nobrega e de Anchieta, que são bem recebidos e obsequiados. — A primeira Missa. — Reunem-se os Chefes para ouvirem as proposições de paz que lhes trazem os Missionarios. — Falla Aimbire, Anchieta, e o Francez Ernesto. — Conclusão do conselho. — Parabuçú e alguns Indios tentam assassinar os dous religiosos; mas á vista d'elles recuam. — Dissipa Aimbire todas as más intenções contra os seus hospedes. — Resolve-se Nobrega a partir para São-Vicente, a fim de concluir a paz com os Tamoyos, entre os quaes fica Anchieta.

---

## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

## CANTO NONO.

De volta a Iperohy, sitio selvoso,  
Perto do Cairucú e de Ubatuba,  
Os Tamoyos seus mortos enterraram  
No meio do alarido das mulheres,  
Que oito dias choraram sobre as campas.

Entre todos Coaquira, apregoado  
Tanto pela sciencia excelsa e humana  
Que ousa á morte se oppor, sanando os males  
Que assaltam de continuo o fragil corpo,  
Quanto pelo alto dom dos sacros hymnos,  
Cuidadoso os feridos animando,

Por modos varios lhes curava as chagas:  
E dest'arte mostrava quanto é certo  
Que o amor do bem, ao da verdade unido,  
Pelo instincto do bello se revela.  
Nãõ te enganaste, venerandã Grecia,  
Quando do sabio deos da Poesia  
Filho julgaste o deos da Medicina!

De uns Coaquira acalmava as crueis dores  
Com folhas virtuosas, que a Natura  
Abundante produz nestas florestas;  
De outros, co'um dente afiado, qual lanceta  
De lamina subtil, abrindo as veias,  
Correr deixava o rescaldado sangue;  
A outros ao calor de brando fogo  
Os mal-feridos membros de alto expondo,  
A sanie lhes seccava, e os guarecia.  
Oh, por mais que infeliz, lançado ao mundo,  
No estado de bruteza o homem caia,  
Sempre da intelligencia a luz que o aclara  
Sua origem revela, e seu destino!  
Tradicional sciencia, arte, inventiva

Á tribu dos Tamoyos não faltavam,  
Que em paz vivia em Tabas numerosas,  
E muito os Europêos d'elles colheram.

Aimbire, cada vez mais fero e ousado,  
Dos seus Tamoyos exaltando os feitos,  
Para um novo combate os incitava.  
„Nascemos para a guerra; assim dizia:  
E o ocio é só dos vís. Pouco nos falta  
Para extinguir tal raça de tyrannos.  
Vingança Jagoanharo está pedindo;  
E quem não quererá vingar o amigo?  
Deixaremos em paz os que o mataram?  
Impunes ficarão, jactanciosos,  
Chamando-nos talvez vís e cobardes?  
Cobardes nós? Jamais! antes a morte.“

Julgando os votos seus ter já cumprido,  
Co'a passada peleja, em que a victoria  
Posto que dubia para sí tomára,  
E por ter para nova sepultura

Os ossos de seu pai já trasladado;  
Aimbire, dando a filha promettida  
Ao Francez, que em consorcio lh'a pedira,  
Quiz tambem premiar seus proprios feitos,  
E esposo de Iguassú se declarára;  
Mas só no nome esposo, e tendo-a ao lado,  
Ver o lindo botão desabrochar-se,  
Té que possa fruir de amor o nectar.  
Assim destas impuberes consortes  
Soem os Indios respeitar severos  
A virginia innocencia, até que chegue  
Das delicias a aurora. Ah! tão brutos,  
Tão lascivos não são, que ávidos colham  
De amor o fructo verde; crime fôra  
Indigno de um Tamoyo! Amava Aimbire  
A sua tenra noiva, como um lyrio  
Prestes a abrir o calice mimoso  
Aos beijos do colíbre; mas nos bosques,  
Onde a Natura pouco esconde aos olhos,  
O amor, sem o incentivo do mysterio,  
Não subjuga, não mata os duros peitos,  
Que da guerra o furor sómente inflamma.

Pindobucú, Coaquira, e os dous amantes  
Junctos em fresca tarde, respirando  
As auras de Ubatuba, reclinados  
Na verdura de um colle ao mar fronteiro,  
De elevadas idéas se occupavam.  
Relatava Iguassú quanto aprendêra  
Da esposa de Ramalho, e de Anchieta  
Sobre as cousas de Deos e da outra vida,  
E n'alma tenra lhe calaram tanto  
Que de tudo convicta se mostrava.  
O pai e o esposo com prazer a ouviam,  
Que muito aos homens o mysterio encanta;  
E a alma do velho bardo, ouvindo absorta  
Tão grata narração, se dilatava;  
Como a flor murcha ao declinar do dia,  
Da tarde ao doce orvalho inda se expande.

• Aimbire, referindo o estranho sonho,  
Ou nocturna visão, que Jagoanharo  
Na ida a São-Vicente lhe expozera,  
Dos seus sobre o destino meditava,  
E sobre esse futuro annuciado.

„Eu creio, assim dizia, que a doutrina  
Desse Filho de Deos, que elles mataram,  
É na verdade bôa. Muitas vezes  
A Lery e a Richer ouvi com pasmo  
Fallar de um Deos tão bom, que é mesmo pena  
Que por homens tão máos morrer quizesse,  
E depois lá do céo inda os proteja!  
Todos esses que veem em nome d'elle,  
De diversas nações, e varias linguas,  
Em guerra sempre estão uns contra os outros,  
Lá mesmo em suas terras; e aqui dizem  
Que o seu Deos não quer guerra! Todos elles  
Só tratam de viver á custa alheia;  
Querem tudo o que vêm, e nada os farta!  
Oh! e quão loucos são e ambiciosos!  
Por um pouco de pó, por uma pedra,  
Por um tronco de páo se despedaçam!  
Parece que teem medo que lhes falte  
Terra e mar, ar e céo, aves e bosques!  
Si prestassemos fé ao que nos dizem  
Loquazes Abarés, livre deixando <sup>(1)</sup>  
Essa nação de tudo apoderar-se,

O que fôra de nós? Ah, bem depressa  
Seríamos nós todos seus escravos.  
Eis porque com tal raça paz não quero;  
Nem ha paz que esperar desses traidores.“

Assim fallava Aimbire, quando viram  
Esquipada canôa sobre as ondas  
A praia demandando. Indios possantes  
Em pé, com moto igual vinham remando.  
Dous vultos assentados distinguiram  
De longas, negras tunicas vestidos.  
Iguassú mal que os vio, reconheceo-os:  
„É Nobrega o mais velho, o outro Anchieta!

— Vamos ver o que querem. — Logo os quatro  
Para a beira do mar promptos desceram,  
E em torno alguns Tamoyos se agruparam.  
Já no alcance da voz erguem-se os padres;  
Cessam os remos de impellir o lenho,  
E Nobrega assim falla:

„A vós, sem armas,  
Nós ministros de Deos nos entregamos.

„Sabemos que sois bons, quanto sois bravos,  
E que jamais Tamoyos recusaram  
Agasalho seguro ao estrangeiro.  
Mas si quereis em nós, que vos buscamos  
Com propostas de paz, vingar affrontas  
Que os nossos vos teem feito; eia, Tamoyos,  
As frechas alvejai; que a recebê-las  
Expostos aqui stão imbelles peitos,  
Sem que os defendam estas mãos inermes.“

— Quem nos procura em paz, nos acha amigos;  
Podeis desembarcar. Jamais Tamoyo,  
Para dar agasalho ao forasteiro,  
Perguntou-lhe quem era, e o que queria.  
De mais, ha entre nós quem vos conheça.“

Com tal certeza do sincero Aimbire,  
Ferrou o lenho a praia; e os Missionarios,  
Saíndo em terra, recebidos foram  
Com grande acatamento. As mãos beijou-lhes  
Respeitosa Iguassú, não deslebrada  
Desse uso que aprendêra em São-Vicente;

E a todos mui festiva ía dizendo:  
„Eis os dous Abarés amigos nossos!  
São estes de quem eu vos tenho dito  
Que fallam com seu Deos. De dia e noite  
Para fazer-nos bem sempre estão promptos.“

Todos os principaes lhes offreceram  
Seus pobres tujupás; porêm Coaquira  
Por mais idoso a preferencia teve;  
E alegre os conduzio ao seu tugurio,  
De toda aquella gente acompanhado.

Para que nada aos hospedes faltasse,  
Cadaqual lhes levou algum presente  
De cuias de farinha, aves, e peixes,  
Igaçabas de vinho, e varias fructas,  
Que nestes pingues bosques jamais faltam;  
E em frente da cabana de Coaquira,  
Á sombra de frondentes cajueiros,  
No chão pozeram tudo, em largas folhas  
De banana e de inhame, que serviam  
De toalhas e pratos viridantes

Do suspirado Eden; e invitando  
Á frugal mesa os hospedes illustres,  
Assentaram-se em roda, e sem ceremonias,  
A bel prazer as perdas repararam  
Da afadigada vida, reservando  
Para o crastino dia a embaixada,  
E as propostas de paz e de amizade.

Vinda a hora de dar repouso ao corpo,  
Penduraram nos cantos da choupana  
Duas rêdes de palha, recamadas  
De pennas de sahís e de tucano,  
Flores formando na rendada têa  
Dos pendentés girões das duas orlas,  
Onde se via da pintura o engenho,  
Na infancia d'arte, que recorda o Egypto.  
E para as balançar alli deixaram  
Lindas jovens, que os padres despediram,  
Não sem pasmo de gentes tão singelas.

Mal que a aurora alvejou ao som do canto  
De milhões de canóros passarinhos,

Os nossos eremitas, ajudados  
Por Coaquira e alguns outros, prepararam  
Tosco altar verdejante, e enflorado,  
Á sombra de um coqueiro, cuja rama  
De aberta e verde umbella lhe servia.  
Ao tronco um Crucifício suspenderam  
N'uma cr'oa de roxas passifloras,  
Que de Christo o martyrio symbolisam,  
Os emblemas na flor representando.

Alegres as crianças, encantadas  
Pelo bello artefacto, e desejando  
Uteis tambem mostrar-se, aos bosques iam,  
Diligentes trazendo lindos ramos,  
Mimosas parasitas, que engastavam  
Nos vãos dos sêccos talos, que guarnecem  
Como escamas o tronco da palmeira,  
Columna e throno desse altar campestre.  
Duas pyras de lenho redolente,  
E fragrantés resinas, flammejando  
De um lado e de outro, os ares perfumavam,  
Envolvendo o Calvario de alvas nuvens,

Que ondulantes ao céo se dirigiam,  
Como da compunção piedosos votos.

Alli o padre ancião e o companheiro,  
Em alta voz cantando, celebraram  
O primeiro, incruento sacrificio  
Que viram esses bosques. Parecia  
Que o céo, e a terra, e toda a Natureza  
Festiva se alegrava! . . Curiosos,  
E pasmados os ínulas das selvas,  
De Anchieta e de Iguassú seguindo o exemplo,  
Assistiam em pé, ou jenuflexos.  
Muitos até, co'as mãos no rosto errando,  
O signal de christão contrafaziam;  
Como si lhes dicesse a consciencia  
Ser grato ao céo qualquer respeito humano,  
Superando a intenção á estranha fórma.

Entre esta gente sáfia não se acharam  
Templos, altares, e ídolos, nem culto,  
Que tal aos invasores parecesse,  
Mais solertes na busca de divicias,

Que no estudo de crenças e de usanças.  
Mas si em Tupan, seu Deos que o raio vibra,  
E em larvas infernaes acreditavam;  
Si ouviam aos payés, de certo tinham,  
E quem o negará? um culto externo,  
E danças, e cantigas consagradas  
Á deidade do bem, do mal aos genios;  
Que de mil modos se revela sempre  
De um supremo Poder a innata crença.

Findo o sacro mysterio, os Missionarios,  
Co'os Caciques Tamoyos em consulta,  
De paz e de amizade discorreram,  
Mostrando os gratos bens que fundiria  
Para os Indios e Lusos a concordia.  
Pró e contra razões se levantaram.  
Em silencio os ouvintes sempre attentos,  
As queixas e as respostas escutando,  
Jamais o orador interrompiam.

„Emfim, Aimbire dice, si é verdade  
Que desejais viver em paz comnosco;

„Si não vos traz aqui doloso intento,  
Entregai-nos os nossos prisioneiros,  
Que tendes como escravos, e com elles  
Tambem Tibiriçá, e Cunhambeba,  
Caioby, e esse Dias que atrevêo-se  
A raptar Iguassú. Esses punidos  
Devem ser pelo mal que nos teem feito.  
Não podemos ter paz co'os tres protervos,  
Que contra seus irmãos vos dão apoio.“

Como a eloquencia apraz mesmo aos selvagens,  
E a palavra aquecida e perfumada  
De sancta inspiração abala os peitos,  
A colera dissipa, o amor inspira,  
E augmenta da razão o brilho e a força;  
O venerando Nobrega, que via  
Quanto dos Indios com prazer ouvido  
Era o seu companheiro moço e ardente,  
Mais versado na Túpica linguagem,  
Doce e sonora, que a chamavam Grega  
Os peritos que n'ella doctrinavam;  
Á facundia cedendo a primasia,

Pedio-lhe que ao Tamoyo respondesse:  
E Anchieta obedecendo orou dest'arte.

„Sabei, preclaros chefes, que nós somos  
Servos daquelle Deos auctor do mundo,  
Que é pai de todos nós, e nos ordena  
Que os homens todos como irmãos amemos.  
Nós vos amamos, sim; e nos expomos  
Aos perigos do mar, e ás vossas frechas,  
Só para obedecer ao seu mandado.  
O mandado de Deos é, que a verdade,  
Luz eterna das almas, mais sublime,  
Mais grata que esta luz que aos olhos brilha,  
Vos seja emfim mostrada, dissipando  
A noite em que viveis, immersos no erro.  
Como ao raiar do sol se abrem os olhos,  
E tudo alegre renascer parece,  
Assim abrir-se devem vossas almas  
Á verdade que Deos por nós vos manda;  
Então renascereis para a ventura,  
E alegres saudareis a nossa vinda,  
Como um signal de amor que o céo vos mostra.

„Crêde-nos pois, Tamoyos! Vís enganos  
Não espereis de nós. O que for justo,  
Sem que o peçais, zelosos o faremos.  
Em breve vos serão restituídos  
Quantos dos vossos temos prisioneiros:  
De amigos, não de escravos, precisamos;  
E si os fazemos trabalhar comnosco,  
É que o trabalho aperfeiçôa o homem;  
E os que comnosco a trabalhar se avezam,  
E aprendem nossas artes, nossos usos,  
Se ufanam de saber mais do que os outros,  
E ao antigo viver voltar não querem.

„Mas tu, potente Aimbire, a entrega exiges  
Do desgraçado Dias? E quem póde  
Dar-te agora o que pedes? Ah! punido,  
Bem punido elle foi! Talvez tu mesmo,  
Nessa noite fatal a São-Vicente,  
Fosses quem lhe cravou no corpo a morte  
Co'uma setta, que o peito atravessou-lhe.  
Mortalmente ferido, pouco tempo  
Após, em dura angustia blasfemando,

„Morrêo como vivêra o pobre Dias!  
Onde estará sua alma? Ah! Deos piedoso  
Como bom pai as culpas lhe perdôe.

„Quanto a Tibiriçá, a Cunhambeba,  
E a Caioby, que pedes: onde, Aimbire,  
Onde está a bondade de tua alma?  
Onde a tua grandeza e lealdade,  
Que em penhor de alliança ousas propor-nos  
Que de horrenda traição réos nos façamos?  
Não presumas de nós tão negra infamia;  
Nem a pedir perfidias te rebaixes.  
Que fé te merecêra quem trahisse  
Desse modo os deveres da amizade?  
Si algum contrario nosso, algum Tapuya  
Pedir-te aqui viesse as nossas vidas,  
Tu, Aimbire, com quem junctos comemos,  
Nos entregáras tu aos seus caprichos?  
Não; jamais um Tamoyo tal fizera,  
Quanto mais tu, magnanimo gerreiro!  
E jamais nós christãos tão vís seremos  
Que traíamos os mais fieis amigos.

„Não, oh chefes, jamais! antes a morte  
E si a paz, como esperò, celebrarmos,  
Si fordes todos vós amigos nossos,  
Tambem por todos vós o nosso sangue  
Daremos com prazer, como por esses  
De quem somos amigos, e o seremos.“

Assim orou Anchieta; e os circumstantes  
Co'um ligeiro sorriso á flor dos labios,  
E um franco volver de olhos o applaudiram  
Que tão nobre fallar os enlevava.  
E o mesmo Aimbire, que melhor que todos  
Da palavra os encantos conhecia,  
Posto que de vingança sequioso,  
Acalmando-se á voz que o penetrava,  
Rendêo-se á força da razão sublime,  
Que a bella alma do bello se namora;  
E por este theor dêo-lhe a reposta:

„Apraz-me o teu fallar sincero e livre:  
E si todos os teus tão leaes fossem  
Como tu e o teu velho companheiro,

„Jamais guerra entre nós teria havido.  
A vós ambos conheço, e vos respeito;  
Porque minha Iguassú, a quem salvastes,  
Grandes cousas de vós me tem contado;  
Que o futuro sabeis como o presente,  
E conversais com Deos, que vos concede  
Tudo quanto pedís. Sei, que ella o dice,  
Que na casa de Deos orando estaveis  
Pelos vossos, na noite do combate,  
Quando do céo não sei que mensageiro  
A ti descendo, Anchieta, a ordem dêo-te  
De entregar-me Iguassú, e assim salvai-os.  
Não sei de que maneira, ou por que força,  
Quando com Iguassú me appareceste,  
Teu olhar, teu aspecto fascinou-me,  
A mim, que dos Payés desprezo o mando!  
Foi teu Deos quem te dêo essa virtude.

„Mas quem foi que tocou a retirada,  
Quando eu absorto tua voz ouvia?  
O primeiro signal cuidaram todos  
Ser da inubia do bravo Jagoanharo;

„E nesse engano os chefes o imitaram.  
Mas não foi elle, ah não, que morto estava!  
Quem foi então o auctor da astucia ignobil?  
Em que mãos essa inubia atraioou-nos?  
Sabei pois que si então nos retirámos,  
Por esse engano foi, não por fraqueza.  
Mas emfim, esqueçamo-nos de tudo,  
E por amor de vós de paz tratemos.  
Uma só condição proponho agora,  
Mas justa condição, proficua a todos.  
Fiquem-se os Portuguezes muito embora  
Com todas essas terras já tomadas  
Aos filhos dos Tupís e dos Tapuyas,  
Que vencidos seu jugo receberam;  
Mas deixem-nos em paz no Guanabara;  
Respeitem estas terras que habitamos;  
Nunca mais aqui venham saltar-nos,  
E roubar-nos os filhos e as consortes.  
Podem, sim, vir trocar o que quizerem  
Comnosco em Nitheroy; como os Francezes  
Fizeram até-qui; porêm não tentem  
Jamais alli ser donos de um só palmo

„Dessa terra, que é nossa; nem se atrevam  
A roçar, a queimar nossas florestas,  
E a erguer em nossas praias villa, ou casa.  
Jamais, jamais consentirei que o façam.  
Assim teremos paz; senão — só guerra!“

Todos os Indios com prazer o ouviram,  
E justa a condição acharam todos.  
Mas Anchieta, que nada promettia  
Com tenção de illudir, assim replica:

„Nobres Caciques, bem fallára Aimbire,  
E a sua condição mui justa fôra,  
Si de terras sómente se tratasse.  
Terras e terras temos nós de sobra  
Por todo o mundo, áquem e além dos mares.  
Mas sagrado dever, por Deos imposto,  
Nos obriga a tratar das vossas almas,  
Que valem muito mais que a terra toda.  
Esqueceis-vos talvez que a luz de Christo  
Raiar deve entre vós? Que elle nos manda  
Prégar-vos a verdade, e conduzir-vos

„Á graça, á salvação, e á liberdade?  
Não essa que vos faz andar errantes,  
Mas a que livra o homem do peccado,  
Do dominio do inferno e da bruteza.  
E como este dever cumprir podem os,  
Si no meio de vós não habitarmos  
Para bem vos servir, edificando  
Igrejas, casas, villas, onde o exemplo  
Acheis das boas obras co'a doutrina  
Que á civilisação guiar-vos devem?  
Homens incultos n'uma terra inculta,  
Sem haver quem os tire da ignorancia,  
Naufragos são em vasto mar perdidos,  
Que a morte bebem no volver das ondas.  
Deos, que o mundo criou, e fez o homem  
Dotado de razão, e á imagem sua,  
Quer que o homem tambem trabalhe e crie,  
E por isso nos dêo a terra bruta:  
E quem desobedece á lei suprema,  
Cultivar desdenhando a sí e a terra,  
Quasi que perde a natureza humana.  
Vêde que desejais o proprio damno!“

Com ar de reflexão, que denotava  
Desejo de acertar em bivio estranho,  
Ia Aimbire fallar, quando temendo  
Que elle fosse acceder, assim o atalha  
O Franco Ernesto, de Potira esposo :

„Aimbire, antes de unir-me á tua filha  
Já tinha unido a minha sorte á tua,  
Meu sangue ao teu, no campo da batalha;  
Certo que tu jamais consentirias  
Em ter paz e amizade com tal gente,  
Que de terras e escravos se não farta.  
De mais lhe tens cedido. E vós, Caciques,  
Não acabais de ouvir os seus intentos?  
Bem preciso ante vós fallou Anchieta!  
Do bello Nitheroy nas ferteis margens,  
Que ha muito os Portuguezes vos disputam,  
Querem elles erguer villas e igrejas,  
E assim a seus escravos reduzir-vos,  
E de todo esbulhar-vos dessas terras,  
Dessas tão poucas terras que vos restam!  
E onde estarieis já sem o soccorro

„Que os Francezes amigos vos teem dado  
Na defensão dos vossos patrios bosques?  
Onde irieis agora, como as aves  
Chorando, quando os ninhos vêm tomados  
Pelas serpes que os ovos lhes devoram?  
Onde irieis achar remoto asylo  
Contra tanto furor de perseguir-vos?..  
Promette-vos Anchieta doutrinar-vos,  
E instruir-vos na lei de Jesus Christo:  
Mas quem de vós lhe pede esse serviço,  
Que caro pagareis co'a liberdade?  
Falta acaso entre nós quem vos instrua?  
Não temos nós Lerys, Richers não temos,  
Chartiers, e outros muitos, que a verdade  
Melhor mostrar-vos podem, sem roubar-vos  
A cara liberdade e a independencia?..  
E em troco desses bens, que a tudo excedem,  
Que outro bem estes padres vos promettem?  
A civilisação? . . . Fatal presente!  
A civilisação, qual dar-vos podem,  
Qual ao vencido o vencedor concede,  
Vos inspirára horror, si a conhecesseis.

„Eu, que n'ella nasci, eu que a conheço,  
Para sempre á fugi.... Embora digam  
Que homens incultos sois em terra inculta;  
Antes, antes assim. Aqui, ao menos,  
Longe dessas nações civilisadas,  
Somos todos iguaes. Ninguem de fome  
E afadigado morre sem asylo,  
Servo do rico, que no fausto vive  
Á custa do suor da pobre gente!  
Aqui, o que Deos dá pertence a todos.  
Aqui, não ha tyrannos, nem escravos,  
Não ha ferros, prisões, não ha fogueiras,  
Que elles do Sancto-Officio denominam,  
Onde frades iniquos, furibundos,  
Queimam por cousas vans as criaturas,  
Homens, mulheres, velhos e crianças!  
Oh vergonha da Europa! E Reis, e Papas  
Protegem essa infamia! Oh crime horrendo!  
Oh impostura atroz!... Filhos dos bosques,  
Homens da Natureza! Deos vos livre  
Da civilisação que dar-vos querem,  
E em captiveiro e ferros só consiste.

„Outra sorte melhor vos reservamos,  
Nós, que de tantos crimes indignados,  
Fugimos para sempre á velha Europa;  
Nós, que viver comvosco desejamos  
Como vossos irmãos, como homens livres,  
Ensinando-vos tudo o que sabemos.  
Comvosco em Nitheroy, iguaes e unidos  
Pelos laços de amor e de amizade,  
Uma nação faremos, nova e grande,  
Livre, forte, temida, e sem exemplo.  
Para nos proteger nesta alta empresa  
Temos em Nitheroy novo soccorro  
De algumas náos francezas, apinhadas  
De homens, todos como eu vossos amigos.  
Outras virão após com gente nova.  
Nada temais, Tamoyos! decididos  
Podeis zombar dos inimigos vossos,  
E dizer corajosos: — Portuguezes,  
Paz comvosco e alliança não queremos.“

Bem respondera Anchieta ao calvinista,  
Si Aimbire interrompendo não bradasse:

„Porque tanto fallar inutilmente,  
Como o incessante urrar do mar na praia?  
O que eu dice, está dito, e terminemos.  
Restituam os nossos prisioneiros,  
E, si quizerem paz, em paz nos deixem.“  
E á longa discussão assim poz termo.

Ia soando a nova, que chegados  
Eram a Iperohy os Missionarios,  
Dos quaes, dizia Ernesto e alguns selvagens,  
Serem duas espias disfarçadas,  
Vindas a ver o campo dos Tamoyos,  
E dar aviso aos seus, que após viriam  
Por surpresa atacal-os. Como o embuste  
Azas parece ter, e accesso facil  
No humano coração a crer propenso  
Sempre em tudo que é máo, um tal boato  
Pelos sertões voando, e logo erido,  
Alvoroçava os animos dos Indios,  
Que em chusmas vinham com sinistro intento.  
E até Parabuçú, que longe estava,

Corrêo a Iperohy, dos seus seguido;  
E inopinado entrando na cabana  
Que abrigava os dous sanctos eremitas,  
Os achou de joelhos, co'as mãos postas,  
Sustendo a erguida cruz ante seus olhos;  
E suspenso ficou, vendo esses corpos  
Que o contínuo jejum emmagrecêra;  
E essas mãos descarnadas, e essas faces  
Pallidas, transparentes como a cêra  
Que se queima no esquife dos finados;  
E com pasmo os olhava. A voz erguendo,  
Calmo Anchieta lhes diz: „Para que tantos  
E armados contra duas criaturas  
Fracas e sem defesa? Uma criança  
Contra estes frageis peitos bastaria.  
Eia, Parabuçú, farta teu odio;  
Si nos queres matar, eis-nos immoveis.“

Envergonhado o Indio retirou-se,  
Dizendo aos companheiros: „Dai-lhes antes  
Alguma cousa que lhes mate a fome,  
Que elles de fome e de fraqueza morrem.“

Soube Pindobuçú que era chegado  
Seu filho a Iperohy com tal intento,  
E já corria a soccorrer os padres,  
Quando com elle, quê dalli voltava,  
No caminho encontrou-se; e ouvindo o caso,  
Dice: „Oh Parabuçú, meu bravo filho,  
Tu me enches de alegria, por não teres  
Manchado as tuas mãos no sangue insonte  
Dos grandes Abarés nossos amigos.  
Respeita-os sempre, e nunca mais medites  
Fazer-lhes mal algum; antes defende-os.“

Porêm alguns dos Indios, não convictos  
Das virtudes dos dous religiosos,  
Apezar dos esforços de Coaquira  
E de Pindobuçú em defendel-os,  
Contra elles murmurando, persistiam  
Na barbara intenção de assassinal-os;  
O que sabendo Aimbire, irado e presto  
Aos turbulentos foi, e assim lhes grita:  
„Saibam todos que eu dei minha palavra  
A estes Abarés, que aqui podiam

„Comnosco estar sem susto. Respeitai-os!  
E quem ousado derramar seu sangue,  
O infame arrojô pagará co'a vida.“  
E assim os máos intentos se acabaram:  
Tanto os continha a voz do insigne chefe!

Tendo dest'arte conseguido os padres  
Dos Tamoyos ganhar a confiança,  
E a protecção do seu Morobixaba,  
Dice Nobrega a Anchieta: — É necessario,  
Irmão José, que o tempo aproveitemos,  
E que vá um de nós a São-Vicente  
Patrocinar a causa destes Indios;  
Dizer o que aqui temos visto e feito;  
Pedir que os prisioneiros restituam,  
Para satisfação do nosso empenho;  
Dar novas á Lisbôa do occorrido,  
E a um tempo escrever para a Bahia,  
Rogando a Mem de Sá que sem demora  
Mande gente a fundar uma Cidade  
Nas praias do Janeiro, antes que o façam  
Os astutos Francezes protestantes,

„Que com grandes promessas e bom trato  
Vão ganhando a affeição destes selvagens,  
E com tal arte aos nossos se avantajam;  
Que infelizmente os nossos Portuguezes,  
A quem aõora da ganancia a furia,  
Querem tudo levar a ferro e fogo.  
E quem de nós ficar, não fica em ocio;  
Que tem de apostolar entre gentios,  
Entregue a privaões, á morte exposto,  
E sujeito aos embustes do demonio.  
De todos esses inimigos do homem  
Na lucta assidua triumphar deve elle  
Para gloria de Deos, e honra da igreja.“

„Padre, responde Anchieta, si consentes,  
Prefiro aqui ficar. Tua palavra  
Tem mais auctoridade em São-Vicente,  
E aqui minha ignorancia igual encontra,  
E de grandes esforços não precisa,  
Para prégar a fé á gente innoxia.  
É justo que os trabalhos se repartam  
Segundo as aptidões e as forças nossas.“

— Sempre modesto e corajoso escolhes  
Os maiores perigos! Assim seja:  
Caia o peso maior sobre o mais forte. “

Tendo nisso assentado os dous amigos,  
Seus designios aos Indios expozeram,  
E qual dessa partida a justa causa.  
Os Tamoyos, que muito n'elles criam,  
Contentes co'a ficada de Anchieta,  
Na partida de Nobrega assentiram:  
E tudo emfim disposto, pezarosos  
Os dous sanctos varões se separaram.

---

**CANTO DECIMO.**

## ARGUMENTO.

Grandeza d'alma de Anchieta. — Suas diversas occupações entre os Tamoyos; cura, catechisa, e compõe um poema latino em louvor da Sancta Virgem. — Impacientam-se os Tamoyos com a tardança da resposta de Nobrega. — Annuncia-lhes Anchieta que em tres dias receberão noticias de paz. — Chega com effeito Cunhambeba no dia prefixo, trazendo cartas de Nobrega, os prisioneiros e presentes. — Regressa Anchieta para São-Vicente. — Pouco dura a paz. — Chega o Capitão-mór Estacio de Sá ao Rio de Janeiro, e começa a fundar a fortaleza da Praia-Vermelha e a Cidade velha. — Vai Aimbire atacar os Portuguezes. — Prolonga-se a guerra. — Estacio de Sá manda Anchieta á Bahia pedir soccorro a seu tio Mem de Sá. — Vem este, trazendo a seu bordo o Bispo D. Pedro Leitão, e Anchieta já com ordens sacras. — Em dia de São Sebastião atacam os Portuguezes as trincheiras de Uruçú-merim e de Parnapicuhy, onde Estacio de Sá é mortalmente ferido. — Morte de Iguassú e de Aimbire. — Fundação da Cidade do Rio de Janeiro. — Anchieta dá sepultura em suas praias aos cadaveres dos dous esposos.



## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

## CANTO DECIMO.

Quanto me apraz a egregia heroicidade  
Do illustrado varão, que não movido  
De affecto vil, mas só de amor guiado,  
Mil perigos e a morte assoberbando,  
Todo se sacrifica a bem dos homens!  
Que outra virtude a tanto amor iguala?  
Que premio a tanto amor reserva o mundo?..  
Nesta mansão de cardos e de espinhos,  
O vero heroismo, que o dever só segue,  
Para exultar não busca aureas corôas,  
Nem os applausos e o pregão da fama:  
Mas nem por isso o merecido encomio

Lhe negue a Musa da virtude amiga;  
Antes mais sonora a voz erguendo,  
Faça o mundo entoar do justo o nome.  
Anchieta! de ti fallo; e o céo conceda  
Que eterno o nome teu sôe em meus versos.

Intérprete sincero da lei sancta,  
Que o Cordeiro de Deos legou aos homens,  
Anchieta, igual no amor, no zelo ardente  
Aos que da morte o Vencedor ouviram,  
E sua voz no mundo propagaram,  
Todo se consagrava ao bem dos Indios,  
Praticando as virtudes que ensinava  
No meio deste povo rude e fero.

Sua alma, pela fé purificada,  
Era como um altar da caridade,  
Que em todos os seus gestos transluzia,  
E sublime expressão lhe dava ao rosto,  
Realçando-lhe a casta juventude.  
Seu descarnado corpo fraco e enfermo,  
Só por essa virtude roborado,

A todos os trabalhos se amoldava;  
Que alma forte vigora o debil corpo.

Ainda dormia a virgem Natureza,  
E os alados cantores somnolentos  
O hymno matinal não gorgeavam;  
E já essa alma activa, que a seu corpo  
Poucas horas só dava de repouso,  
Antecipando o albor da rosea aurora,  
Álerta erguia a Deos seu primo arroubo;  
E do dia afanoso que o esperava,  
Distribuindo as horas e os trabalhos,  
Forças pedia ao céo em tanta lida.

Com todos repartindo os seus desvelos,  
Ia pela manhã colher nas veigas  
Plantas medicinaes, que elle levava  
Aos que enfermos jaziam, já deixados  
Dos empiricos seus, supersticiosos,  
Que si algum tanto o mal lhes resistia,  
Depressa desistiam de cural-o,  
Temendo prolongar da morte as ancias

Com vãos esforços contra a lei da sorte.  
A esses acudia o pío Anchieta,  
E elle mesmo os remedios preparando,  
Lhes dava carinhoso, e os animava  
Com palavras de affecto e de conforto,  
Que a esperança e o vigor infundem n'alma;  
E a não poucos roubando á morte certa,  
Ao rebanho de Christo os conduzia.  
No clinico exercicio sempre assiduo  
O seguia Coaquira, ora aprendendo,  
Ora a pratica sua revelando.

Nessas horas do dia em que os Tamoyos,  
Depois da caça, junctos repousavam  
Sobre a fresca verdura, á sombra amiga  
Do bosque protector, vizinho á Taba;  
E sorvendo, e soltando o fumo odoro  
Dos tubos de taquára, que embocavam  
Cheios de sêccas folhas de pituma, <sup>(1)</sup>  
Que primeiro Nicot mostrou á França,  
Se aprazem a ouvir estranhos casos,

E a memorar seus feitos e combates;  
Anchieta, sempre attento a doctrinal-os,  
Alli apparecia, e lhes fallava  
D'alma, da vida eterna, do futuro,  
Do premio e do castigo além da morte,  
Da gloria perennal, pura, celeste  
Aos justos reservada, e dos horrores  
Da gehena, em que os máos vão abysmar-se.  
E essa bella doutrina assenso achava  
Na primitiva crença desses povos,  
Que uma sancção além da campa esperam.  
Contava-lhes de Christo a sancta vida,  
Seu infinito amor aos homens todos,  
E o tremendo, sublime sacrificio  
Do seu sangue na Cruz, para salvar-nos;  
E jamais dessa morte elle fallava  
Sem que os olhos de lagrimas se enchessem.

Como de Antão, nos ermos, a virtude  
Os corações das feras abrandava;  
Assim de Anchieta as vozes commoviam  
Os peitos desses homens da Natura,

Aos mysterios de Deos tão bem dispostos.  
Para melhor ouvil-o, pouco a pouco,  
Erguendo-se da terra, se formavam  
Em torno ao padre em circulo compacto.  
E quando o eremita, respirando,  
Fazia alguma pausa em seu discurso,  
Questões sobre questões lhe dirigiam,  
Ora Pindobuçú, ora Coaquira,  
Sobre os pontos sublimes que os tocavam.  
Iguassú, que aprendêra em São-Vicente  
A doutrina de Christo, a vida e as obras,  
Do seu saber ufana, ora chamava  
Mór attenção das companheiras suas,  
Ora lhes repetia o que ia ouvindo,  
Como para gravar-lhes na memoria  
As cousas que mais gratas lhe soavam.

Só Aimbire em silencio tudo ouvia,  
Nas maximas christães já meio instructo,  
E no fim perguntava ao Missionario:  
— Não conhecem acaso os Portuguezes  
Essa pía doutrina que nos préguas?

„Como pois contra nós em guerra assidua,  
Sem medo de seu Deos, crueis se mostram?  
Ou, só porque de Deos ao Filho adoram,  
Lhes foi dado o poder de perseguir-nos?  
Mas si do céu ás leis desobedecem,  
Que Deos é esse então que os deixa impunes,  
E vem por tua bocca ameaçar-nos?“

„Livres fez Deos os homens, respondia  
O conspicuo varão; de livre impulso  
Quer Deos que os homens seus preceitos cumpram,  
Sem o que nenhum merito teriam.  
Nem todas essas arvores regadas  
Pelas aguas do céu dão fructos doces:  
Mas vós, que os bons colheis para nutrir-vos,  
Não destruis os troncos dos acerbos;  
Nem o veneno da mandioca impede  
Que a arte a converta em salutar sustento.  
A grandeza de Deos dá vida a tudo,  
E tudo serve a Deos por modos varios!  
Elle tudo conhece, e a nenhum deixa  
Sem premio, ou sem castigo, n' outra vida.“

Com estas e outras práticas contínuas  
Anchieta os dias seus sanctificava.

No meio dessa virgem Natureza,  
Onde pouco o recato aos olhos nega  
O aguilhão de paixões concupiscentes,  
Elle, moço e severo, em cujo peito,  
Como em ara sagrada, o fogo ardia  
Do puro amor do céo, para furtar-se  
A pensamentos vís, e ao ocio indigno,  
Que embala os corações em devaneios,  
Votos fez de cantar na Lacia lingua,  
A pureza da Virgem Soberana,  
Que os castos pensamentos affervora  
D'alma que ao throno seu a fé sublima.

Quando entre o céo e o mar o sol no occáso  
Seus ultimos fulgores dardejava,  
Tingindo o berço seu de um mesto rôxo;  
Nessas plácidas horas em que os bosques  
Se cobrem de sombria majestade,  
E a voz resôa das sonoras brenhas,

Como da somnolenta Natureza  
Melancolicas preces do repouso ;  
Ia o vate christão meditabundo  
Vagar sózinho na deserta praia,  
Co'a mente cheia do celeste assumpto,  
Que em versos de seus labios derramava,  
Ao gemebundo som da undosa orchestra.  
Como pôr vel-o, e alumiar-lhe os passos,  
Entre os cirios do céu se erguia a lua,  
Longa zona argentina reflectindo  
Sobre o mar salpicado de ardentia :  
Diceras ser um rio de luz pura,  
Que de vulcão celeste a flux surgindo,  
Em campo diamantino deslizava!

Ao fulgor dessa luz, tão cara aos vates,  
Elle co'o seu bordão ia escrevendo  
Seus espontaneos versos sobre a areia,  
Que das vagas os beijos alisáram ;  
E na firme memoria recolhendo  
Essa correcta pagina, deixava  
Que o mar na enchente lhe varresse os traços.

Quantas vezes Aimbire, sempre cauto  
Nos deveres de chefe, e receioso  
Desse nocturno vaguear na praia,  
Se occultava co'os seus, e o surprendia  
No poetico arroubo murmurando;  
Ora os olhos ao céo erguendo, e os braços,  
Como invocando a inspiração divina;  
Ora co'a dextra compassando a idéa,  
Que em metro sonoro lhe affluia:  
E certos que com Deos fallava o sancto,  
Para a cabana após o acompanhavam.

Espalhou-se uma voz que alli foi vista  
Branca pomba adejar em torno ao vate,  
Quando no enlevo d'alma ao céo pedia  
Idéas dignas do sagrado assumpto.

Oh mil vezes feliz a alma sublime,  
Que abrasada no fogo da poesia,  
Tudo que a toca de harmonia envolve,  
Como a flor embalsama o ar que a beija!  
Oh, certo, quando Deos ao homem dice:

Falla! e o homem fallou cheio de assombro,  
Foi n'um hymno de amor que a alma em seus labios  
Espontanea expressou seu pensamento.

Cantava Anchieta; e que al fazer podia,  
Que mais grato ao céo fosse em tal soidade,  
Em horas taes que o vulgo ao ocio entrega?  
A propria Natureza tão formosa,  
Com quem sympathisava essa bella alma,  
Mais o dispunha a diffundir-se em hymnos.

Mas quem alli seus cantos entendia?  
O céo, o puro céo a quem cantava;  
Esse céo que o inspirava; e após, mais tarde,  
Biblicos psalmos inspirou a Caldas,  
E a San-Carlos os cantos numerosos  
Da sidérea Assumpção da Sacra Virgem :  
Esse céo, onde os Anjos já sabiam  
Os nomes de Durão, dos Alvarengas,  
De Basilio, e de Claudio, e de outros vates,  
Que em seculos futuros assomando,  
A terra do Cruzeiro honrar deviam.

Inspire-me esse céo, que vio-me infante,  
Nos braços maternaes, beber co'a vida  
Este amor da harmonia que afagou-me;  
E possa ouvir meu canto derradeiro,  
E o meu suspiro extremo, nessas terras  
Do saudoso Carióca, onde descançam  
Os ossos de meus pais. E Deos conceda  
Que juncto aos ossos seus meus ossos jazam.

Nessas lucubrações que a mente apuram,  
Nesses píos trabalhos que edificam,  
Via o servo de Deos tranquillamente  
Dias, semanas, mezes ir correndo,  
Sem o peso sentir do sacrificio.

Cinco signos o sol passado tinha,  
Do Géminis á Libra percorrendo,  
Desde que alli vivia o anachoreta;  
E já o ardente chefe dos Tamoyos  
Longo achava o armistício, e demorada  
De Nobrega a resposta promettida,

Que os ajustes de paz ratificasse.  
Os Francezes, instructos nas fallacias  
Com que em casos taes a gente culta,  
Illudindo o inimigo, temporisa;  
Bem certos que jamais o forte Luso  
Lhes cederia em paz o Guanabara;  
A não mais esperar os incitavam.  
Além disso temiam, que os Tamoyos,  
Os conselhos seguindo de Anchieta,  
Por esperanças vans e iguaes promessas,  
Desistissem da guerra, e descuidosos  
Dos perigos futuros, se espalhassem.  
E elles sós nestes bosques contra os Lusos  
Nem as vidas sequer salvar podiam.

Mas o inclito Aimbire, cujo peito  
Nem medo, nem vilezas abrigava;  
Nem presumia que implacavel fosse  
Do polido Europeo a sêde de ouro,  
Calmo lhes respondia: „Nada temo.  
Tarda a resposta, é certo, e já me cança  
Este longo esperar; porê m Anchieta

„Foi quem nos procurou co'o seu amigo,  
E ambos por esta paz muito se empenham.  
Elle não mente, nem fugir procura,  
E confiado em nós, tranquillo vive. .  
De que pois receiar? Que nos illudam?  
Que venham por traição acommetter-nos?  
Bem caro o pagarão si a tal ousarem!  
Não temos nós Anchieta em poder nosso?  
Tão ingratos serão que o sacrifiquem?“

Já contrarias razões os indispunham,  
E a zizania no campo apparecia,  
Quando o sancto ermitão veio izer-lhes,  
Que uma celeste voz lhe annunciára  
Que como o sol tres vezes se mostrasse,  
Antes de transmontar a vez terceira,  
Novas de paz ao campo chegariam.

Entre a duvida e a crença vacillantes,  
Mas curiosos todos, acudiram  
Quaes desde o amanhecer, quaes desde a sésta,  
E a praia encheram na aprasada tarde.

Com espanto e prazer tumultuario,  
De uma ponta de terra surdir viram  
Esquipada canôa, já vizinha,  
Demandando a enseada. Indio galhardo  
Na prôa vinha em pé, fazendo acenos  
Em signal de amizade.

— Donde vindes ?

Toda a chusma bradou.

„De São-Vicente.

E de paz bôas novas vos trazemos.“

Quem tal resposta dêo foi Cunhambeba,  
Chefe converso, devotado aos padres,  
Que mal saltando em terra, co'os Tamoyos  
Á liberdade e aos seus restituídos,  
Genuflexo beijou a mão de Anchieta,  
E uma carta de Nobrega entregou-lhe.  
E sem mais esperar voltando á igára  
Dalli tornou com todos os remeiros  
Carregados de agrarios instrumentos,  
Panos de vivas côres, e avellorios,  
Que aos pés do padre em pilhas depozeram.

Lida a carta, e exultando, assim se explica  
O servo do Senhor: — Foi Deos servido  
Minhas preces ouvir, e dar-me annuncio  
Desta paz, que ora vejo confirmada!  
Infinita de Deos é a bondade;  
Altos, inexcrutaveis seus mysterios!  
Graças demos ao Céu. Não mais da guerra  
Nos divida o furor. Cessem os odios,  
Apaguem-se as lembranças do passado,  
E vivamos em paz, oh caros filhos,  
Como Deos quer que irmãos entre sí vivam.  
Recebei, reparti estes presentes,  
Penhores da amizade que nos une.  
Instrumentos de paz, deixai por elles  
Essas armas crueis tintas de sangue.  
A terra cultivai, luctai com ella,  
Que assim domam-se os barbaros instinctos.  
Eu vos devo deixar, e assás me custa  
Separar-me de vós; porém minha alma  
Lembrados vos trará. Em toda parte  
Em mim tereis um defensor e amigo,  
Testemunha da vossa lealdade.“

„Só por amor de ti, voltou-lhe Aimbire,  
Aceitamos a paz, que, não pedida,  
Nos vieste propor com teu amigo;  
Vê bem que de teu lado a não quebrantem;  
Que entre nós ninguém falta ao promettido.“

Inda essa noite alli junctos passaram,  
Mas a crastina aurora separou-os.  
Cadaqual nesse ensejo ao peregrino  
Trouxe por despedida alguma offrenda  
De pelles de animaes, aves e fructas,  
Parcos dons que o amor encarecia.

Jamais com tanta dôr, com tanto choro  
Ternos filhos o pai saudosos viram  
Deixar os braços seus por longes terras;  
Nem do amor filial mais convencido  
Mesto pai de seus filhos separou-se.  
Pindobucú, a filha, e o ancião Coaquira,  
Cujos peitos a fé mais penetrára,  
Com vehementes instancias lhe pediram  
Que depressa voltasse áquellas plagas,

Onde por elle a suspirar ficavam.  
Anchieta o promettêo; e da canôa,  
Que de um tiro amarou-se, abençoou-os.

Quão pouco os embalou a doce crença  
Dessa paz mal firmada!.. Ai! pobres Indios!  
A paz que vos outorgam taes senhores,  
Que de tudo o que é vosso se crêm donos,  
É a vida de escravo, e o dever cego  
De ceder-lhes a terra, e obedecer-lhes.  
Tal é a paz que ao fraco outorga o forte,  
Que a despeito da voz da consciencia,  
Tem convertido a força em jus sagrado,  
E em suprema razão o vil egoismo.

Grosso enxame de profugos Tamoyos  
Alli chegou, com Guaxará seu chefe,  
Dando a nova fatal que a Lusa frota,  
Com grande estrondo o Guanabara entrando,  
Gente sem conta despejára em terra.

Era Estacio de Sá, que obedecendo  
Da augusta Catharina ao regio mando,  
Com duas náos deixára a foz do Tejo,  
E alli era chegado co'o reforço  
De mais dous galeões, que na Bahía  
Lhe dera Mem de Sá, seu nobre tío,  
Governador geral destes Estados;  
E outros navios, barcos, e canôas  
Com que se reforçára em São-Vicente;  
Dalli trazendo grande copia de Indios,  
De arriscadas facções apoios certos,  
E os Missionarios Oliveira e Anchieta.  
Ordens trazia de expulsar os Francos  
De todo o Nitheroy, e em suas margens  
Do Janeiro á cidade dar começo,  
Como já Mem de Sá proposto havia.

Juncto do alto penedo Pão-d'assucar,  
Balisa natural do immenso golfo,  
Já o Capitão-Mór entrincheirado,  
De forte praça os bastiões erguia,  
Na praia que Vermelha hoje chamamos.

Como ao som de um trovão inesperado  
Mudas e quedas por um pouco ficam  
As aves que chilravam saltitantes;  
Mas, passado o momento da surpresa,  
Alígeras aos ares se remontam,  
E em confusa abalada vão gritando;  
Assim por breve espaço estatelados  
Alli ficaram todos com tal nova,  
E suspensos se olhavam. Mas ao pasmo  
Succedêo o furor, e azinha ás armas  
Acudindo em rebate, iam bradando:  
„Guerra! guerra! Corramos! temos guerra!“  
E sem mais esperar de Aimbire as ordens,  
Promptos para marchar se apresentaram.

„Bem vos eu amoestei, dizia Ernesto,  
Genro de Aimbire, que esta gente iniqua  
Nos queria trahir com vans promessas!  
Bem vos eu amoestei que repellisseis  
A proposta de paz, infame engodo  
Com que temporisar só procuravam.  
Vêde si eu me enganei! Eil-os agora

„Que reforçados veem, jactanciosos,  
Da vossa bôa-fé dar-vos a paga.“

No furibundo olhar do illuso Aimbire  
Despeito, odio, vingança flammejavam.  
Do Francez as palavras como espinhos  
Mais o punham que a fatal noticia;  
E o silencio da colera rompendo:  
„Antes assim! bradou. Agora ao menos  
Melhor conhecem todos o inimigo.  
Acabou-se a piedade; e dura guerra,  
Guerra de morte aos perfidos faremos.  
Ronque da marcha a inubia! Sus, guerreiros!  
E por terra e por mar, eia, partamos.“

Todos da guerra o brado repetiram,  
Menos os dous anciões, que se lembravam  
Das prégações de Anchieta, e já temiam  
O castigo do Céu, e o fogo eterno.

„Que ides fazer? Pindobuçú bradava:  
Sabeis vós que intenção traz essa gente?

Si ella vem contra nós, ou contra os Francos,  
Que inimigos são seus? Deixai, oh filhos,  
Que elles lá entre sí sem nós se matem.“

Do outro lado Coaquira ía dizendo:

„ Não rompamos a paz que promettemos  
Aos amigos que Deos para salvar-nos  
De longe a nós mandou. Convêm primeiro  
Os seus designios ver. Os Portuguezes  
Mais fortes do que nós a paz pediram;  
É que comnosco em paz viver desejam:  
Porque iremos sem causa provocal-os?“

Estas e outras razões íam soltando  
Os dous varões prudentes e vetustos:  
Mas todos vozeando caminhavam,  
Sem prestar-lhes ouvidos. Só Aimbire  
Indignado bradou: — Velhos, calai-vos:  
Si isso é medo, ficai-vos: quem vos chama?“

„Como posso ficar? volta-lhe o sogro:  
Não levas tu meus filhos? E sem elles

„Do que me serve a vida tão pesada,  
Quando já pende o corpo á sepultura?  
Irei morrer com elles a teu lado;  
Que si hoje algum temor me esfria os membros,  
Não é da morte, ah, não! é do castigo  
Que esse terrivel Deos reserva áquelles  
Que dos ministros seus as leis desprezam.“

„Quem vai crer no que diz gente tão falsa?“  
Replicou-lhe o guerreiro destimido:  
„Quão diverso te vejo do que foste!  
Pensa em teu Comorim que elles mataram,  
E despreza de Anchieta as ameaças,  
E os contos vãos com que turbou-te o siso.“

Nada mais dice o velho. O extincto filho  
N'alma vagou-lhe, e um ai roçou-lhe os labios!

Eil-os emfim a Nitheroy chegados;  
E á vista das muralhas mal erguidas  
Da nova fortaleza, onde tremóla

Das Quinas o estandarte, furibundos  
Investem os Tamoyos, disparando  
Settas e settas, que lhe chovem dentro.  
Das trincheiras bramando os arcabuzes,  
Entre raios e fumo a morte espargem.  
Redobra-se o furor de dia em dia;  
Repetem-se os ataques; dura a guerra;  
Sucedem-se as ciladas. Longos mezes  
Se devolvem na lucta porfiosa.  
Aimbire não repousa; a sua gente,  
Ceifada pelas frechas e pelouros,  
Com reforços contínuos se renova.

Duas vezes a terra completára  
Sua orbita annual do sol em torno,  
E a lucta pertinaz sem fim renasce!  
Cançada anda de Estacio a soldadesca,  
Falta de munições e de reforço;  
E o sabio capitão, que a tudo attende,  
Sobre a sorte dos seus dubio e cuidadoso,  
Manda Anchieta á Bahia, encarregado  
De expôr a Mem de Sá suas fadigas,

E pedir-lhe eficaz, prompto soccorro,  
Com que possa pôr termo ao longo pleito,  
Em que os braços e os animos já minguam.

Cumpre Anchieta a missão; e a um tempo o ensejo  
Propicio aproveitando, alli recebe  
Do seu noviciado o augusto premio,  
Que os deveres lhe impõe do sacerdocio.

Mem de Sá, cujo peito ama as proezas,  
E os perigos da guerra, aprestar manda  
A Armada, e promptovem, trazendo Anchieta,  
Dar a Estacio soccorro decisivo.

Do Aquario signo o sol vizinho estava,  
Tres rotações faltando ao nosso globo,  
Quando de Nitheroy no immenso seio  
Entrou vistosa a protectora Armada.  
Saudando a terra é a nova Fortaleza  
Co'os trovões das flammigeras bombardas,  
Que respondidos foram das ameias,  
Onde a exhausta esperança renascia.

Ao prolongado, horrísono rebombo,  
Que no vasto reconcavo resôa,  
Surgem dos bosques, acorrendo ás praias,  
Grandes cardumes de emplumados Indios,  
Qual espessa floresta movediça,  
Que do mar de improviso assombra as margens.

Vê-se entre elles Aimbire, olhando attento  
Para a Armada fatal. Na capitânea  
Fitos os olhos tem, e a reconhece :  
— É Mem de Sá! — murmura; e do passado  
Cruel recordação lhe aviva n'alma  
Do forte Coligny o atroz combate,  
E põe-lhe o vencedor alli presente !  
Funesta previsão preme-lhe o peito :  
Essa não, essa não morte lhe augura.

Passa a dextra na fronte anuviada ;  
Mésto os olhos do mar ergue ás montanhas,  
Que sublimam do golfo a majestade,  
E as vai como saudando. Após os volve  
De um lado e d'outro aos seus, á filha, á esposa,

Que alli com elle estão. Adeos saudoso,  
O ultimo adeos, dizer parece a tudo!  
De novo involuntario á não attenta,  
E a lagrima, que a dôr lhe nega aos olhos,  
Cai-lhe no coração petrificada!

— Ficaremos aqui? Bradou-lhe Ernesto:  
Que nos cumpre fazer?—

Como acordando:

„Combater e morrer!“ Voltou-lhe Aimbire:  
„Não podemos no mar ir ataca-os;  
Mas vamos aguardal-os nas trincheiras  
De Parnapicuhy. Das nossas tropas  
Em Uruçú-merím metade fique,  
Por que melhor possamos defender-nos,  
Sem tudo aventurar n'um só combate.“

Dice, e a um aceno as turmas o seguiram,  
Deixando as praias, que branquejam nuas.

Entretanto em conselho se reúnem  
Estacio e Mem de Sá, e os mais illustres

Da companhia dos dous. Conformes todos  
Sobre o plano do assalto discutido,  
Commette Mem de Sá tão grande empresa  
A seu nobre sobrinho, decidindo  
Que no crastino dia, consagrado  
Ao sancto Padroeiro da cidade,  
Rompa a batalha ao resurgir da aurora.

Ao alvorear da fausta madrugada,  
Para a morte se apresta a lusa trópa,  
Com grande devoção ouvindo a missa  
Que Dom Pedro Leitão na náó celebra;  
E a bençãam do prelado recebendo,  
Em rapidos bateis demanda a terra.

Já de Uruçú-merím os defensores,  
Que Ernesto e Araray capitaneam,  
Francezes e Tamoyos, nas trincheiras  
Com pelouros e settas os recebem.  
Já em terra os do mar saltando avançam,  
Por São Sebastião chamando todos.  
Estacio os guia; ninguem teme a morte!

N'ala direita vai Gaspar Barbosa,  
Perito Capitão de mar e guerra,  
E na sinistra Salvador Corrêa,  
De Estacio e Mem de Sá primo e sobrinho,  
Que por morte daquelle tomar deve  
Bem cedo do Janeiro a governança,  
E deixar-lhe prestante, illustre prole.

Trava-se horrenda, e se encarniça a lucta;  
Roncam bombardas, arcabuzes troam;  
Balas e frechas pelos ares zunem.  
Ninguem cede em valor ao seu contrario,  
E, no ardor de matar, ninguem se guarda.  
Já nos fossos espuma o sangue em lagos,  
Em que rolam cadav'res mutilados,  
E sobre elles os vivos ás trincheiras,  
Leões sanhudos, rábidos se arrojam:  
—Victoria! — brada Estacio; e o furor cresce  
De um lado e de outro ao grito de — victoria!  
Inutil resistencia!... O luso ferro  
Ceifando tudo vai... Indios, Francezes,  
E os seus chefes na atroz carnificina

Mortos todos em montes caiem por terra!...  
Tambem alli da vida despedio-se  
O illustre Capitão Gaspar Barbosa,  
E outros muitos varões, e gente ignota,  
De grandes feitos instrumento inglorio.

A Parnapicuhy os vencedores  
Dalli vão gloriosos e açodados.  
Lá os espera Aimbire. Eil-o! seus olhos  
Parecem fuzilar vendo o inimigo.  
Entre todos o heroe altivo assoma,  
Minaz, sublime, qual do céu baixára  
Nume severo que terror infunde!  
Ao crebro trovejar da artilharia  
Sua alma irada como o mar se espraia.  
Não repousa seu braço; a morte o impelle,  
E em cada frecha hervada um raio vibra.  
Em torno d'elle em vão seus companheiros  
Feridos caiem bramando, ou mortos rolam  
Salpicando-o de sangue: elle os conculca,  
E a toda parte vòa! Em vão lhe zunem  
Os pelouros em torno: elle os affronta!

Das trincheiras pedaços arrancados,  
Curvos lhe passam sobre a hirsuta fronte:  
E elle nem olha!... Cada vez mais fero,  
Sobre combros de mortos e ruinas,  
Desafiar parece a terra e o inferno,  
Que ante elle em fumo, em fogo se desfazem.  
Abóbadas de fumo, em que lampejam  
Mil vermelhos fuzís, o azul encobrem  
Do céu de Nitheroy. É noite horrenda,  
Medonho meteóro onde combatem  
Demonios infernaes!.. Aimbire! Aimbire!  
Vê quão poucos dos teus já se defendem!  
Em vão luctas, oh Indio! O sol que desce,  
Occulto aos olhos teus por tanto fumo,  
Ha de ver amanhã a cruz alçada  
Nas praias do Janeiro, a d'ella em torno,  
Á voz de Mem de Sá victorioso,  
Erguer-se uma cidade, a quem destina  
Grande futuro o céu! . . . . .  
. . . . . Ainda um momento  
O Indio seguirei. Victima illustre  
De amor do patrio ninho e liberdade,

Elle, que aqui nascêo, nos lega o exemplo  
De como esses dous bens amar devemos.  
E quando alguma vez vier altivo  
Leis pela força impor-nos o estrangeiro,  
Imitemos a Aimbire, defendendo  
A honra, a cara patria, e a liberdade.

Poucos já restam da guerreira tribu,  
Que livre aqui nascêo, e morrêo livre.  
Iguassú sua esposa, que o não deixa,  
Varado o peito, aos pés lhe tomba, e expira,  
Sem exhalar um ai!.. Pára instantaneo  
O indomito Tamoyo... os labios morde  
Na desesperação ... Ante o inimigo,  
Que — victoria — já brada, Estacio avulta,  
E uma setta de Aimbire a esposa vinga,  
Ferindo o Capitão, que da victoria  
Por poucos dias gozará dos louros.  
Rapido após como um possesso toma  
O cadaver da esposa, ao hombro o lança,  
Empunha a herculea maça, e feroz brada:  
„Tamoyo sou, Tamoyo morrer quero,

„E livre morrerrei. Commigo morra  
O ultimo Tamoyo; e nenhum fique  
Para escravo do Luso. A nenhum d'elles  
Darei a gloria de tirar-me a vida.“

Rábido e cego, meneando a maça,  
Foi abrindo uma estrada de cadav'res  
Por entre o inimigo, e ao mar lançou-se!..

Quando no dia crastino os valentes  
Companheiros dos Sás, já destas plagas,  
Que Anchieta abençoára, se apossavam,  
Traçando do Janeiro os fundamentos,  
E a São Sebastião um templo erguendo;  
Viram nas ondas fluctuar dous corpos,  
Que o mar na enchente arremessava ás praias.  
De Aimbire e de Iguassú os corpos eram!  
Vio-os Anchieta com chorosos olhos;  
Para a terra os tirou; e nessa praia,  
Que inda depois de mortos abraçavam,  
Dêo-lhes a requia, para sempre unidos!

---

Excelso Imperador, que justo empunhas  
O sceptro do Brasil, onde Teu berço  
Por seu ardente amor foi embalado;  
Onde um só coração não ha que um throno  
De amor Te não consagre; onde espontaneas  
De livres cidadãos as gratas vozes  
Tuas grandes virtudes apregoam;  
Tu, cuja vida vivifica os germens  
Da gloria nacional, que Te circunda;  
Defensor do Brasil, Tu que, instruido  
Nos deveres de Rei, sabes que o throno,  
Barreira de paixões desordenadas,  
O apoio deve ser da liberdade,  
Da justiça e da paz, e o altar sagrado  
Cujos fogos perennes animar deve  
Sciencias, lettras, artes, e virtudes:  
Monarcha Brasileiro, aceita o canto  
Que Te dedica o vate agradecido;  
E faze que outros muitos mais ditosos,  
Porém não mais da nossa terra amigos,  
Eterna gloria dêem a Ti, e á Patria.

F I M.

## NOTAS.

---

### CANTO I.

Nota I. Pag. 4.

Doçura deram do Carióca as aguas.

Diz Rocha Pitta, apoiado em uma tradição, que as aguas do Carióca teem a virtude de dar boas vozes aos musicos. Vem esta crença dos Indios, porquanto os Tamoyos, que habitavam o Ríó de Janeiro, eram mui dados á musica, e mui conhecidos e estimados entre todos os selvagens pelo seu talento poetico, como o affirma Gabriel Soares. Por muito tempo foram os filhos do Ríó de Janeiro appellidados Cariócas, por causa do grande chariz da sua capital, onde correm as aguas desse ríó, si bem que já hoje misturadas com as de outros: e sabem todos quanto os Fluminenses amam e cultivam a musica e a poesia; e nisto, como na bravura, no amor da patria e liberdade, parecem-se elles com os antigos Tamoyos.

---

## Nota 2. Pag. 6.

Feroz sucuriúba horrída ronca.

A sucuriúba é uma serpente de 40 pés de grandeza, só anda nas lagôas e pégos de aguas mortas. Atando a cauda a uma raiz ou ponta de pedra, no fundo d'agua, agarra todo o vivente que se aproxima á margem, e o engole sem o despedaçar, como fazem as cobras na Europa aos coelhos: ronca debaixo d'agua, ouvindo algum estrondo fóra: as lontras são os seus maiores inimigos. (Ayres do Casal, Corographia Brasílica.)

---

## Nota 3. Pag. 14.

Como o guará que perde as alvas pennas.

O guará, uma das mais lindas aves paludaes, tem o corpo de uma perdiz, pernas compridas, pescoço longo, bico comprido e um pouco curvo, sem cauda. A primeira penna é branca, passado algum tempo torna-se negra, e finalmente escarlate, conservando a segunda côr nas extremidades das azas. (Ayres do Casal, Corogr. Bras.)

---

## Nota 4. Pag. 16.

O incendio e a morte ás tabas indianas.

Tabas são as aldeias ou praças fortes dos Indios, fortificadas com grandes cercas de madeira.

---

Nota 5. Pag. 18.

Já o cadaver dentro da igaçaba.

A igaçaba dos Indios é como uma talha ou vaso de barro, de largo bojo; serve não só de deposito d'agua e dos seus licores, como tambem de urna funebre, onde mettem o cadaver antes de enterrar-o.

---

Nota 6. Pag. 20.

Alli abaixo o Comorim se alarga.

A lagôa Comorim é a mesma que tambem denominam Jacarépaguá.

---

Nota 7. Pag. 21.

Quem um putumujú te não julgára.

O putumujú é uma das mais lindas e importantes arvores dos bosques, pela sua duração ao tempo, e intima união com o prego, no cintado, altos e cobertas dos navios, em que se emprega, e é uma especie de Rubinia Brasiliense: o seu comprimento chega a cento e cincoenta palmos, e até vinte e cinco de circumferencia etc. (Balthasar da Silva Lisboa, Annaes do Rio de Janeiro.)

---

Nota 8. Pag. 23.

O echo de nenhum Maraguigana.

Maraguiganas eram, segundo a crença dos Indios, os espiritos ou almas separadas dos corpos,

como as nossas almas do outro mundo, que denunciavam morte, e a que davam muito credito.

---

**Nota 9.** Pag. 24.

Apenas ha tres sóes que uns Emboabas.

Emboabas: assim appellidavam os Indios aos Portuguezes por causa das calças de que usavam; por analogia aos passaros desse nome, que teem as pernas cobertas de pennas até abaixo.

---

**Nota 10.** Pag. 25.

Cercando-a, quaes jaguáras esfaimadas.

Jaguáras são cães. Na primeira edição deste poema sahio por engano ygáras em vez de jaguáras. Ygáras, ou igáras são as grandes canôas dos Indios.

---

## CANTO II.

**Nota 1.** Pag. 36.

Mas crêm que á cima de Tupan, primeiro  
E unico, Monan tudo criára.

Interessantissima é esta tradição de Monan, primeiro e unico ser criador do universo; tradição conservada na Cosmographia de Thevet, que talvez d'ella tivesse noticia pelo Portuguez de nome Pedro, longo tempo prisioneiro entre os Tupinambás, e a quem o escriptor franciscano livrára da morte;

ou talvez mesmo por intermedio de Nicoláo Ville-gagnon, que dêo ao *Cosmographo* alguns dos seus escriptos sobre o Brasil para os publicar, como com muito fundamento pensa Mr. Ferdinand Denis, apoiado no que diz Richer.

Seja como fôr, Thevet não podia inventar a theogonia que relata; elle não sabia a lingua Tupi, de que então não havia vocabulario algum, para apropriar ás cousas de que falla nomes que teem significação nessa lingua, e a que elle, por ignoral-a, dá sentido diverso; além de que, mostra-se vacillante, e contradictorio a respeito das crenças religiosas dos povos brasilios, ora expondo-as longamente, ora dizendo que se ora daquelles que acreditavam tivessem esses selvagens uma religião; como si elle mesmo a não reconhecesse. Mas era padre catholico, e não podia ver religião fóra do christianismo.

Postoque os primeiros Portuguezes que escreveram sobre o Brasil, e que só trataram com os Tamoyos do Rio de Janeiro depois dos Francezes, nada digam de Monan, vemos comtudo que a respeito de outros numes e crenças estão, pouco mais ou menos, de acordo com os escriptores daquella nação; e no *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, impresso anonymo, e que hoje razões temos para crer ser de Anchieta, achamos a palavra Monhang com a significação de fazer, fabricar e criar; e Monhangara com a de criador, fabricante,

e artifice. Montoya, auctoridade nesta materia, no seu Thesouro da lingua Guarany, escreve — Monã, e dá-lhe igual significação de fazer, engendrar, e criar; e entre as muitas phrases em que entra essa palavra, apresenta — Tupã monã ibaga. (Deos criou o céo.) Tambem ahi vemos que antepondo-se a syllaba mon á palavra epetei, que significa um, o que faz mon epetei, simplifica-se a unidade, e vale — só um, um unico. O Diccionario da lingua Tupí, publicado em Leipzig, pelo Sur: Gonçalves Dias, dá Monang, acrescentando á significação ácima a de — tirar donada; por conseguinte dar ser; e na palavra tecó, que significa lei, e preceito, apresenta a phrase — Tecó monhangaba com a significação de mandamentos da lei de Deos, qual se lê no Diccionario Portuguez e Brasiliano. Como a palavra Monan, ou monhang, existe nessa lingua com a significação indicada, e o seu derivado monhangara designa qualquer fabricante ou artifice mecanico; reduz-se a duvida a saber, si para nomear o Ser que tudo criou, necessita essa palavra da terminação em ara. Mas si a voz Monan, com a mesma fórma do verbo, o que não seria cousa extraordinaria nessa lingua, ou com qualquer modificação que escapasse aos ouvidos dos que a escreveram, é dada como nome proprio da causa primeira, não precisa dessa desinencia que a converte em nome appellativo, applicavel a qualquer criatura humana.

Não ha pois a menor difficuldade, antes quasi a maior certeza, que os Payés, depositarios da tradição mais pura, e menos vulgar, empregassem a palavra Monan para designar o primeiro e unico Ser criador de tudo, sendo Tupan a personificação de algum attributo sensivel de Monan, o Criador; como Uranus, pai de Titan, é o primeiro deos da mythologia grega, postoque para o vulgo da Grecia fosse Jupiter o deos supremo.

O que tambem nos parece digno de reparo, é que a palavra monan lembra o monas, a unidade grega, o elemento simples e gerador da doutrina de Pythagoras; do mesmo modo que Tupan lembra topan, o tudo deificado!

Na lingua Tupi tu pá significa trovão; por conseguinte Tupan, ou antes Tupâna, como vem no Diccionario que attribuimos á Anchieta, e como ouvimos pronunciar a muita gente no Pará, onde esse vocabulo é muito vulgar, significa litteralmente o Tonante, como se designa Jupiter; porque a terminação ana emprega-se muitas vezes nessa lingua de preferencia á terminação em ara, com que se formam os nomes verbaes.

Dessa mesma palavra parece derivar o nome gentilico Tupi, abreviação de Tupani, que claramente, e sem a menor duvida significaria Tupanzinhos, ou descendentes de Tupan; pois que a letra i no final dos nomes é o diminutivo correspondente ao nosso zinho; e como de Pedro dizemos

Pedrinho, e não Pedrozinho, e de Brazil fazemos Brasis, brasílicos, brasílenses, brasílianos, e brasíleiros, e impropriamente por este ultimo nos appellidamos; assim elles de Tupan podiam se dizer Tupís, e não Tupanis. Fazendo o devido desconto da corrupção de uma lingua não escripta, e da orthographia adoptada pelos Europeos, para exprimir conforme bem ou mal ouviam os sons ás vezes aspirados e confuzos das palavras tupís, esta etymologia não é tão forçada como tantas bem aceitas e incontestaveis das mais cultas linguas.

---

Nota 2. Pag. 36.

O mais valente

É na guerra por chefe respeitado.

Ácerca da crença, leis e governo dos selvagens, é curioso o que diz Gabriel Soares no Cap. 150, Parte 2.<sup>a</sup> do seu Tratado descriptivo do Brasil; e foi depois repetido por Simão de Vasconcellos no § 116, Liv. 1.<sup>o</sup> da sua Chronica da Companhia de Jesus: „que faltavam ao alphabeto dos Indios as lettras F, L, R, porque elles não tinham Fé, nem Lei, nem Rei.“ Como si em todas as nações, em todas as linguas sómente assim se devessem chamar as cousas correspondentes a esses nomes! Discorrendo o primeiro escriptor ácima citado sobre a falta dessas tres lettras, diz: „Si não tem F, é porque não tem fé em nenhuma cousa que adorem; nem os nascidos entre christãos, e dou-

trinados pelos padres da Companhia, teem fé em Deos nosso Senhor, nem teem verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem. E si não teem L na sua pronunciação, é porque não teem lei nenhuma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz a lei a seu modo, e ao som da sua vontade, sem haver entre elles leis com que se governem; nem teem lei uns com os outros. E si não teem esta lettra R na sua pronunciação, é porque não teem rei que os reja, e a quem obedecam; nem obedecem a ninguem, nem ao pai o filho, nem ao filho o pai, e cada um vive ao som da sua vontade.“  
Que razões! Que provas!

Mas pergunto: si assim tão brutos e independentes eram os selvagens da raça Tupica; si nada dessas cousas tinham; si em nada criam; si a ninguem respeitavam e obedeciam; si por nenhuma lei ou practica se regiam: como então acreditavam elles na existencia de um Ente Supremo, a quem denominavam Tupan? Como admittiam os espiritos malignos Anhangás, Juruparís, Curupíras e outros? Como respeitavam os seus Payés, sacerdotes, ou feiticeiros? Como com tanto agasalho recebiam os estrangeiros? Como viviam em tabas ou aldeias? Como elegiam os seus Caeiques, e Morobixabas, escolhendo os mais capazes para esse cargo, si o fallecido chefe não deixava filho ou irmão com as qualidades necessarias para isso, segundo nos assegura o mesmo Gabriel Soares?! Não acreditavam

elles em nenhuma cousa? E esse mesmo auctor diz: „Bastava que um Payé lhes dicesse: vai, que has de morrer, para que esses barbaros se fossem deitar nas redes, pasmados, sem quererem comer, e de pasmo se deixassem morrer!“ Então eram elles nimiamente credulos! Não tinham lei com pessoa alguma? Eram por conseguinte egoistas, perfidos e ingratos? E Soares escrevêo no capitulo 160, parte 2.<sup>a</sup> „Costumam mais estes Indios, quando veem de caçar ou pescar, partirem sempre do que trazem com o principal da casa em que vivem, e o mais entregam ás suas mulheres, ou a quem tem o cuidado de os agasalhar no seu lanço... Teem estes Tupinambás uma condição mui bôa para frades franciscanos, porque o seu fato e quanto teem é commum a todos os da casa que querem usar delle; assim das ferramentas, que é o que mais estimam, como das suas roupas, si as teem, e do seu mantimento; os quaes, quando estão comendo, pôde comer com elles quem quizer, ainda que seja contrario, sem lh'o impedirem, nem fazerem por isso carranca!“ Logo tinham lei até com os seus inimigos; eram humanos e hospitaleiros, e praticavam, sem o saberem, uma das mais bellas virtudes do christianismo!

O padre Simão de Vasconcellos, que no livro 1.<sup>o</sup> da sua Chronica repete, sem declarar a origem, aquellas desarrazoaveis reflexões sobre a falta das tres letras, cita no principio do livro 2.<sup>o</sup> os nomes

de grande numero de Caciques que, convertidos á Fé com milhares de Indios „foram, como diz elle, afamados, louvados e premiados dos governadores e reis, por valerosos, engenhosos, guerreiros e fieis; e o que mais é, por doceis, pios, amorosos, republicos e christãos, soffredores de todos os contrastes“. E acrescenta: „Chegaram a ter para sí muitos daquelles primeiros povoadores, não só idiotas, mas ainda mesmo lettrados, que os Indios da America não eram verdadeiramente homens racionaes, nem individuos da verdadeira especie humana, e por conseguinte que eram incapazes dos Sacramentos da Sancta Igreja: que podia tomal-os para sí qualquer que os houvesse, servir-se delles, da mesma maneira que de um camello, de um cavallo, ou de um boi; feril-os, maltratal-os, matal-os sem injuria alguma, restituição, ou peccado. E o peor é que pôz o interesse dos homens em praxe usual tão deshumana opinião.“ Eis pois revelado o segredo de todas as calumnias contra os pobres Indios! Cremos que bem se póde louvar a civilisação, e apreciar os serviços prestados pelos primeiros colonisadores desta parte da America, sem que por isso necessario seja infamar e calumniar os Indios.

Nota 3. Pag. 37.

De tacapes e maças de páo-ferro.

Tacapes são umas grandes clavas de páo durissimo como as clavas dos antigos cavalleiros.

Nota 4. Pag. 40.

A marcial inúbia, longa tromba.

A inúbia é uma especie de grande bosina, feita de páo, e usada na guerra.

---

Nota 5. Pag. 44.

Em seus corceis ao Curultai armados.

Curultai é a assembléa soberana dos Tartaros, onde todos os homens livres comparecem a cavallo, tratamde paz e de guerra, e proclamam as suas leis.

---

Nota 6. Pag. 47.

Descido aos campos de eternaes deleites.

Crêm os Indios que as almas dos guerreiros, separadas do corpo pela morte, vão nos corpos dos colibres habitar os campos alegres, além das montanhas azues, isto é, além das nuvens do céo, onde gozam de contínuos deleites.

As almas dos máos, porém, e as dos cobardes, são, segundo elles, devoradas pelos Anhangás, genios malfazejos como os nossos demonios.

---

Nota 7. Pag. 50.

No Guanabara estava n'um rochedo.

Este rochedo é denominado hoje Villegagnon, occupado naquelle tempo pelos Francezes, que n'elle se haviam fortificado, sob o commando do cavalleiro d'aquelle nome, que ficou em memoria.

Mem de Sá, mandado pela rainha D. Catharina, com alguns navios de guerra, d'alli os expulsou em Janeiro de 1560, quatro annos depois que os Francezes se tinham apoderado daquella ilhota e n'ella edificado o forte Coligny, que foi demolido pelos Portuguezes. Os Tamoyos prestaram apoio aos Francezes nesse combate.

---

**Nota 8.** Pag. 48.

Os seus trovões não são Tupaçunangas,  
Nem os seus raios são Tupaberabas.

Tupaçunangas quer dizer verdadeiros trovões de Tupan, e Tupaberabas verdadeiros raios de Tupan; em opposição aos trovões e raios produzidos pelas armas de fogo.

---

**CANTO III.**

**Nota 1.** Pag. 74.

Ou sejam Anhangás, ou sejam homens.

Anhangás, ou anhangas, espiritos máos, ou phantasmas. Creio ser esta palavra composta de Anh ô, só, e Anga, alma; isto é: alma só, ou alma sem corpo.

---

**Nota 2.** Pag. 78.

O ardente nanauhy, e outros diversos  
Saborosos licores...

Muitas especies de vinhos fabricam os Indios:  
do ananaz fazem o nanauhy, do cajú o cajuhy, da

pacova o pacohy, do milho o abatihy, da raiz do aipim o cauim etc.

---

**Nota 3.** Pag. 80.

Pois eu te chamarei cuaraciaba.

Cuaraciaba quer dizer — cabelo do sol. Cuaracy, sol, e aba, cabelo. Nome de uma especie de colibre.

---

**Nota 4.** Pag. 79.

Como um sahy de um guanumby ao lado.

O sahy é uma linda especie de passarinho geralmente conhecido. O guanumby é o nome generico que dão os Indios a todas as especies de colibres.

---

**Nota 5.** Pag. 81.

Troam todas as bellicas inúbias, Marraques e urucás.

Varios instrumentos musicos possuem os Indios: a inúbia guerreira, de que já fallámos na nota 3.<sup>a</sup> do 2.<sup>o</sup> canto: o marraque, ou maracá, que consiste em um cabaço cheio de pedrinhas, suspenso em um cabo enfeitado de pennas; póde ser comparado a um grande ehocalho com que brincam as nossas crianças: o urucá é outro instrumento, cuja fórma não sei indicar.

---

## CANTO IV.

Nota 1. Pag. 107.

Plantou Tamandaré para seus filhos.

Tamandaré é o Noé dos povos brasilicos. Segundo a sua tradição, esse Payé, ou Mago de grande saber, fôra avisado por Tupan, excellencia superior, que um diluvio devia inundar a terra, e cobrir os montes, á excepção de uma palmeira que estava em certa montanha mui alta: nessa palmeira salvou-se Tamandaré e sua familia, alimentando-se com os seus fructos durante o diluvio; findo o qual desceram, e de novo povoaram a terra.

---

Nota 2. Pag. 111.

Com tanto amor te dêo, caro Araujo.

Meu amigo o Snr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, Director da Academia Imperial das Bellas-Artes, auctor das Brasilianas.

---

Nota 3. Pag. 113.

Da immovel araponga que soluça.

A araponga é um passaro branco como a neve, do tamanho de uma pequena pomba; tem o bico largo na raiz, um pedaço depennado e de côr verde a roda dos olhos. Este passaro pousa no tôpo da mais alta arvore dos bosques, e alli passa a maior parte do dia em um canto mavioso, que imita bem

o ferrador atarracando ferraduras na bigorna.  
(Ayres do Casal, Chorographia Brasílica.)

---

Nota 4. Pag. 116.

Que os malignos genios Macacheras,  
E os ruins Juruparís os acommettam.

Macacheras são os espiritos dos caminhos; e Juruparis, espiritos máos, que Simão de Vasconcellos confunde com os Anhangás, e que talvez sejam os espiritos dos mattos.

---

Nota 5. Pag. 120.

Fugir!... que Curupira malfazejo  
Inspirou-te tão baixos pensamentos?

Curupiras são os espiritos dos pensamentos, segundo Simão de Vasconcellos. Mas no Diccionario Portuguez e Brasiliano, publicado em Lisboa, vejo Juruparí corresponder á palavra diabo, e Curupira a demonio que apparece no matto. Sendo pois certo que os Indios acreditam na existencia de uns espiritos que apparecem nos bosques, inclino-me a crer serem estes os denominados Juruparis, e não Curupiras, sendo estes ultimos os espiritos que presidem aos pensamentos, como diz o citado chronista Vasconcellos.

---

Nota 6. Pag. 121.

Como as tapiras, que de tudo fogem.

Tapiras, ou antas, quadrupede da grandeza de um bezerro, timido e velocissimo na carreira; foge quando é atacado, e só resiste quando cançado já não póde fugir.

---

Nota 7. Pag. 127.

Que mysterios são estes da Natura?

Esta feitiçaria da Tangapema vem mencionada no livro 2.º, paragrapho 17, da Chronica da Companhia de Jesus, pelo padre Simão de Vasconcellos, que não a põe em duvida. Os que explicam a dança e oráculos das mesas, e evocação dos espiritos dos mortos pela influencia da força magnetico-animal, o que tanto occupa actualmente a attenção publica na Europa e na America, podem explicar este phenomeno do mesmo modo, e attribuil-o á mesma causa occulta. No caso contrario, poderão recorrer a uma explicação, que li em um dos numeros da Civiltá Catolica, do primeiro semestre de 1853. Revista publicada em Roma por Jesuitas, que admittindo como incontestaveis os extraordinarios phenomenos do movimento das mesas e evocação dos espiritos, attribue tudo á obra do diabo. Da mesma opinião são quasi todos os bispos de França, como o declararam em suas pastoraes publicadas nos diarios de Paris de 1853, condemnando as experiencias das mesas fallantes; opinião que acaba

de ser longamente desenvolvida e sustentada com grande erudição por Mr. Eudes de Merville, em um livro dado á luz em 1854, o qual tem por titulo: Des Esprits et de leurs manifestations fluidiques: livro bastante extraordinario para o nosso seculo.

---

## CANTO V.

Nota 1. Pag. 144.

Sempar Morobixaba dos Tamoyos.

Morobixaba é titulo correspondente ao de General em chefe.

---

Nota 2. Pag. 147.

Estes ouviram de Sumé as vozes  
Juncto do Itajurú...

Simão de Vasconcellos e outros escriptores affirmam que os Indigenas das diversas nações da America conservavam uma tradição, pela qual se collige que entre elles estivera o Apostolo S. Thomé, a quem os do Brasil chamavam Sumé. Alonga-se o mencionado Jesuita portuguez em demonstrar ser verdadeira essa tradição; e, entre as muitas razões que allega, dá como prova da passagem do Sancto Apostolo pelas terras do Brasil certas pégadas de homem, que elle vira em uma pedra em Itapuan, pouco distante da cidade da Bahia: o caminho de areia em Marapé, dez leguas

no interior do reconcavo daquela cidade: os signaes do seu bordão em um penedo do Itajurú, perto da cidade de Cabo-Frio, e outros signaes e vestigios da mesma natureza. Sem entrar aqui na elucidação dessa tradição, faço esta nota para os que, por pouco lidos em taes materias, podessem suppor ser invenção minha tanto esta tradição, quanto o mais que no texto deste poema á ella se refere.

---

## CANTO VI.

Nota 1. Pag. 174.

E desse sabio Andrada, que se ufana  
Co'os illustres irmãos...

José Bonifacio de Andrada, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, e Antonio Carlos Ribeiro Andrada, illustres promotores da independencia do Brasil, sabios e probos Ministros de Estado.

---

Nota 2. Pag. 180.

Desse prudente Lima acompanhado.

O benemerito Tenente-general Francisco de Lima e Silva, um dos primeiros Regentes na menoridade do Senhor D. Pedro II.

---

Nota 3. Pag. 182.

O nome de Caxias para exemplo.

Luiz Alves de Lima, Marquez de Caxias, Marechal de Exercito, filho do mencionado Tenente-

general Francisco de Lima e Silva, illustre pacificador das provincias do Maranhão, S. Paulo, Minas, e Rio Grande do Sul.

---

## CANTO VII.

Nota 1. Pag. 216.

A força do brutal Francisco Dias.

Este supponho eu ser aquelle immoral Francisco Dias, muitas vezes e inutilmente admoestado por Anchieta; e que talvez por fim, meio arrependido, entrando no Auto composto pelo dito padre, e representando no adro da igreja de S. Vicente em vespervas do jubileo da festa de Jesus, como nos refere Simão de Vasconcellos, dizia, falando em seu proprio nome:

A viagem stá acabada,  
A não vai-se alagando,  
E nesta vida em que ando  
Por tantas causas errada,  
Meus dias já não são nada,  
Pois pécco por tantas vias;  
Triste de Francisco Dias,  
Não lhe sinto salvação,  
Se vós, Mãe da Conceição,  
Não pagais as avarias!

---

## Nota 2. Pag. 221.

Quando alguns de entre vós té mesmo, oh crime!  
A comer carne humana os aconselham!

Para que não cream ser exageração poetica, e para que vejam mesmo que não me animei a dizer em verso o que sobre isto li em prosa, transcreverei aqui o periodo de uma carta do respeitavel padre Manoel da Nobrega, dirigida ao governador Thomé de Sousa, em data de 5 de Julho de 1550. Diz a carta: „Em toda a costa se tem geralment: por grandes e pequenos que é grande serviço de Deos Nosso Senhor fazer aos gentios que se comam, e se travem uns com os outros, e nisto tem mais esperança que em Deos vivo: enisso dizem consistir o bem e segurança da terra, e isto approvam capitães e prelados, ecclesiasticos e seculares, e assim o poem por obra todas as vezes que se offerecem. e d'aqui vem que nas guerras passadas que se teve com o gentio sempre dão carne humana a comer, não sómente a outros Indios, mas a seus proprios escravos. Louvam e approvam ao gentio o comerem-se uns aos outros, e já se acham christãos a mastigar carne humana para dar com isso bom exemplo ao gentio.“

Esta carta, bastante longa e interressante, acha-se impressa no tomo 6.º dos Annaes do Rio de Janeiro, por Balthasar da Silva Lisboa, da pagina 63 á 101.

---

## CANTO VIII.

Nota 1. Pag. 255.

De annoso acayacá...

Acayacá é o nome que davam os Indios ao cedro.

---

Nota 2. Pag. 255.

Para fincar no canguçú que o assalta.

Canguçú é uma especie de onça, da qual se distingue pela maior grandeza do corpo e da cabeça. É sem duvida o jaguará-canguçú de que falla G. Soares, o que litteralmente se traduz — jaguar de cabeça grande.

---

## CANTO IX.

Nota 1. Pag. 266.

Loquazes Abarés, livre deixando.

Abaré, appellido que davam os Indios aos padres.

---

## CANTO X.

Nota 1. Pag. 298.

Cheios de seccas folhas de pituma.

Pituma, ou pitima, é o nome brasilico do tabaco; dahi se deriva o verbo pitar.

---

## Nota 2. Pag. 332.

Victima illustre

De amor do patrio ninho e liberdade,  
Elle, que aqui nasceo, nos lega o exemplo  
De como esses dous bens amar devemos.

O Sr. Varnhagen, tomando a peito, em honra da civilização, justificar as barbaridades praticadas pelos primeiros colonos europeos contra os Indigenas da nossa America, mais talvez do que a humanidade e a politica o aconselhavam, diz na sua Historia Geral, sem duvida alludindo ao heroe deste poema: „Não foram os Aimbiros que civilisaram o Brasil“.

Acudo ao desafio, sentindo que me viesse de um litterato que estimo; e pergunto-lhe si foram as iras de Achilles que civilisaram a Grecia? E que bello exemplo civilizador nos offerece o incendio de Troia por meio de uma perfidia, e por causa de uma mulher que se deixa raptar? E si porventura Heitor, vencido e arrastado em torno dos muros da sua cidade, não é mais sympathico do que o furibundo Grego, filho de Thetis? Entretanto Homero era Grego!

Pergunto-lhe ainda si a desobediencia de Adão a Deos, que tudo lhe dera no Paraiso, é um exemplo civilizador que deva ser imitado por nós seus filhos? Entretanto tal é o assumpto que escolheu Milton para o seu sublime poema.

Mas o homem corajoso que pugna pelos seus naturaes direitos, que morre por amor da sua liber-

dade, e do seu patrio ninho, invadido por estrangeiros; qualquer que seja o seu estado, selvagem como civilisado, offerece um grande espectáculo, um nobre exemplo, credor dos louvores dos poetas, e digno de ser por todos imitado: e si esse heróe nascêo na nossa terra, si é tão Brasileiro como nós, não sei porque não exaltaremos essas virtudes, mais dignas de admiração do que o sanguinario trafico do sordido egoismo que se apavona de meio civilisador. Os Portuguezes que se ufanam, e com razão, de falar uma lingua que Venus, como diz o seu epico.

Com pouca corrupção crê que é Latina:

e com ella receberam o gremem da civilisação romana, não se desprezam comtudo do seu selvagem Viriato.

Destro na lança, mais, que no cajado.

Si a redempção do genero humano liga-se ao peccado de Adão, a fundação do Rio de Janeiro, hoje capital de um grande Imperio, liga-se neste poema á defesa heroica dos Tamoyos dirigidos por Aimbire. Sem ella não se teria apressado Mem de Sá, e os seus, a vir fundar a Cidade, para evitar que os Francezes aqui se estabelecessem.

Eu não ponho no poema a civilisação e os colonos portuguezes de um lado; a barbaria e os Indigenas do outro. No poema, como nos documentos historicos que estudei, marcham os Portuguezes apoiados sempre por immenso numero de indi-

genas, que foram os instrumentos de tudo o que então se fez de notavel na nossa terra. Em favor dos que resistem, não á civilisação, mas ao captivo, e á força bruta dos invasores, que das veias lhes tiravam o ouro vermelho comque se enriqueciam, como diz o P. Vieira, falla a religião, falla a humanidade pelos labios de Anchieta e de Nobrega; falla o direito natural, e o coração humano nos feitos de Aimbire. Afinal a victoria é da civilisação e do futuro, para o que tambem Aimbire concorre com o exemplo do amor filial, do amor patrio, do amor á liberdade, da fé a palavra dada, e do respeito aos Ministros de uma religião de paz, defendendo-lhes a vida quando outros tentaram matal-os. Canto por conseguinte virtudes civilisadoras, e não a barbaria. Amar a civilisação não consiste em justificar os crimes, e as atrocidades de que ella anda inçada, e menos pregar o despotismo da força, a intolerancia religiosa, e as vantagens da cubiça; isso é applaudir a selvageria em homens que se dizem civilisados.

Nós que somos Brasileiros, porque no Brasil nascemos, qualquer que seja a nossa origem indigena, portugueza, hollandeza ou allemã, fazemos causa commum com os que aqui nasceram antes de nós, e consideramos como estrangeiros os mais homens. Assim fazem todos os povos a respeito dos seus compatriotas. A Patria é uma idéa, representada pela terra em que nascemos. Quanto a origem

das raças humanas, isso é questão de historia, pela qual se não regula o patriotismo.

De resto, o heróe de um poema é um pretexto, uma regra d'arte para a unidade da acção. Ninguém se persuade que o fim de Homero na Iliada fosse celebrar as iras de Achilles; nem que Virgilio tomasse a peito a gloria de Eneas, nem Camões a do Gama, nem Tasso a de Goffredo, nem que Milton pretendesse glorificar a desobediencia de Adão. Outro é o fim das Epopéas, e o genero humano que as applaude, mais se interessa com o canto do que com os heróes cantados.



F I M.